

CARTAS A TIMÓTEO

2Timóteo

COMENTÁRIO ESPERANÇA

autor

Hans Bürki

Editora Evangélica Esperança

Copyright © 2007, Editora Evangélica Esperança

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela:

Editora Evangélica Esperança
Rua Aviador Vicente Wolski, 353
82510-420 Curitiba-PR

E-mail: eee@esperanca-editora.com.br
Internet: www.esperanca-editora.com.br

Editora afiliada à ASEC e a CBL

Título do original em alemão

Der zweite Brief des Paulus an Timotheus, die Brief an Titus und an Philemon

Copyright © 1975 R. Brockhaus Verlag

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bürki, Hans

Cartas aos Tessalonicenses, Timóteo, Tito e Filemom / Werner de Boor, Hans Bürki / tradução Werner Fuchs --
Curitiba, PR : Editora Evangélica Esperança, 2007.

Título original: Der Briefe des Paulus an die Thessalonicher; Der erste Brief des Paulus an Thimotheus; Der
zweite Brief des Paulus an Thimotheus, die Briefe an Titus und an Philemon.

ISBN 978-85-86249-97-6 Capa dura

ISBN 978-85-86249-98-3 Capa dura

1. Bíblia. N.T. Crítica e interpretação

I. Título.

06-2419 CDD-225.6

Índice para catálogo sistemático:

1. Novo Testamento : Interpretação e crítica 225.6

É proibida a reprodução total ou parcial sem permissão escrita dos editores.

Sumário

ORIENTAÇÕES PARA O USUÁRIO DA SÉRIE DE COMENTÁRIOS

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

PREFÁCIO

Questões Introdutórias

O Proêmio – 2Tm 1.1s

1. Remetente e destinatário – 2Tm 1.1-2a
2. Saudação – 2Tm 1.2b

O texto da carta – 2Tm 1.3-4.18

I. Timóteo no empenho pelo evangelho – 2Tm 1.3-5,13

1. Oração e gratidão por Timóteo – 2Tm 1.3-5
2. Testemunhar no poder do Espírito – 2Tm 1.6-14
 - a) Dom e poder do Espírito – 2Tm 1.6-7
 - b) Convocado como testemunha – 2Tm 1.8-12
 - c) Preservar por intermédio do Espírito – 2Tm 1.13s

3. O exemplo das testemunhas – 2Tm 1.15-18

- a) O mau testemunho – 2Tm 1.15
- b) O bom testemunho – 2Tm 1.16-18

4. Timóteo como testemunha do evangelho – 2Tm 2.1-13

- a) Lutar como companheiro de sofrimentos do apóstolo – 2Tm 2.1-7
- b) Perseverar na comunhão de sofrimentos com Jesus – 2Tm 2.8-10
- c) O Senhor continua fiel – 2Tm 2.11-13

II. Timóteo na resistência contra o evangelho deturpado – 2Tm 2.14-4.5

A. Os atuais falsos mestres – 2Tm 2.14-26

1. Preservar o cerne da verdade da salvação – 2Tm 2.14-19
 - a) Fé e conduta desencaminhada – 2Tm 2.14-18
 - b) O sólido fundamento de Deus – 2Tm 2.19
2. Como Timóteo é capaz de resistir – 2Tm 2.20-26
 - a) Purificação para o serviço – 2Tm 2.20-22
 - b) Refutando os falsos mestres com brandura – 2Tm 2.23-26

B. Os futuros hereges – 2Tm 3.1-17

1. A característica do fim dos tempos – 2Tm 3.1-9
 - a) Pecado camuflado pela devoção – 2Tm 3.1-5
 - b) Os sedutores devotos – 2Tm 3.6-9
2. O verdadeiro mestre do evangelho – 2Tm 3.10-17
 - a) Paulo como exemplo – 2Tm 3.10-13
 - b) Timóteo, um homem de Deus por meio da palavra de Deus – 2Tm 3.14-17
 - c) Realizar fielmente o serviço – 2Tm 4.1-5

C. O apóstolo chegou ao alvo – 2Tm 4.6-18

1. Sua corrida foi consumada – 2Tm 4.6-8
2. Timóteo deve vir com urgência – 2Tm 4.9-13
3. É preciso contar com oposição – 2Tm 4.14-16
4. O Senhor salva em tudo – 2Tm 4.17s

O final da carta – 2Tm 4.19-22

1. Saudações – 2Tm 4.19-21
2. Voto de bênção – 2Tm 4.22

BIBLIOGRAFIA

Com referência ao texto bíblico:

O texto de 2Timóteo está impresso em negrito. Repetições do trecho que está sendo tratado também estão impressas em negrito. O itálico só foi usado para esclarecer dando ênfase.

Com referência aos textos paralelos:

A citação abundante de textos bíblicos paralelos é intencional. Para o seu registro foi reservada uma coluna à margem.

Com referência aos manuscritos:

Para as variantes mais importantes do texto, geralmente identificadas nas notas, foram usados os sinais abaixo, que carecem de explicação:

TM O texto hebraico do Antigo Testamento (o assim-chamado “Texto Massorético”). A transmissão exata do texto do Antigo Testamento era muito importante para os estudiosos judaicos. A partir do século II ela tornou-se uma ciência específica nas assim-chamadas “escolas massoréticas” (massora = transmissão). Originalmente o texto hebraico consistia só de consoantes; a partir do século VI os massoretas acrescentaram sinais vocálicos na forma de pontos e traços debaixo da palavra.

Manuscritos importantes do texto massorético:

Manuscrito: redigido em: pela escola de:

Códice do Cairo (C) 895 Moisés ben Asher

Códice da sinagoga de Aleppo depois de 900 Moisés ben Asher

(provavelmente destruído por um incêndio)

Códice de São Petersburgo 1008 Moisés ben Asher

Códice nº 3 de Erfurt século XI Ben Naftali

Códice de Reuchlin 1105 Ben Naftali

Qumran Os textos de Qumran. Os manuscritos encontrados em Qumran, em sua maioria, datam de antes de Cristo, portanto, são mais ou menos 1.000 anos mais antigos que os mencionados acima. Não existem entre eles textos completos do **AT**. Manuscritos importantes são:

- O texto de Isaías
- O comentário de Habacuque

Sam O Pentateuco samaritano. Os samaritanos preservaram os cinco livros da lei, em hebraico antigo. Seus manuscritos remontam a um texto muito antigo.

Targum A tradução oral do texto hebraico da Bíblia para o aramaico, no culto na sinagoga (dado que muitos judeus já não entendiam mais hebraico), levou no século III ao registro escrito no assim-chamado Targum (= tradução). Estas traduções são, muitas vezes, bastante livres e precisam ser usadas com cuidado.

LXX A tradução mais antiga do **AT** para o grego é chamada de “Septuaginta” (**LXX** = setenta), por causa da história tradicional da sua origem. Diz a história que ela foi traduzida por 72 estudiosos judeus por ordem do rei Ptolomeu Filadelfo, em 200 a.C., em Alexandria. A **LXX** é uma coletânea de traduções. Os trechos mais antigos, que incluem o Pentateuco, datam do século III a.C., provavelmente do Egito. Como esta tradução remonta a um texto hebraico anterior ao dos massoretas, ela é um auxílio importante para todos os trabalhos no texto do **AT**.

Outras Ocasionalmente recorre-se a outras traduções do **AT**. Estas têm menos valor para a pesquisa de texto, por serem ou traduções do grego (provavelmente da **LXX**), ou pelo menos fortemente influenciadas por ela (o que é o caso da Vulgata):

- Latina antiga por volta do ano 150
- Vulgata (tradução latina de Jerônimo) a partir do ano 390
- Copta séculos III-IV
- Etíope século IV

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

I. Abreviaturas gerais

| | |
|--------|--------------------------|
| AT | Antigo Testamento |
| cf | confira |
| col | coluna |
| gr | Grego |
| hbr | Hebraico |
| km | Quilômetros |
| lat | Latim |
| LXX | Septuaginta |
| NT | Novo Testamento |
| opr | Observações preliminares |
| par | Texto paralelo |
| p. ex. | por exemplo |
| pág. | página(s) |
| qi | Questões introdutórias |
| TM | Texto massorético |
| v | versículo(s) |

II. Abreviaturas de livros

| | |
|--------|--|
| Bl-De | <i>Grammatik des ntst Griechisch</i> , 9ª edição, 1954. Citado pelo número do parágrafo |
| CE | <i>Comentário Esperança</i> |
| Ki-ThW | Kittel: <i>Theologisches Wörterbuch</i> |
| NTD | <i>Das Neue Testament Deutsch</i> |
| Radm | <i>Neutestl. Grammatik</i> , 1925, 2ª edição, Rademacher |
| St-B | <i>Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch</i> , vol. I-IV, H. L. Strack, P. Billerbeck |
| W-B | <i>Griechisch-deutsches Wörterbuch zu den Schriften des Neuen Testaments und der frühchristlichen Literatur</i> , Walter Bauer, editado por Kurt e Barbara Aland |

III. Abreviaturas das versões bíblicas usadas

O texto adotado neste comentário é a tradução de João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada no Brasil, 2ª ed. (RA), SBB, São Paulo, 1997. Quando se fez uso de outras versões, elas são assim identificadas:

| | |
|-----|-------------------------------------|
| BLH | Bíblia na Linguagem de Hoje (1998) |
| BJ | Bíblia de Jerusalém (1987) |
| BV | Bíblia Viva (1981) |
| NVI | Nova Versão Internacional (1994) |
| RC | Almeida, Revista e Corrigida (1998) |
| TEB | Tradução Ecumênica da Bíblia (1995) |
| VFL | Versão Fácil de Ler (1999) |

IV. Abreviaturas dos livros da Bíblia

ANTIGO TESTAMENTO

| | |
|-----|--------------|
| Gn | Gênesis |
| Êx | Êxodo |
| Lv | Levítico |
| Nm | Números |
| Dt | Deuteronômio |
| Js | Josué |
| Jz | Juízes |
| Rt | Rute |
| 1Sm | 1Samuel |
| 2Sm | 2Samuel |
| 1Rs | 1Reis |
| 2Rs | 2Reis |
| 1Cr | 1Crônicas |
| 2Cr | 2Crônicas |

Ed Esdras
Ne Neemias
Et Ester
Jó Jó
Sl Salmos
Pv Provérbios
Ec Eclesiastes
Ct Cântico dos Cânticos
Is Isaías
Jr Jeremias
Lm Lamentações de Jeremias
Ez Ezequiel
Dn Daniel
Os Oséias
Jl Joel
Am Amós
Ob Obadias
Jn Jonas
Mq Miquéias
Na Naum
Hc Habacuque
Sf Sofonias
Ag Ageu
Zc Zacarias
Ml Malaquias

NOVO TESTAMENTO

Mt Mateus
Mc Marcos
Lc Lucas
Jo João
At Atos
Rm Romanos
1Co 1Coríntios
2Co 2Coríntios
Gl Gálatas
Ef Efésios
Fp Filipenses
Cl Colossenses
1Te 1Tessalonicenses
2Te 2Tessalonicenses
1Tm 1Timóteo
2Tm 2Timóteo
Tt Tito
Fm Filemom
Hb Hebreus
Tg Tiago
1Pe 1Pedro
2Pe 2Pedro
1Jo 1João
2Jo 2João
3Jo 3João
Jd Judas
Ap Apocalipse

OUTRAS ABREVIATURAS

O final do livro contém indicações de literatura.

(A 25) Apêndice (sempre com número)

Traduções da Bíblia (sempre entre parênteses, quando não especificada, tradução própria ou Revista de Almeida

(A) L. Albrecht

(E) Elberfeld

(J) Bíblia de Jerusalém

(NVI) Nova Versão Internacional

(TEB) Tradução Ecumênica Brasileira (Loyola)

(W) U. Wilckens

(QI 31) Questões introdutórias (sempre com número, referente ao respectivo item)

Past cartas pastorais

ZTK *Zeitschrift für Theologie und Kirche*

ZNW *Zeitschrift für neutestamentliche Wissenschaft und die Kunde der älteren Kirche*

[ver: Novo Dicionário Internacional de Teologia do NT (ed. Gordon Chown), Vida Nova.]

PREFÁCIO

No primeiro volume do comentário às cartas pastorais apresentei em detalhes as Questões Introdutórias (QI). No segundo volume inicio diretamente com o comentário a 2Tm, visto que me resta somente uma breve contribuição introdutória à carta de Tito. De qualquer modo, no comentário a Tt faço freqüentes referências a 1Tm, porque as duas epístolas têm muito em comum. Toda vez que insiro um ponto de exclamação depois de uma passagem bíblica é importante verificar a explicação ao referido texto, já que no presente volume não a repetirei e no máximo farei alguns acréscimos.

O leitor perceberá que não fui rigorosamente coerente na distribuição das referências bíblicas no texto, na margem e nas notas de rodapé. Quando se trata de listagens de palavras, em geral inseri as observações sobre textos bíblicos diretamente na parte do comentário. De resto tive o cuidado de desonerar ao máximo o comentário de citações bíblicas, visando facilitar a leitura.

Dediquei atenção especial às referências de outras passagens bíblicas porque creio que a melhor regra exegética ainda é explicar a Escritura por meio da Escritura. Ao mesmo tempo tive o cuidado de não juntar simplesmente passagens bíblicas que denotem uma semelhança formal, mas aquelas que se encontram em uma correlação que faça sentido. Os milhares de referências bíblicas não têm a intenção de ornamentar adicionalmente o comentário, e sim auxiliar no estudo, para que se penetre mais profundamente nos nexos bíblicos, levadas em conta as diferenças entre, e dentro de cada escrito bíblico.

Também a Introdução à carta a Filemom foi formulada com muita brevidade. Em contrapartida, transcendendo o formato de uma interpretação que se atém estritamente ao texto bíblico, embora eu pense que uma tradução e aplicação mais pormenorizada do texto bíblico para a atualidade e a respectiva situação do momento não é tarefa de um comentário bíblico. Admito prontamente que não é por acaso que escrevi um apêndice mais extenso sobre a questão da mulher (no volume 1) e outro sobre a questão do escravismo neste volume! Em todas as quatro cartas toquei profundamente o aspecto humano, e essa correspondência apostólica tão profícua “quer no humano, quer no Senhor” (Fm 16!) há muitos anos sensibilizou meu coração, na verdade interpelando e despertando em mim o tema fundamental para meu pensar e agir. Razão disso é que o título de minha dissertação foi: “A discussão entre humanismo e cristianismo em Pestalozzi” (1949). Durante os últimos 25 anos segui a trilha desse tema em minhas viagens em redor do globo no encontro com pessoas das mais diversas culturas e religiões: o que é o ser humano e que significa ser cristão como ser humano, e ser um ser humano como cristão?

Localizo os pontos culminantes das quatro cartas nos trechos litúrgicos ou hínicos, porque é no louvor que a realidade viva de Deus é invocada e anunciada. Percebo-os naquelas passagens em que o pulsar do coração humano se torna perceptível no sofrimento e na fraqueza, no humor e na ironia, no perigo de morte e no consolo de amigo, no profundo afeto e no amor libertador.

Novamente desejo agradecer de coração a Otto-Siegfried von Bibra por sua cuidadosa revisão crítica do manuscrito, bem como a Heidi Bäuerle, de Stuttgart, por digitar 2Tm. Desta vez datilografei pessoalmente os comentários a Tito e Filemom, notando justamente durante esse trabalho o quanto devo aos que me ajudaram anonimamente. Um leitor me escreveu que usou o primeiro volume para sua meditação diária perante Deus. Lia um trecho da Bíblia, re-fletia primeiramente de forma pessoal, e em seguida recorria ao comentário. Enviou-me uma carta de grande alegria quando terminou 1Tm, fato esse que representou um refrigério também para mim. Um grupo de estudantes encomendou 20 exemplares, porque pretendiam fazer a mesma coisa em conjunto.

Gostaria de saudar a todos os leitores, desejando-lhes que obtenham ganhos “quer no humano, quer no Senhor”, quando reservam tempo para refletir sobre a palavra de Deus e deixá-la agir em sua vida.

QUESTÕES INTRODUTÓRIAS

1. Desde D. N. Berdot (1703) e P. Anton (1726) as cartas a Timóteo e a Tito são chamadas “*cartas pastorais*” (past). Mas Tomás de Aquino († 1274), em sua introdução a 1Tm, já mencionava *pastoralis regulae* (instruções, regras para pastores). As três cartas para pastores são dirigidas pelo pastor Paulo aos pastores Timóteo e Tito, e por meio desses dois, aos pastores das igrejas em redor de Éfeso e na ilha de Creta. O fato de que também as igrejas estão incluídas como destinatárias das cartas é evidenciado, p. ex., pelo posicionamento da oração eclesial, na qual se aborda a conduta de todos os homens e mulheres na igreja (1Tm 2.8-15) antes da enumeração dos diversos serviços na igreja e de suas demandas (1Tm 3.1-13). As considerações sobre os servos da igreja voltam a desembocar na conduta e no culto de todos a Deus (1Tm 3.14-16).

2. A *interpelação pessoal* é característica para o estilo das três cartas. Apesar de a carta a Filemom também se dirigir a uma pessoa em particular, ela não faz parte das past no que tange a conteúdo, estilo e época de redação. As demais cartas de Paulo são dirigidas a igrejas. É bem verdade que a carta aos Filipenses – fato que não deixará de ser relevante para a compreensão e a interpretação das past – também cita, depois do endereçamento “a todos os santos”, como destinatários os presidentes e diáconos (Fp 1.1).

3. Ademais as past têm *em comum* a situação histórica das igrejas, dos colaboradores interpelados e do remetente, além do vocabulário, do desdobramento da doutrina do evangelho e do combate às heresias. No âmbito desses pontos em comum, porém, há também consideráveis diferenças: 1Tm tem o dobro do comprimento de Tt, com a qual possui a maior semelhança, a ponto de Tt ter sido considerada como edição abreviada de 1Tm e adaptada às circunstâncias. No entanto 2Tm chama atenção por causa das muitas declarações de cunho bem pessoal e pelo insistente tom de apelo.

4. A *autoria paulina* das past não foi questionada desde o séc. I até 1804 (J. Schmidt) e 1807 (F. Schleiermacher). Desde que Schleiermacher contestou a autenticidade de 1Tm por razões estilísticas e idiomáticas (as “características interiores” para a autoria de uma carta), não teve mais fim a controvérsia em torno de autoria, época de redação e interpretação de todas as três cartas. Defensores e críticos da autenticidade acumularam cada vez mais argumentos para fundamentar sua decisão. Justamente aquelas cartas que advertem com tanta insistência contra discussões (1Tm 1.4; 6.20,21; 2Tm 2.14,23; Tt 3.9) tornaram-se centro de uma luta por palavras que se solidificou cada vez mais em uma infrutífera guerra de posições: quem rejeita a autenticidade da carta procura apresentar as expressões que parecem de Paulo como imitação consciente de um autor posterior, e as novas formulações não conhecidas nos demais escritos de Paulo como provas de que nem tudo pode ser de Paulo. Quem defende a autenticidade argumenta de forma exatamente oposta: a mais leve semelhança com Paulo precisa ser interpretada a favor da autoria de Paulo e toda diferença em relação às cartas anteriores de Paulo depõe contra o argumento de um falso autor que, afinal, se estivesse tentando fazer uma imitação, teria procedido de forma mais cuidadosa, a fim de dissimular suas próprias marcas.

Contudo, não é possível obter clareza com base nesses entendimentos prévios. Uma vez que os elementos paulinos, independentemente de como forem aquilatados, predominam de tal maneira nas past, nenhuma crítica às “características interiores”, por mais radical que seja, por si só é suficiente para refutar a autoria de Paulo.

5. Analisemos mais de perto *três diferentes possibilidades de “entendimentos preconcebidos”*:

a) Afirma-se que com os métodos da pesquisa histórico-crítica é possível chegar a uma compreensão das Escrituras melhor do que a dos próprios autores. Por exemplo, M. Dibelius escreve em um comentário às past (p. 95): “Evidentemente o autor não tem diante de si a seqüência dos acontecimentos (por nós reconstruída) na vida de Paulo da forma como nós teólogos de hoje...” Por isso pode-se “na melhor das hipóteses supor que o autor simplesmente se equivocou”. Portanto o “teólogo de hoje” sabe que as anotações pessoais surgiram de algumas informações dignas de crédito, de lendas sobre Paulo e da combinação de notícias. Conseqüentemente, o final de 2Tm pode ser explicado assim: “O admirável etos da seção final, uma concretização da consciência de envio apostólico-missionário no sofrimento, induziu vários comentaristas a proteger essa carta ou pelo menos sua parte final contra a suspeita da inautenticidade. Contudo, uma vez que o predicado ‘impossível de inventar’ pode não significar nada nesse caso – quantas cenas que respiram a proximidade da morte em poemas antigos e novos são ‘inventadas’! – aquela ponderação não constitui uma prova. Contudo, quem avalia apropriadamente essa característica pessoal de 2Tm, particularmente em sua relevância para a história da igreja... não mais terá grande dificuldade em considerar não-paulina essa ‘carta’, apesar de seus dados pessoais” (p. 97).

b) Para diversos o radicalismo da crítica vale como medida de confiabilidade, e até mesmo de cientificidade. É verdade que tudo pode ser cientificamente questionado, mas a crítica possui limites. A característica pessoal de 2Tm deve ser aquilatada corretamente “em sua relevância para a história da igreja”, i. é, entendida criticamente. Mas que significa isso? Primeiramente se pressupõe a inautenticidade, depois a carta é transferida ao séc. II, e então a situação da história da igreja no séc. II deve determinar a motivação e o conteúdo do escrito: “A apreciação histórica precisa entendê-las” – no caso, as past – “(na premissa de sua inautenticidade) na situação eclesial da época pós-apostólica. O

juízo sobre as cartas não pode ser separado da ampla transformação na autocompreensão da igreja que se realiza naquela época” (p. 7). Essa autocompreensão da igreja é descrita pelo termo “aburguesamento”, que desde Dibelius foi adotado pela maioria dos comentaristas de forma não exatamente crítica. No entanto, quando os próprios textos são investigados na correlação com a teologia de Paulo, antes de julgá-los com uma concepção de igreja do séc. II, eles contradizem inequivocamente ao julgamento prévio do “aburguesamento”. Além do mais é questionável se a igreja do séc. II, intensamente perseguida, já pode ser chamada de “burguesa”.

c) Quem contesta a autenticidade de uma afirmação apresenta-se como acusador, cabendo ao acusado o ônus da prova: “Aquele dúvida não constitui prova!” Na verdade deveria ser o contrário: o acusador é que precisa produzir a prova. Entretanto, que provas são essas, quando o melhor (!) é supor (!) que o autor simplesmente (!) se enganou e “que aquele que simulou cartas, certamente também (!) podia simular votos de saudação e informações pessoais” (p. 96)! Traduzindo, a frase acima diz: quem é acusado certamente também é culpado. Onde, porém, foi provado que o autor das past incorreu em culpa? É possível inventar cartas e compor “cenas que respiram a proximidade da morte”, mas será que assim é demonstrado que foi isso que aconteceu no presente caso?

Obviamente a asserção de cenas e dados pessoais “impossíveis de inventar” assinala também a reação exagerada de um defensor da autenticidade (QI 4). O crítico contesta com razão a impossibilidade fundamental de inventar tais cenas, mas ao mesmo tempo ele inventa sua própria seqüência de fatos por ele reconstruída, sem ter razão, porque com isso aumenta as dificuldades que visava eliminar com sua explicação.

6. Para poder declarar a inautenticidade das cartas, é preciso supor que foram *falsificadas*. Para não enfrentar mais “grande dificuldade”, tentou-se expor que a prática da falsificação era muito disseminada na época e não era moralmente condenável. No entanto, o que se sabe historicamente contradiz essa asserção. P. ex., entre 150-200 o presbítero de uma igreja na Ásia Menor escreveu, como ele mesmo diz, “por amor a Paulo”, os chamados “Atos de Paulo”. Foi condenado por falsificação (não por heresia) e destituído da função de presbítero, porque havia introduzido em seus Atos o nome de Paulo.

Já em 2Ts (2.2; 3.17) Paulo solicita à igreja que examine tanto a autenticidade das cartas como os espíritos dos profetas.

Até o ano de 130 não se tem notícia de falsificações; somente depois disso elas surgem em número maior. Ninguém, no entanto, situa as past depois de 130. Todas as cartas falsificadas de Paulo surgidas depois desse ano podem ser reconhecidas sem problemas: a) por sua junção superficial de palavras de Paulo retiradas de diversas cartas canônicas, b) por sua pobreza de reflexão, c) por sua brevidade, que não ocorre em nenhuma das demais cartas de Paulo. Isso estabelece parâmetros corretos para uma apreciação crítica da autenticidade das past.

H. Balz escreve que as past seriam “falsificações tendenciosas, não produtos de uma escola”, porque essas cartas “há muito se distanciaram de Paulo.” Ele encerra com a afirmação tranqüilizante de que essa atividade da falsificação teria sido considerada inócua ou natural. “Na Antigüidade, quem redigia escritos pseudo-epigráficos (i. é, de autoria desconhecida e atribuída a um nome notório), sabia o que estava fazendo... Precisava ter consciência de que seu procedimento dava ensejo a equívocos.”

Como Balz chega à acusação, tão claramente pronunciada, de que as past seriam falsificações tendenciosas, i. é, visavam introduzir conscientemente uma doutrina diferente da de Paulo em nome do próprio? Balz parte de uma concepção pré-determinada do que significa “espírito”. Por trás dos escritos das cartas de Paulo supostamente inautênticas (conforme Balz fazem parte delas também Efésios, Colossenses, etc.) está “o espírito da tradição e da norma apostólica, mas não o espírito que de acordo com 1Co 12.3 produz a confissão ao *Kýrios Iesous* (i. é, ao Senhor Jesus)” (p. 419). No começo estavam as testemunhas, sucedidas pelos criativos proclamadores e inventores, que já não justificavam pessoalmente sua fé, razão pela qual empreenderam “uma tácita modificação da tradição apostólica” (p. 43). Esse tipo de premissa não é novo. Já em 1845 F. C. Baur opinou de forma análoga sobre o espírito (do infinito) em Paulo, contrapondo-o à carne (como finita), totalmente de acordo com os parâmetros da visão hegeliana da História. Em virtude desse parâmetro restaram somente quatro cartas genuínas de Paulo, nas quais o “espírito” se expressaria de maneira pura: Rm, Gl, 1 e 2Co. Todavia sempre que espírito e tradição, espírito e cargo, espírito e Escritura são contrapostos de forma mais ou menos excludente, está subjacente esse esquema mental filosófico, que é adotado e retransmitido sem crítica, apesar de não fazer justiça à doutrina paulina do espírito.

7. Na realidade, porém, não se entende em Paulo o *contraste carne – espírito* nem de forma filosófica (finito – infinito), nem moral (sensualidade – razão), nem mística (neste mundo – em Cristo), nem soteriológico-antropológica (o ser humano carnal é redimido para ser humano espiritual), porém em termos de história da salvação e de escatologia (história do fim dos tempos): o centro da teologia de Paulo é a proclamação do tempo da salvação, que iniciou na vida, morte e ressurreição do Messias e por isso também virá na consumação. Quando se toma essa visão de Paulo como ponto de partida, todos os 13 escritos canônicos do apóstolo alinham-se de forma bem orgânica, incluindo precisamente as 3 past, sem que houvesse necessidade de intervenções artificiais.

A revelação do mistério oculto e a atestação da salvação presente e vindoura perfazem conteúdo e incumbência do evangelho. Na realidade “mistério” é uma palavra dos cultos místicos de helenistas (os cultos secretos eram entendidos e realizados de forma mágica!), mas em Paulo designa em toda e qualquer ocasião a obra redentora antes

oculta e agora revelada de Deus na história dos humanos. Sob essa ótica, 1Tm 3.16; 2Tm 1.9-11; Tt 1.2-3 estão em estreita correlação com 1Co 2.7; Rm 16. 25-27; Cl 1.26; 2.2-4; Ef 1.9-14; 3.4-12.

8. A *tensão escatológica* não foi dissolvida nas past. A igreja do Senhor vive da vinda do Redentor na humildade (Tt 2.14), de sua revelação na carne (1Tm 3.16; idêntico a Gl 4.4; cf. Ef 1.10 e Mc 1.15!; bem como Rm 1.3; 8.3; 9.5; Ef 2.14; Cl 1.22), razão pela qual aguarda seu aparecimento na glória (Tt 2.13; 2Tm 4.1,8; 1Tm 6.14s). “Aquele dia”, o “dia do Messias”, ainda está por vir (1Tm 6.14; 2Tm 1.10,12,18; 4.1,8; Tt 2.13 como 1Co 1.8; 2Co 1.14; Fp 1.6,10; 2.16). Os evangelhos atestam a mesma verdade em outras palavras: o reino de Deus é uma realidade que abarca presente e futuro, já expressa na proclamação pré-pascal de Jesus. A igreja suplica: “Venha teu reino” e confessa: o reino de Deus veio (Mt 6.10; 12.28).

9. Afirma-se que a *expectativa da primeira igreja pela vinda iminente* do Senhor teria esmaecido, que teria havido necessidade de explicar a delonga e que a igreja precisou organizar-de dar conta do suposto adiamento da parusia. Esse esquema de explicação na verdade se tornou preferido, porém não adquiriu validade maior por ter sido acolhido e disseminado acriticamente, porque novamente o esquema tem por base o movimento intelectual de Hegel: a expectativa imediata original (tese) teria levado, pela experiência da duradoura ausência e delonga (antítese) à dissolução da tensão na “história da salvação” (síntese).

Alguns, p. ex., declaram que Lucas tenta explicar o adiamento da volta de Cristo pelo projeto de uma história da salvação, enquanto outros afirmam que ele teria deslocado a consumação da redenção do âmbito temporal para o atemporal. Porém tanto seu evangelho como Atos dos Apóstolos se opõem a essas afirmativas. Cullmann tem razão em sua indagação crítica: “Se a expectativa imediata de Jesus consiste da tensão entre ‘já’ e ‘ainda não’, essa tensão... não pode ser somente um substitutivo ou uma solução para o embaraço da expectativa imediata não concretizada... Onde, porém, está a prova de que a não-realização da parusia constituía um problema central que tinha se ser ‘solucionado’?”

Lucas não tinha de explicar o suposto adiamento da parusia, mas enfrentar expectativas excessivamente zelosas e distorcidas que deturpavam a doutrina de Jesus e a missão da igreja (Lc 17.20-23; Mt 24.26s; 2Ts 2.1ss). Também para Paulo o ponto de partida não é o problema de uma parusia não-realizada, mas a causa motora de tudo é para ele o cumprimento acontecido. O tempo está cumprido! (Mc 1.15; Gl 4.4). “Proximidade” não significa tempo breve, mas tempo premente: a premência da obra divina de salvação que avança para o mundo inteiro. Por isso a vida em expectativa não depreciará a vida neste mundo e nesta época, mas na realidade lhe conferirá a força de tensão que leva a atos de amor e pressiona para que se proclame o evangelho a todas as pessoas.

Ter uma conduta santa, apegar-se às tradições e ser zeloso em boas obras – tudo isso não é decorrência da expectativa imediata enfraquecida, não é conseqüência da perda da experiência direta do Espírito e da necessária adaptação no mundo. Vale o contrário: como o Senhor está próximo, todos que invocam o nome dele devem viver uma vida pura (1Ts 5.14; 2Ts 3.6,10-13); como o espírito está atuando, deve ser preservada a tradição do Senhor (cf. 2Ts 2.13 com v. 15; 3.1,14; 2Tm 1.14; 3.16s), como o Senhor vem, a palavra do Senhor precisa correr (cf. 2Ts 3.1; 2Tm 2.9; cf. Lc 21.24: “os tempos dos gentios” com 1Tm 3.16: “pregado entre os gentios” e Rm 11.25: “até que haja entrado a plenitude dos gentios”).

Nas past, insistir em uma conduta agradável a Deus na igreja e no mundo, enfatizar a doutrina de acordo com o evangelho e combater falsas doutrinas não representa a prova de uma evolução posterior, ou de uma decadência das alturas do espírito, mas constitui um sinal da tensão existente desde o começo entre a redenção já atuante e a sua consumação a ser ainda realizada.

10. Nem Lucas nem Paulo mencionam o “*espírito da tradição e da norma apostólica*” como contraposto ao Espírito que confessa Jesus como Senhor, conforme Balz afirma devido à sua posição preconcebida. Lucas atesta o Espírito como força do mundo vindouro, que atuou em Jesus na plenitude dos tempos e agora se torna manifesto a seus seguidores. Conseqüentemente experimentam, na comunhão de vida e morte com o Ressuscitado produzida pelo Espírito, efeitos do poder do mundo futuro na era atual (Lc 3.16; 10.21; 17.21; 11.13,20 = Mt 12.28; cf. 10.19s).

O mesmo Espírito que confessa Jesus como Senhor abre o entendimento dos discípulos substitui as Escrituras. As Escrituras não são substitutas do Espírito (perdido). No poder do Espírito os discípulos são e continuam sendo “testemunhas disso” que seu Senhor fez e que as Escrituras já afirmam acerca do Messias (Lc 24.28-29; At 1.2b,6-8).

11. Por essa razão nem os evangelhos nem Paulo conhecem um *contraste entre testemunhas orais e escritas da inspiração espiritual* (2Ts 2.13,15; 3.6,14; 1Co 12.13 com 15.3s bem como 2Tm 1.7s,14 com 2Tm 3.16s). É o Espírito que confere força para o testemunho, e é o Espírito que impele, pela instrução das Escrituras, às boas obras. À falsa contraposição entre “espírito da tradição” e “Espírito de Jesus” correspondem também as falsas distinções em relação aos dons do Espírito: a) espiritual (orgânico) – administrativo (organizacional), b) atualista (atuante no momento) – institucional (duradouramente regulamentado), c) carismático (com autoridade espiritual, sobrenatural) – sensato (ordenado conforme as regras humanas do bom senso), d) carisma (livre, espontâneo, concreto) – ministério (institucional, sólido, regulamentado).

Assim como a tensão entre a experiência do tempo de salvação cumprido no Messias e a consumação aguardada está presente desde o início, assim como o Espírito desde o começo faz com que o futuro se torne eficaz na atualidade, assim como desde o início testemunho e Escritura são conjugados pelo mesmo Espírito, assim existem, igualmente desde o início, serviços autorizados de condução ao lado de outros dons nas igrejas.

12. Na carta mais antiga do NT, escrita por Paulo à igreja em Tessalônica poucos meses depois de sua fundação (por volta do ano 50), o apóstolo pede aos irmãos que reconheçam aqueles *que presidem a igreja no Senhor*. De **1Ts 5.12s** depreende-se: a) Os três verbos “trabalhar, presidir, admoestar” não apenas designam funções, mas também pessoas ativas (do mesmo modo, **1Co 12.14ss** não enumera apenas funções, mas também seus portadores). b) Trata-se de determinado grupo de pessoas assim designado; ou seja, não é um simples arrolamento de três categorias. c) Esses servos podem ser notados, do contrário não seriam reconhecidos. d) Seu presidir está ligado ao seu trabalho (**1Co 16.16** emprega o mesmo verbo de **1Tm 5.17** para “trabalhar em função de autoridade”). e) A admoestação à paz revela que direção e coordenação não acontecem sem atritos (pode-se traduzir assim o v. **13b**: “Tende paz com eles, os irmãos que presidem”).

U. Brockhaus demonstrou que desde o começo podemos reconhecer nas igrejas todos os elementos para os quais se empregou mais tarde o termo “ministério”, passível de equívocos: duração, autoridade, legitimação (oral ou escrita, cartas de referência), posição destacada, remuneração. “*Serviço*” (*diakonia*) é o termo mais apropriado que Paulo emprega até mesmo para sua incumbência singular (**Rm 11.13; 2Co 4.1; 6.3; Cl 4.17**; past: **1Tm 1.12; 2Tm 4.5,11**), ou também “*mordomia*” (**1Co 9.17; Ef 3.2; Cl 1.25**; cf. **1Co 4.1** com **1Tm 3.4s,13; 2Tm 4.5**).

Desde o começo (cf. **1Ts**) Paulo apóia e fomenta o serviço da liderança autorizada, como fica comprovado em suas cartas também para Corinto e está pressuposto na carta aos romanos. Sim, os “profetas e mestres” da primeira igreja da Palestina até mesmo representam serviços e designações de serviço ainda mais antigos que as funções diretivas sem título em Tessalônica. “Evangelista” é igualmente designação para uma função eclesiástica que pertence à época mais antiga (cf. **2Tm 4.5; Ef 4.11; At 21.8**); o mesmo vale também para “apóstolo”. Além do limitado “apostolado com base nas aparições” dos Doze, U. Brockhaus consegue comprovar de modo plausível que também existia desde o começo um “apostolado de envio e congregacional” aberto: emissários de igrejas dos primeiríssimos tempos com incumbências missionárias (**1Co 9.5ss**; cf. v. **14; At 13.2; Gl 2.1,9; At 14.4,14**) e outras (**Fp 2.25; 2Co 8.23**).

13. Alguns vêem em Paulo um adversário da autoridade ministerial nas igrejas, para outros o apóstolo é praticamente defensor de *ordem e ministério*. Perguntamos: será que as igrejas tinham uma constituição carismática da qual pudessem afastar-se mais cedo ou mais tarde em favor de uma constituição legal institucional? Como se deve entender a *doutrina dos carismas em Paulo*?

Todo o bloco acerca dos dons em **1Co 12-14** é uma paráclise (discurso de exortação): em Cristo e direcionada para o Senhor que retorna na consumação. Paulo adotou a palavra *charisma* (dádiva, presente) do entorno profano e formulou listas de carismas nas quais as “funções ministeriais” na realidade estão integradas, mas não destacadas de outras funções. Pois Paulo “não avalia a função em si, mas o modo como é exercida, e a contribuição que ela dá ao todo” (U. Brockhaus, p. 216; exatamente esse aspecto é mostrado também pelas past com todos os pormenores). A doutrina dos carismas está aberta para as questões da constituição da igreja, mas não entra nelas. Por isso não se pode falar de uma “constituição carismática da igreja” em Paulo.

Com sua doutrina dos carismas, há pouco esboçada em **1Co** (em cartas anteriores de Paulo não ocorrem a palavra “dom da graça – *charisma*” e uma doutrina dos dons, nesse formato), o apóstolo intervém exortando profeticamente e corrigindo no contexto concreto da situação da igreja. Supera-se o contraste prelado – carismático (mais precisamente: detentor do *pneuma*, i. é, pleno do Espírito), porque todos receberam um carisma, e todos os diferentes dons devem ser empenhados em benefício da igreja. Paulo acrescenta aos dons reconhecidos em Corinto também aqueles que se referem a funções de serviço e direção.

Não se pode ignorar que os discursos de exortação acerca da questão dos dons (**1Co 12-14; Rm 12**) os situam em determinado contexto: ordem, auto-restrição comedida, inserção no todo, mútua consideração e complementação. Isso somente poderá surpreender ao que se apega a um conceito filosófico de Espírito e não reconhece que o Espírito Santo no Novo Testamento é força transformadora e ao mesmo tempo norma compromissiva. Paulo pressupõe o Espírito para todos os crentes e todas as igrejas como efeito de poder escatológico doado (**1Ts 5.19; Gl 3.2,5**), que não apenas inspira neles palavras, mas se evidencia também em atos significativos (**1Ts 1.5; 1Co 2.4**; etc.).

O Espírito é simultaneamente a norma compromissiva da nova vida. Já em **1Ts 4.8** aparece uma referência à norma, o que passa a ser plenamente desenvolvido em **Gl 5.15s; Rm 8.4s; Fp 1.27**. Por essa razão o apóstolo “ordena” em **1Ts 4.2**, “determina” em **1Co 7.17**, “exorta” (entendido como determinar) em **Rm 16.17** assim como em **1Tm 2.1**. Os discursos de admoestação concretizam a norma do Espírito (cf. **1Tm 4.1**: o Espírito declara expressamente...), sendo proferida na forma verbal do “jussivo decretatório” (“sentenças de direito sagrado”; **1Co 14.13,28,30,35,37; 7.1; 8.1; 9.14; 11.2s; 12.1; 16.15,18**).

“Logo a doutrina dos carismas constitui uma ponte genuína entre o Espírito, como força presentada para a nova vida, e a incumbência concreta para essa nova vida.” Ela é uma “tentativa de tornar eficaz a presença da nova existência pneumática sob as condições da finitude”. A liberdade está ligada com compromisso, força presentada

com definição prática de tarefas. Por essa razão não é “historicamente possível diferenciar entre funções carismáticas e ministeriais nas igrejas paulinas”.

14. Havia necessidade dessas referências para superar *parâmetros* não-bíblicos e estranhos à teologia de Paulo, visto que obstruem de antemão o acesso à *compreensão das past*. Após analisar “Espírito e dons do Espírito” em Paulo, Ridderbos constata, em síntese: não existe “diferença profunda ou fundamental entre as cartas mais antigas de Paulo e as dirigidas a Timóteo e Tito. Particularmente cabe rejeitar a idéia de que as determinações nas cartas anteriores devam ser atribuídas diretamente a Cristo ou seu Espírito, e de que nas past o Espírito funcionaria conforme espírito de um princípio específico, a saber, como poder da santa tradição apostólica”.

Um exemplo prático explicitará isso: quando alguém lê o “cântico dos cânticos do amor” em **1Co 13** de forma meramente superficial e o compara com admoestações das past, poderia ser rapidamente arrastado para preconceitos. Aqui o ímpeto do Espírito, lá a lacônica enumeração de “virtudes”, aqui o eixo secreto da ética de Paulo, lá a conotação moral de um epígono imitador. Que acontece, porém, quando se observa mais de perto? Por um lado, a enumeração em **1Co 13.4-7** evidencia uma dependência “da terminologia e das formas da paráclise filosófico-popular”, e “esses elementos gregos chegaram a Paulo pela via de uma tradição de doutrina e pregação judaico-palestina”. Portanto, de acordo com isso Paulo acolheu elementos helenistas e judaicos tardios, mas elaborou a partir deles algo completamente novo. O todo se transformou em um discurso de admoestação em forma de louvor (“paráclise hínica”), surgido sob a impressão imediata do ainda esperado aperfeiçoamento da igreja no amor.

Agora, porém, as past apresentam uma série de discursos de admoestação, para as quais vale a mesma caracterização: estruturas terminológicas helenistas e judaicas são combinadas em algo novo na forma de um louvor (**1Tm 3.14-16; 6.11-16; 2Tm 1.6-14; 2.8-13; Tt 1.1-9; 2.9-14; 3.1-8**). Em termos de força expressiva, densidade e profundidade espiritual algumas dessas paráclises hínicas estão no mesmo nível do enaltecimento do amor em **1Co 13** (quanto a detalhes, veja o comentário). Também nas past o amor (igualmente entendido como força e norma, por ser fruto do Espírito) é o eixo secreto e o alvo final de toda a exortação (**1Tm 1.5,14; 2.15b; 4.12; 6.11; 2Tm 1.7; Tt 3.2-4** comparados com **1Co 13.4-7!**).

Alguns críticos vêem no suposto pseudo-Paulo um escritor “de genialidade ímpar”, outros asseveram que ele seria “uma pessoa simples que cobre suas palavras e idéias singelas com a autoridade do grande apóstolo”. Mais plausível, no entanto, é aceitar o que os próprios textos dizem, a saber, que Paulo é seu autor.

15. Paulo tomou do entorno grego a palavra comum “presente” (*charisma*), desenvolvendo-a em **1Co** para uma doutrina que abordava de forma admoestadora e orientadora a realidade concreta da igreja, posicionando simultaneamente a fé, a vida e o serviço dos crentes no horizonte superior da expectativa e tensão escatológicas: os dons são sinais do novo tempo já iniciado em Jesus, o Senhor e Redentor; mas todos terminarão quando chegar a perfeição esperada, mas ainda futura. Então restará unicamente o amor.

Nas past, pois, Paulo configurou o termo helenista para “*devoção*” (*eusebeia*) em ponto focal de uma doutrina que por um lado mantém uma nítida relação com as cartas anteriores do apóstolo, mas que por outro lado, com a mesma novidade como no passado no caso da doutrina dos carismas, aborda agora a situação mudada das igrejas em forma de exortação, confirmando-as na esperança pelo Senhor vindouro (QI 19).

A tradução da palavra *eusebeia* é difícil. Seleccionamos dentre as possíveis expressões (veneração a Deus, temor a Deus, submissão a Deus, ligação a Deus, devoção) a palavra *beatitude*, hoje incomum, mas originalmente utilizada por Lutero. Seu atual caráter estranho pode chamar atenção para a peculiaridade que está contida no termo grego utilizado por Paulo.

Em seu Pequeno Catecismo Lutero fornece uma definição que continua sendo certa e que fixa a correlação entre devoção, doutrina e vivência a partir de Deus: “Para crermos, por sua graça, em sua santa palavra e vivermos vida piedosa, neste mundo e na eternidade” [Livro de Concórdia, S. Leopoldo/P. Alegre, 1980, p. 373]. A palavra beatitude combina a piedade com as bem-aventuranças do Sermão do Monte, apontando simultaneamente também para a salvação messiânica presenteada por meio de Jesus, que constitui a verdadeira felicidade do crente, porque subsiste e está guardada no Redentor.

a) A beatitude está integralmente *ancorada no mistério do Ungido de Deus*. Ela é a vida do Deus bendito (**1Tm 1.11; 6.15**), que se revelou na carne mortal como ser humano (**1Tm 3.16**) e que transmite essa sua vida aos crentes. Por isso essa devoção não é conquista própria do ser humano, mas “beatitude em Cristo” (**2Tm 3.12**). A *eusebeia* em Cristo é definida com tanta clareza que já por isso é preciso rejeitar uma simples adoção ou acosto a concepções helenistas de religiosidade.

b) A beatitude não é um sentimento piedoso, religioso, devoto, mas vida presenteada a partir de Cristo e em Cristo, assim como também o Espírito Santo não é sentimento, mas transmissão de poder (cf. **2Tm 1.7** com **3.5!**), não sensação de força subjetiva, mas demonstração de poder divino em meio à impotência humana. Unicamente a partir dessa premissa é compreensível por que a beatitude (como o amor) aparece como realidade superior ou que coordena todas as coisas: o reconhecimento da verdade – sim, a doutrina do evangelho tem por medida a beatitude (**Tt 1.1; 1Tm 6.3**). Por isso a beatitude não é apenas poder, mas igualmente norma. Sozinha, a doutrina, tão fortemente frisada nas past, forçosamente ficaria enrijecida em forma de dogma, letra morta e matadora. A doutrina “de acordo com a

beatitude” permanece viva, i. é, “sã doutrina”. Combina entre si força vital e orientação compromissiva. Paulo combina beatitude com verdade, doutrina, vida, serviço, esperança, de forma similarmente livre, i. é, em correlação assistemática, mas nem por isso menos sensata e eficaz (como nos dons espirituais).

c) Diante do ensinamento estranho fica explícito por que esse tipo de *beatitude está ligado à verdade e à doutrina*: a heresia não está de acordo com a beatitude (1Tm 6.3). É devoção falsa sem poder (2Tm 3.5). Ao contrário do amor, ela visa seus próprios interesses, a saber, o lucro (1Tm 6.5; 1Co 13.5).

d) A verdadeira devoção está *associada à justiça*, que vive da graça (Tt 2.12). É parcimoniosa porque não visa aos seus interesses (1Tm 6.6), é prática porque se comprova na vida cotidiana (1Tm 5.4). Atrás dela é que se deve correr (1Tm 6.11), assim como se deve abraçar a vida eterna (1Tm 6.12); cumpre exercitá-la (1Tm 4.7).

Ora, reveste-se de importância que em lugar algum nas longas listas das past a beatitude é esperada ou demandada como “virtude” dos que servem. Como o carisma, a beatitude é realidade fundamental para todos os membros da igreja. Timóteo e Tito são exortados à beatitude não porque estivessem acima da igreja, mas por serem irmãos como todos os demais e “uns servos quaisquer”. A beatitude pode ser tudo, menos uma “virtude sobrenatural” que os servidores da igreja detêm em contraposição aos membros da igreja. Todos receberam dons da graça e devem utilizá-los em benefício do todo na igreja. Todos receberam a beatitude em Cristo e devem exercitar e vivenciá-la na igreja e (o que é uma novidade em relação aos dons da graça, relacionados com o serviço na igreja) *no mundo* (Tt 2.12).

e) Na confrontação com o mundo permanece ou torna-se explícito que a beatitude apresenta um *direcionamento escatológico*. A vida em beatitude neste mundo está repleta da expectativa do mundo vindouro (Tt 2.12s). Essa devoção vive da promessa para a vida atual e futura. Sua parcimônia não é “modéstia piedosa”, mas está marcada pela noção de morte (1Tm 6.7), ruína, destruição (1Tm 6.9) e do surgimento do Juiz sobre vivos e mortos (2Tm 4.1).

f) Na perseguição e no sofrimento se revela cabalmente o *contraste* entre a vida na *beatitude* e o *ser humano natural e seu modo de vida*. Essa devoção não é civismo inócuo, pa-cato, mas poder e norma para a vida em Cristo, que provoca separação simplesmente por existir, razão pela qual enfrenta oposição (2Tm 3.12; 4.15). Assim como o Espírito fala por meio das testemunhas odiadas e perseguidas (Mt 10.20-22), assim o poder da beatitude é capaz de preservar nas perseguições (escatológicas; 2Tm 2.10). Reiterando: não serão servos particularmente destacados de Deus que experimentarão resistência e perseguição, mas todos (2Tm 3.12!) aqueles que pertencem a Jesus.

g) *Resumindo*: na doutrina dos carismas, o novo pensamento fundamental desenvolvido é a *multiplicidade* dos dons distribuídos; na doutrina da devoção das past, é a *simplicidade* da beatitude obtida em Cristo que interliga *todos* os crentes. A doutrina da beatitude demonstra de uma maneira nova, correspondente à mudança da situação, aquilo que se costuma designar de sacerdócio universal de todos os que crêem no Senhor Jesus.

16. *O vocabulário e o estilo* das past apresentam fortes diferenças em relação às cartas anteriores de Paulo. Conseqüentemente, desde Schleiermacher foram constantemente apresentados novos argumentos, justamente de ordem lingüística, contra a autenticidade das past, sem, no entanto, conseguirem ser de fato convincentes.

O vocabulário total das past consiste de aproximadamente 900 palavras, das quais cerca de 300 não são encontradas em nenhuma outra carta de Paulo e cerca de 150 (deixando-se de lado as repetições) nem mesmo ocorrem no restante do NT. Isso parece ser uma grande diferença em comparação com outras cartas de Paulo. Contudo a estatística não diz tudo, porque novos temas também requerem novas expressões lingüísticas. Nas past são novas as considerações sobre a condição das viúvas, as exigências para os servidores da igreja, a controvérsia especial com as heresias. Em decorrência, as palavras exclusivas das past estão assim distribuídas: ordem e disciplina na igreja (90), exigências e instruções para Timóteo e Tito (60), hereges (50), servidores da igreja (30), listas (30), situação de Paulo (20); ou distribuídas sobre as três cartas: 1Tm (60), 2Tm (90), Tt (60).

A subdivisão por ordem temática não é típica apenas das past. Das 250 palavras exclusivas da carta aos Romanos, 110 estão comprimidas em apenas 182 frases (de um total de 940), porque os trechos correspondentes (Rm 1.18-3.26; 12; 16.17-20) versam sobre um assunto novo. O mesmo vale para 1Co: duzentos termos exclusivos de um total de 310 aparecem nos textos que expõem um tema especial. É presumível que nos trechos de exortações (parácleses), que tratam de questões e situações concretas novas, ocorram mais palavras inéditas que nos trechos doutrinários. De resto, o grande número de termos exclusivos leva a equívocos, porque: a) muitas vezes o verbo é novo, mas o adjetivo derivado da mesma raiz é bem conhecido em Paulo; b) palavras muito freqüentes no linguajar cotidiano do mundo da época não podem ser consideradas realmente como termos exclusivos; até então o autor os havia empregado apenas aleatoriamente; c) termos conhecidos e adotados da Septuaginta (i. é, a tradução grega do AT, abreviada com LXX) não podem realmente ser computados como “material exclusivo” de Paulo.

Quando se levam em conta essas distinções restam apenas cerca de 40 expressões que não aparecem em nenhum outro escrito da Bíblia.

17. Tentou-se inferir das propriedades do vocabulário novo que as past fazem parte do *linguajar do séc. II*, uma vez que os termos exclusivos das past (que não ocorrem nem nas demais cartas de Paulo nem no NT em geral) são conhecidos entre os chamados pais apostólicos e apologistas do séc. II. Mas também essa justificativa não é conclusiva, porque a) das 300 palavras exclusivas das past, foi possível comprovar a ocorrência de 270 na literatura extra-bíblica anterior ao ano 50; b) dos 60 termos exclusivos que as past têm em comum com os pais apostólicos 40

ocorrem na LXX. No total se podem encontrar na LXX 80 termos exclusivos das past! c) 137 dos termos exclusivos de Paulo nas demais epístolas igualmente podem ser encontrados nos pais apostólicos.

18. Quando comparamos os *termos exclusivos* de cada carta de Paulo com o total de seu vocabulário, resultam as seguintes proporções: 2Co (21%), 1Co (24%), Ef (25%), 1Ts (30%), Gl (34%), past (34%), Fp (37%), 2Ts (50%). Por conseguinte, as past de forma alguma apresentam um número desproporcionalmente grande de palavras únicas. Mas, quando se comparam os termos exclusivos com o vocabulário dos pais da igreja do séc. II, é preciso concluir que a influência de 1Co sobre a literatura dos pais da igreja foi maior (55%) que 1Tm (50%) ou Tt (50%).

Quando comparamos as outras cartas de Paulo quanto ao acervo total de termos exclusivos, conhecido pelos pais da igreja (46%), com o total correspondente nas past (53%), a diferença é surpreendentemente pequena e, para 1Tm, inferior que para 1Co.

Seja como for, a estatística das palavras não rendeu quaisquer provas contra a autenticidade das past; pelo contrário, acaba servindo para explicitar e corroborar de modo surpreendente seu parentesco e sua contemporaneidade com as demais cartas de Paulo, bem como com a totalidade do NT.

19. De resto, a mudança de vocabulário e estilo é própria de todas as cartas de Paulo. Uma palavra, um grupo de termos predomina por certo tempo, passando aos poucos para segundo plano ou desaparecendo totalmente. Exemplos: “aquilatar” ocorre 10 vezes somente em 1Co e em nenhum outro escrito de Paulo; “juízo, condenação, direito, justiça” somente em Rom aparece 5 vezes (QI 15). As cartas de Paulo podem ser subdivididas segundo sua propriedade estilística e segundo o emprego de locuções figuradas em 4 grupos: a) 1 e 2Ts; b) 1 e 2Co, Gl, Rm; c) Fp, Ef, Cl, Fm (as chamadas cartas de prisões); d) as past. Entre c) e d) há ligações mais estreitas. As past possuem menos formulações figuradas, assemelhando-se nisso novamente a 1 e 2Ts.

20. Tentou-se realçar de tal forma as diferenças no vocabulário e estilo que se perdeu de vista as *estreitas relações com as demais epístolas de Paulo* ou que elas foram classificadas (de “genial” a “ingênua”) como imitação mais ou menos hábil de um falsificador. Em contra-posição, Schlatter reuniu uma lista de 66 locuções gregas que as past têm em comum com as demais cartas paulinas: com Rm, 26; com 1Co, 12; com Ef, 10; com 1Ts, 5; com Cl, 4; e com Gl e Fm, 1 cada.

Igualmente cabe ponderar que as past não possuem apenas 300 termos exclusivos que não aparecem nas demais cartas de Paulo, mas 600 palavras (i. é, dois terços do vocabulário total das past!) *em comum* com as cartas reconhecidas. Por exemplo, está entre as concordâncias uma lista de 20 expressões prediletas do apóstolo nas past, que ocorrem com frequência também nos demais textos paulinos. Além disso, chama atenção que 38 expressões que as past têm em comum com as demais cartas de Paulo não ocorrem em nenhum outro lugar do NT. Exemplos: entregar a Satanás (1Co 5.5; 1Tm 1.20); renovação (Rm 12.2; Tt 3.5); viver com (Rm 6.8; 2Co 7.3; 2Tm 2.11); ser ofertado como libação (Fp 2.17; 2Tm 4.6). Finalmente é preciso enfatizar que a forma pessoal do estilo de Paulo se expressa na sintaxe, típica para ele, que as past têm em comum com as demais cartas. Exemplos: contraposições como “algemado – não algemado” (2Tm 2.9) ou “trabalhei – todavia não eu” (1Co 15.10; Gl 2.20); e ainda locuções hebraicas, quando cita das Escrituras: 1Tm 2.13s; 5.18. Nesse local cumpre citar uma diferença significativa de estilo que depõe em favor da autenticidade das past. Foram encontradas nas past 160 palavras ou locuções com conotação tipicamente latina (latinismos). Esses latinismos podem ser atribuídos facilmente ao cativo de 4 a 5 anos do apóstolo e seu convívio com guardas romanos.

21. *A hipótese dos fragmentos.* As numerosas pesquisas sobre linguagem e estilo das past levaram alguns contestadores da autenticidade a aceitar algumas partes das cartas como autênticas, p. ex., 1Tm 1.20; 2Tm 1.15-18; 2.17s; 4.9-21; Tt 3.13-15. Contudo as diversas propostas divergem tanto entre si que hoje servem apenas como ilustração de como parâmetros e hipóteses inadequados tão-somente geram novos problemas, ao invés de elucidar correlações ainda não esclarecidas. Por quais motivos um imitador deveria pretender acolher peças genuínas de Paulo (do qual estaria separado por 30 anos ou mais), uma vez que pode “simular” com facilidade idêntica, quando não maior? E no caso de uma pessoa ser capaz de combinar os fragmentos autênticos com suas próprias elaborações de forma tão perfeita que isso só é descoberto nos dias de hoje, como uma “personalidade tão destacada” teria desejado ou podido permanecer incógnita em seu tempo? A hipótese dos fragmentos é digna de menção também porque nela é possível evidenciar o predomínio de 40 anos do método da história das formas sobre a pesquisa teológica. Ponto de partida para “a história das formas do evangelho” é a afirmação de que a primeira igreja cristã, em vista de sua expectativa pelo fim próximo, não se preocupava com a fixação escrita. A “tradição de Jesus” teria surgido somente a partir da pregação oral. Os evangelistas teriam sido meros colecionadores, que compilavam peças de prédicas sobre Jesus. Com base nessa teoria associada à idéia do desenvolvimento acreditava-se poder reconhecer e separar criteriosamente em toda a parte dos evangelhos e em todo o NT “material da tradição” mais recente e mais antigo. Por essa razão as past representam para M. Dibelius e seus seguidores o último estágio de uma “história da tradição” no NT. A partir desse tipo de premissa torna-se possível falar de inclusões, alterações redacionais, fragmentos, partes e partículas antigas e recentes, autênticas e inautênticas. Um exemplo que também é relevante para as past é trazido por

Rm 6.17: “obedecer de coração à forma de doutrina.” R. Bultmann classifica a menção da doutrina como inclusão pós-paulina. U. Wilckens simplesmente omite em sua tradução a alegada inclusão, mas não deixa de acrescentar na nota de rodapé: “Todos os manuscritos trazem aqui a seguinte continuação da frase: ‘Mas de todo o coração estais comprometidos à obediência diante da forma doutrinária convencionada que vos foi transmitida.’ Contudo essa continuação introduz uma idéia completamente nova no nexo das afirmações. Ao mesmo tempo colide com a frase seguinte do v. 18, cuja afirmação corresponde à do v. 17a, trazendo por isso a verdadeira continuação do v. 17a. Por essa razão é provável que no v. 17b existe uma inclusão de mão pós-paulina, que no conteúdo evidentemente complementa um raciocínio inegavelmente paulino: no batismo os cristãos foram comprometidos com a tradição doutrinária convencionada da igreja cristã, cf. **1Co 15.1s.**”

Embora todos os manuscritos tragam a frase e embora possua inegável caráter paulino, ainda assim deve ser uma inclusão pós-paulina. O motivo principal dessa afirmação é obtido do esquema de história da forma e desenvolvimento adotado. Diante disso é preciso declarar: a obediência diante da doutrina compromissiva vale já para a carta aos Romanos. A fórmula que sintetiza a epístola como uma unidade é: “obediência da fé” (início **Rm 1.5**; final: **Rm 16.26**). A obediência se refere às Escrituras (**Rm 3.21**; **16.25s**). O batismo está ligado à ética, e essa à obediência perante a doutrina (**Rm 6.17s,19**).

Não apenas em **1Co 15.3**, mas também na carta aos Romanos o evangelho como doutrina compromissiva é aquilo que Paulo recebeu e transmitiu segundo as Escrituras: crer no coração, com o coração se crê, obediente de coração: **Rm 10.9s**; **6.17**.

Apesar de ter iniciado cedo, a crítica à história das formas foi pouco considerada na exegese. Não apenas é preciso que nesse caso “o evangelista seja reabilitado como autor” perante M. Dibelius, mas também caem por terra muitíssimos argumentos contra a autoria paulina das past. Assim como temos desde o começo autoridades na direção das igrejas, assim havia também desde o começo a doutrina como autoridade e tradição escrita. As cartas do NT que – sobretudo nos discursos de exortação – fazem parte da proclamação da igreja, não se referem aos atos e às palavras de Jesus porque as pressupõem. Por isso a proclamação não pode ser o único “espaço de vida” por meio do qual a tradição de Jesus surgiu e foi transmitida. As cartas do NT pressupõem a tradição escrita (!) de Jesus, que já existe antes do ano 50. É “muito provável uma redação em torno do ano 40 ou logo depois”. Isso, no entanto, significa que entre a crucificação do Senhor e a anotação de suas palavras e atos presumivelmente se estende menos de uma década.

Por meio de sua atividade de testemunho a igreja primitiva não “criou” a tradição de Jesus do nada, mas usou-a como base de sua proclamação. Os escritos sinóticos possuem seu “espaço de vida” na leitura durante os cultos (cf. **1Tm 4.13**) e são considerados como “Escritura Sagrada”, i. é, como palavra de Deus com autoridade.

H. Ridderbos afirma: “Constitui a essência do evangelho como mensagem do agir salvador de Deus sem nossa sinergia que a autoridade do evangelho se baseie, sobretudo na concretude do acontecido, motivo pelo qual o evangelho não pode ser evangelho, a fé não pode ser fé, a obediência de fé não pode ser obediência quando a tradição do evento da salvação não é confiável e a fé para o acontecimento salvífico não pode se estribar na tradição nem submeter-se a ela”.

Do mesmo modo Schlatter demonstrou que concordância com a tradição faz parte da essência do conceito paulino de fé e que nesse aspecto as past apresentam um desdobramento, porém nenhuma alteração ou mesmo falsificação.

22. Palavra de Deus e doutrina. Não é ao ler as past (**2Tm 3.16**), mas consistentemente em toda a Bíblia que o leitor se depara com a pergunta se frases escritas, afinal, podem ser pa-lavra de Deus. Será que assim a palavra de Deus não se tornaria uma posse fixa, disponível, do ser humano? Porventura o ser humano não poderia “crer” por força própria nas sentenças que lhe são propostas, no sentido de considerá-las verdade?

Não foi apenas em época recente que se pensou ou alegou que é preciso proteger a palavra de Deus como Escritura Sagrada diante do assenhoreamento das pessoas. A ênfase na pregação oral e no “evento da palavra” desvaloriza a “palavra externa” da Sagrada Escritura, pensando que assim seria capaz de proteger a indisponibilidade do evangelho. Como na história da igreja graça e palavra exterior foram equiparadas desde muito cedo, Agostinho, defensivamente, teve de apostar tudo que levava à negligência para com a Sagrada Escritura na palavra interior e no agir interior de Deus. “A depreciação da palavra exterior torna-se a hipoteca de toda a Idade Média” – e também da era mais recente, como deveríamos acrescentar. Contra essa falsa contraposição deve-se objetar: em Jesus Deus se entrega inteiramente nas mãos dos seres humanos, insere-se integralmente na história deles. Sua justiça é justiça realmente concedida à pessoa, sua graça é graça realmente experimentável, sua palavra escrita por profetas e após-tolos é clara palavra de revelação que pode ser “sabida”, e a proclamação do evangelho é a-núncio real de Deus no Espírito, que renova o ser humano. Contudo, apesar de toda a entrega em amor Deus continua sendo ele próprio, ele não se perde, e também a Sagrada Escritura continua sendo, pelo Espírito, poder e norma de Deus que se impõe contra todas as críticas da razão e do sentimento. A tensão entre palavra e Espírito (**2Tm 3.16s**), doutrina e vivência (**Tt 1.1**; **2.7**), eleição e obediência (**2Tm 2.19**) continua preservada, como em todas as cartas de Paulo, também nas past. O destaque dado nas past à doutrina não é decadência das alturas do primeiro amor, nem um enrijecimento da inspiração, inicialmente direta, de todos os discípulos, nem substitutivo para a não-acontecida volta do Senhor (veja **QI 7-9**), mas instrução concreta, associada à exortação para viver na beatitude.

23. *A hipótese do secretário.* Uma vez que é de múltiplas formas flagrante o parentesco com as demais cartas de Paulo, vários comentadores levantaram a tese de que Paulo na verdade deveria ser considerado o “pai e autor intelectual” (Holtz, p. 15) das past, mas que ele teria dado a um secretário grande autonomia na redação (Jeremias, p. 5). É sabido que Paulo ditou a maioria das cartas. Em Rm 16.22 até mesmo Tércio faz as saudações (“que escrevi esta epístola no Senhor”) de próprio punho e citando seu nome (cf. 1Co 16.21; Gl 6.11; 2Ts 3.17; Cl 4.18; Fm 19). Em muitos proêmios de cartas são citados também outros colaboradores, cuja possível participação na redação não deve ser descartada (1Co; 2Co; Fp; 1 e 2Ts). De acordo com H. v. Campenhausen o escritor (pós-paulino) deve ter sido uma “destacada personalidade”. Holtz considera o secretário como “imagem de um cristão de alta erudição dos tempos finais de Paulo”, que dominava integralmente a teologia e o linguajar de Paulo, mas que também estava familiarizado com a linguagem dos evangelhos, bem como das cartas católicas, ou seja, com a “totalidade do cristianismo”, que conhecia muito bem a filosofia popular e o linguajar helenista, bem como a teologia da sinagoga da diáspora, estando firmemente ancorado na vida litúrgica das igrejas. Por que, no entanto, um colaborador tão destacado não seria citado por nome? Não seria plausível reconhecer nesse “secretário” tão paulino o próprio Paulo, tal como também se apresenta nas três cartas?

24. *A atestação formal das past.* Dibelius afirma que a atestação na igreja antiga não seria “muito favorável”. Mas formalmente as past são tão acreditadas como Rm e 2Co. Tanto Policarpo († por volta de 160) como Inácio († por volta de 110) citam as past. Jeremias explica a circunstância de que a coletânea das cartas de Paulo, inclusive a epístola aos Hebreus no começo do séc. III, não menciona as past pelo fato de que se perderam o começo (faltam os primeiros capítulos da carta aos Romanos!) e o final (past) do livro. Conhecidos teólogos dos primórdios que escreveram antes ou no início do séc. III pressupunham sem qualquer restrição a autenticidade das past (p. ex., Ireneo, Tertuliano, Clemente de Alexandria, Orígenes).

O cânon de Marcião não traz as past, o que no entanto não constitui prova contra a autoria de Paulo. Sua rejeição das past se insere no contexto da rejeição de todas as influências do AT. Marcião foi excluído em 144 da igreja de Roma. O cânon Muratori, que surgiu em Roma entre 150 e 200, contém as past como acervo consolidado das cartas paulinas, enquanto cartas não genuínas de Paulo são rejeitadas. Em nenhum lugar e por ninguém se contesta a autoria de Paulo. “O principal se torna limpidamente certo: todos os textos de Paulo que possuímos remontam em última análise ao exemplar original de uma coletânea de 9 mais 4 cartas... Não possuímos o menor indício de que alguma vez tenha existido uma coletânea com menos ou mais cartas além das que nos são conhecidas.”

O rol mais detalhado das atestações exteriores é trazida por Spicq, que dedica 208 páginas às questões introdutórias e trabalha uma bibliografia de 18 páginas.

25. *As características interiores* (detalhes a este respeito devem ser conferidos no comentário, de modo que aqui será fornecido somente um resumo panorâmico).

a) Todas as 3 cartas reivindicam repetida e expressamente que foram escritas por Paulo (1Tm 1.1; 2.7; 2Tm 1.1; Tt 1.3,5).

b) A descrição dos dois colaboradores e o relacionamento de Paulo com eles correspondem ao que sabemos das demais cartas e de At.

c) A doutrina das past coincide com as demais epístolas de Paulo (veja QI 7) e está sintetizada da forma mais elaborada nos 3 blocos da carta a Tito (Tt 1.1-4; 2.10-14; 3.4-7), cada um dos quais emprega o termo “Redentor” tanto para Deus como para Jesus como o Messias. Lutero considerava a carta a Tito como síntese das demais cartas paulinas. Nele estaria contida a doutrina de Paulo.

d) As *heresias combatidas* não pertencem ao séc. II, como foi alegado com frequência no passado sem nunca ter sido comprovado, mas à época do NT. São de origem judaica (1Tm 1.7; Tt 1.10), alicerçando-se sobre a lei (1Tm 1.7; Tt 3.9), trazendo fábulas (Tt 1.14) bem como especulações genealógicas (1Tm 1.4; Tt 3.9), e falsificando a mensagem da ressurreição (2Tm 2.18 como em 1Co 15.29s). Os vestígios gnósticos não têm nada a ver com o gnosticismo dos séc. II e III, mas se assemelham muito mais com os das epístolas aos Coríntios e Colossenses, por serem fortemente mesclados com elementos judaicos (1Tm 6.20; Tt 1.10; Cl 2.16,21,23).

e) A *situação da igreja* corresponde ao contexto do NT. Somente um décimo das past contém instruções sobre administração e ordem do culto, sendo que se enfatizam mais as premissas e tarefas pessoais que o “ministério” (1Tm 3.1-13; 5.3-22; Tt 1.5-9). Assim como em Fp 1.1, os servidores da igreja são pressupostos, não introduzidos, sendo citados apenas em segundo lugar depois dos membros da igreja (1Tm 3 depois do 1Tm 2). Não se pode definir claramente a relação e distinção entre presidentes, diáconos e presbíteros, nem sequer há títulos fixos para as atribuições. Os conceitos “presbítero” e “presidente” são intercambiáveis (Tt 1.5-7; 1Tm 5.17). Em lugar algum se pode constatar uma ordem hierárquica ao citar expressamente o carisma profético no contexto dos serviços eclesiais (1Tm 4.14). Além de seus cultos de oração (1Tm 2.1s) as igrejas praticavam a oração das viúvas (1Tm 5.5), a oração à mesa (1Tm 4.3-5), a preleção da Escritura (1Tm 4.13; 2Tm 3.16), a instrução doutrinária com base na palavra do Senhor (1Tm 6.3; Tt 1.1-4,9; 2Tm 4.2), pronunciamentos proféticos (1Tm 4.14), além de hinos, doxologias e confissões de fé (1Tm 2.5s; 3.16; 6.15s; 2Tm 2.11-13). Nada nas past aponta para depois da época de Paulo. As circunstâncias em Éfeso e Creta condizem com a época entre 60 e 100. Timóteo e Tito recebem uma incumbência, não

um cargo: sua posição é mantida em aberto, não determinada ou engessada “por direito eclesiástico”. Paulo chama Timóteo de Éfeso para Roma, enviando Tíquico em seu lugar (2Tm 4.12).

f) *A pessoa do autor.* Partes doutrinárias alternam-se com súbitas manifestações concretas e pessoais (1Tm 2.1-7; 3.14-16). O autor oferece a si mesmo e suas experiências como exemplo (1Tm 1.16), revela seus mais íntimos sentimentos de alegria (2Tm 1.4) e confiança (2Tm 1.12; 2.10,13), inclusive em vista da morte (2Tm 4.6-8). 2Tm está próxima de 2Co; ambas as cartas foram escritas a partir de grande aflição pessoal. Ele confessa seus antigos erros (1Tm 1.12-15; Tt 3.3; 1Co 15.8-10; etc.) e ao mesmo tempo sua autoridade apostólica em Cristo (1Tm 1.15s), mas em lugar algum se fala de uma glorificação do autor e de seus colaboradores. Típico é para Paulo o empenho de confirmar as instruções orais por escrito, apesar da expectativa de visitá-los em breve (1Tm 3.14; 1Co 4.17,19; Fp 2.19-24). O autor pode ser reconhecido nos traços humanos: caloroso, pessoal, sincero, franco, direto.

g) *As inegáveis diferenças lingüísticas e estilísticas* não podem ser levantadas contra a autoria de Paulo (QI 20). Pelo contrário, são explicáveis e na realidade esperadas, pelas seguintes razões suficientes: 1) As cartas de Paulo evidenciam diversos períodos estilísticos, das quais o último, o das past, não representa uma exceção (QI 19). 2) Novos temas levam ao uso de novas expressões. 3) Um contexto diferente (cativeiro de vários anos) pode ser suficientemente responsável pelo vocabulário ampliado. 4) As past na verdade não são dirigidas exclusivamente a pessoas particulares, mas não obstante se diferenciam claramente das epístolas públicas dirigidas a igrejas, o que torna compreensíveis certas mudanças de estilo. 5) A idade do autor influi sobre o estilo e vocabulário, tornando-se ambos mais simples e menos adornados, ao mesmo tempo em que ficam mais densos e concentrados.

26. *Os dados históricos nas past.* 1Tm: Timóteo deve permanecer em Éfeso. Há pouco o próprio Paulo estivera em Éfeso ou nas proximidades, estando agora na Macedônia. Não se encontra detido e tem diversos planos de viagem. 1Tm não traz nenhum outro dado histórico, ao contrário dos muitos indícios em 2Tm. Por que um pseudo-Paulo haveria de simular apenas essas breves alusões, se seu interesse era a “visibilidade histórica”?

Tt: Paulo já esteve pessoalmente em Creta. É possível que já tenham existido igrejas antes. Está bem familiarizado com os problemas das igrejas, o que pressupõe mais que uma breve visita (Tt 1.5). Paulo pretende permanecer na cidade portuária de Nicópolis (em Epiro) durante o inverno. Tito deve visitá-lo ali (Tt 3.12).

2Tm: agora Paulo está preso em Roma (2Tm 1.8) e às voltas com um processo judicial (2Tm 4.16). Onesíforo o visitou (2Tm 1.16). Antes de Roma Paulo esteve por breve tempo sem Timóteo em Mileto, Trôade e Corinto (2Tm 4.13,20).

27. Esses dados apontam para além das viagens e detenções narradas em At. Trófimo foi um companheiro de Timóteo (At 20.4) e esteve junto de Paulo em Jerusalém, no que deu motivo involuntário para seu aprisionamento (At 21.29), logo 2Tm 4.20 não pode ter sido escrito da prisão em Cesaréia. Contra um cativeiro em Éfeso, suposto por alguns comentaristas, depõe 2Tm 1.17. Nas cartas anteriores de prisão Paulo aguarda confiante sua libertação (Fm 22; Fp 1.25; 2.23s), de acordo com a situação do prisioneiro em Roma, descrita como positiva em At 26.32; 28.17-31. 2Tm, porém, pressupõe uma situação diferente: as circunstâncias da prisão são difíceis, a morte iminente é certa.

28. A autenticidade das past tem como premissa que depois da primeira prisão em Roma Paulo foi liberto e que após algumas atividades de viagem e autoria tornou a ser detido. Quem defende a autenticidade não precisa demonstrar a veracidade de uma libertação dessas, mas apenas evidenciar sua possibilidade. Se as past fossem uma falsificação e se Paulo não tivesse sido solto, as past forçosamente afirmariam isso de forma expressa. Contudo não esboçam o menor esforço para harmonizar as circunstâncias das past com das de At. Pelo contrário, pressupõem com a maior naturalidade a libertação.

As past não tratam justamente dos últimos anos de Paulo, o que um falsificador teria feito para satisfazer a curiosidade de seus leitores, mas se ocupam, como as demais cartas de Paulo, com as aflições e tarefas atuais da igreja. Uma absolvição com libertação do cativeiro romano com certeza é historicamente viável. Sob Tibério houve perseguições em Roma. Por volta do ano 50 Cláudio expulsou temporariamente os judeus da cidade (At 18.2). Os cristãos, que inicialmente haviam sido considerados em Roma como seita judaica, agora passaram a ser denunciados pelos judeus. Somente a partir de 64 o nome cristão em Roma é equivalente a incendiário. O incêndio de Roma sob Nero durou de 18 a 24 de julho do ano 64 e desencadeou a primeira perseguição aos cristãos. Debaxo de Nero os cristãos só podiam ser executados se fosse possível demonstrar que cometeram um crime. Contudo na época de At a agitação judaica contra os cristãos ainda não era apoiada pelos romanos (At 26.32). A soltura de Paulo pode ser suposta para o ano de 63.

29. *Questões de datação.* A seguinte visão geral não reivindica ser historicamente exata. Cada exegeta difere nas indicações de datas. Tampouco são necessárias datações sumamente exatas. Pelo contrário, o objetivo é apresentar as possibilidades cronológicas para a redação das past e as circunstâncias históricas nelas pressupostas.

Incontestemente é a data do ano 50 para a primeira carta aos Tessalonicenses. Quando datamos a conversão de Paulo no ano de 36 e sua idade na época em pelo menos 30 anos, o apóstolo tinha diante de si um tempo de atuação de 30 anos, interrompidos por pelo menos 5 anos de cativeiro e, anterior a tudo isso, 3 anos na Arábia (Gl 1.17).

Na primavera de 58 ele escreve aos romanos que “há uma série de anos” (At 19.21) já tinha planos de ir a Roma, para de lá prosseguir até a Espanha, mas que de muitas formas (!) havia sido impedido de executá-los (Rm 15.22-24). Certo é para ele que Roma lhe serve somente de parada intermediária (Rm 15.28). Tem esperanças de que colaboradores o acompanharão até a Espanha (Rm 15.24). Um dos muitos motivos que o impediram, embora ocorrido apenas depois da redação de Rm, é o aprisionamento em Jerusalém, que por fim o leva a Roma após longos interrogatórios e tempos de detenção. Como prisioneiro ele deverá ser interrogado perante o imperador, por ser cidadão romano.

Paulo está em Roma de 61 a 63 d.C. No segundo ano de cativo ele escreve a carta aos Filipenses, cheio de confiança de que em breve poderá visitá-los (Fp 1.25; 2.24). Escreve a Filemom reservando desde já um alojamento na casa deste para quando passar por lá! (Fm 22).

Portanto, a suposição de uma libertação no ano 63 está em consonância com os conhecidos planos e expectativas de Paulo. No ano de 93, ou seja, 30 anos depois, Clemente de Roma escreve que Paulo de fato fora liberado e teria viajado para o extremo Oeste, o que pela maioria é interpretado como sendo a Espanha. E mais tarde Eusébio escreve: “É tradição que, depois de se ter justificado, o apóstolo tornou a viajar a serviço da pregação, mas que, quando entrou na mencionada cidade pela segunda vez, foi aperfeiçoado pelo martírio. Estando preso nessa ocasião, escreveu a segunda carta a Timóteo.”

Constitui uma arte interpretativa estranha quando críticos afirmam que tais informações teriam sido “inventadas” posteriormente com base em Rm, quando na verdade os textos do NT disponíveis atestam o plano de Paulo, elaborado há anos (Rm 15.20; 2Co 10.15s). Na época em que Clemente escreve sua carta ainda vivia um suficiente número de cristãos em Roma que podiam ter conhecimento da libertação e das subsequentes viagens de Paulo por experiência pessoal (cf. 1Co 15.6).

A partir das anotações existentes não é possível elucidar se Paulo viajou primeiro à Espanha e depois visitou as igrejas no leste ou vice-versa. Ambas as viagens, seja para oeste, seja para leste, estavam consolidadas em seus planos, que haviam sido interrompidos e alterados mais de uma vez. Se Paulo profetizou conforme At 20.25,38 que os presbíteros em Éfeso não mais veriam sua face e se apesar disso mais tarde os visitasse outra vez, será que isso significa que se enganou? 1Tm 1.3 não afirma que Paulo esteve novamente em Éfeso. Ele não declara de onde saiu para ir à Macedônia. Certo é que espera poder chegar a Timóteo em breve (2Tm 3.14). Contudo o v. 15 prevê novos obstáculos e delongas. Na seqüência, a segunda carta deixa explícito que Timóteo não haveria de permanecer ou permaneceu por muito tempo em Éfeso.

Por causa da incerteza dos tempos (1Tm 2.2!) seus planos tiveram de ser alterados com freqüência, mas apesar disso não se deixou deter das muitas viagens. Talvez tenhamos uma idéia equivocada da atividade de viagens dos comerciantes e missionários daquela época. Não se pode descartar a suposição de que Paulo viajou até mesmo duas vezes para o leste: imediatamente após a soltura, como previsto, indo às igrejas em Colossos (hospedado por Filemom) e em Filipos, em seguida para a Espanha, e por fim novamente para o leste. Isso, porém, não passa de conjeturas. Importante é a constatação de que entre libertação e segunda detenção há suficiente tempo disponível, tanto para uma viagem à Espanha como para outra viagem à província da Ásia, inclusive para Creta.

Conseqüentemente, Paulo pode ter escrito a carta a Timóteo no verão de 66 e poucas semanas ou meses depois a carta a Tito, antes ou durante a viagem para Nicópolis, onde pretendia passar o inverno com Tito (Tt 3.12). Na primavera de 67 ele seguiu para Roma (provavelmente junto com Tito), sendo preso ali – presumivelmente de forma inesperada. Desde o incêndio de Roma ele não estivera mais lá. A atitude para com os cristãos havia mudado radicalmente. Talvez Paulo tenha sido denunciado como inimigo do Estado e criminoso (2Tm 2.9). Desconhecemos as circunstâncias exatas.

A redação da segunda carta deveria ser datada para o outono de 67. A carta reproduz a gravidade da mudança de situação. Nela pede insistentemente ao amado colaborador que venha até ele, preso em Roma, ainda antes do inverno. Provavelmente Paulo foi executado no final do ano de 67.

30. *A vida de Timóteo*. O nome Timóteo é muito difundido na literatura antiga e significa: aquele que honra a Deus. Timóteo nasceu em Listra, uma colônia romana fundada por Augusto em 6 a.C., por volta da época em que Jesus passou a atuar publicamente na Palestina. A cidade está situada sobre uma colina na planície da Licaônia. Os habitantes falavam o licaônico, ou seja, nem latim nem grego era sua língua materna (At 14.11). Somente a elite da cidade falava grego, à qual também pertencia o pai de Timóteo (At 16.1).

Na primeira viagem missionária no ano de 45 Paulo e Barnabé falaram a judeus e gregos em Listra, quando muitos aceitaram a fé, entre os quais provavelmente naquele tempo também a mãe judia Eunice e a avó Lóide (2Tm 1.5; At 14.1). O jovem Timóteo era testemunha de como Paulo foi apedrejado (cf. o comentário a 2Tm 3.11; cf. At 14.19s). Na ocasião Timóteo tornou-se crente em Jesus, o Senhor, de modo que o apóstolo podia chamá-lo seu amado filho no Senhor (1Tm 1.2,18; 2Tm 1.2; 1Co 4.17). Timóteo conhecia as Sagradas Escrituras desde criança; as duas mulheres judaicas o haviam instruído no AT, antes de se tornarem pessoalmente crentes em Jesus, o Messias.

Cinco anos mais tarde, no segundo itinerário de evangelização (ano 50), Paulo visitou o jovem, que entretanto havia crescido na fé e gozava de destacado reconhecimento por parte dos irmãos na igreja de sua cidade natal e além dela. Foi ele que Paulo e Silas levaram consigo como ajudante em lugar de João Marcos na continuação da viagem.

(At 16.3; 15.37-40). Uma vez que pelo visto todos sabiam que o pai de Timóteo era grego e o filho não fora circuncidado, Paulo o deixou circuncidar “por causa dos judeus” que viviam em grande número na região. Esse ato pode causar espécie quando se leva em conta que Paulo se negou a circuncidar o colaborador gentio cristão Tito (Gl 2.3; 5.11); mas não se deve desconsiderar que por amor ao serviço de evangelização o apóstolo estava disposto a ser um judeu para os judeus, a fim de conquistar os judeus (1Co 9.20). Nesse caso não estava em jogo uma questão de salvação nem uma questão comunitária, mas um direcionamento missionário para os numerosos judeus da região, dos quais muitos já se haviam tornado crentes no Messias Jesus durante a primeira estadia (At 14.1).

Será que deve ser situado aqui o momento em que os irmãos das igrejas adjacentes forneceram o bom atestado sobre Timóteo, proferiram profecias e conselhos, impondo-lhe as mãos, enquanto ele prestava o testemunho da fé? Ou será que esse ato fraterno aconteceu apenas mais tarde e repetidamente (cf. 1Tm 4.14; 2Tm 1.6; 6.12)?

A partir de agora, vinte anos de vida e serviço em conjunto haveriam de unir o jovem milhares de quilômetros, suportando como companheiros de jugo agruras e perigos, experimentando o fortalecimento mútuo e a amizade. Timóteo é para o apóstolo auxiliar, colaborador, companheiro de viagem, filho, confidente, amigo. Será que Paulo teria sido capaz de realizar tudo da forma como fez sem a fidelidade e proximidade desse verdadeiro homem “de igual sentimento” (Fp 2.20s)?

Muito cedo Timóteo aprendeu a não ficar preso unilateral e exclusivamente a Paulo. Já em sua primeira viagem foi separado do apóstolo, permanecendo com Silas em Beréia (At 17.14). De lá os dois rumaram a Atenas, onde reencontraram Paulo (v. 15). Paulo, Silas e Timóteo formavam uma equipe. Paulo escreve em 2Co 1.19 expressamente que o Filho de Deus havia sido proclamado entre os coríntios por ele “e Silvano e Timóteo”! Os nomes dos três aparecem como remetentes das cartas aos Tessalonicenses. Seus nomes não apenas são citados para constar. Timóteo recebeu imediatamente uma incumbência de grande responsabilidade. Paulo o enviou sozinho de volta para Tessalônica, para que fortalecesse na fé e exortasse a jovem igreja. Paulo já não o chamava apenas “nosso irmão” (irmão de Paulo e Silas), mas “colaborador de Deus no evangelho de Cristo” (1Ts 3.2). Nisso se manifesta, apesar da autoridade apostólica e da relação pai-filho, a liberdade que Paulo dá aos colaboradores: em última análise ele é colaborador de Deus e somente por isso também colaborador de Paulo.

Conseqüentemente, nada menos que 5 anos após sua conversão Timóteo já pode ser um “consolador e confirmador dos irmãos” e trazer ao apóstolo a boa notícia de que a viagem não foi em vão, mas que os crentes foram firmados no Senhor (1Ts 3.6-8). Durante os 18 meses subseqüentes (final de 51 até início de 53) Timóteo trabalhou com Paulo em Corinto (At 18.1-11).

Também na terceira expedição evangelística e nos três anos de atuação em Éfeso (54-57) Timóteo esteve junto de Paulo. Uma vez o apóstolo o enviou com Erasto para a Macedônia (At 19.22).

Uma visita de Timóteo à igreja em Corinto parece não ter sido coroada de êxito. Se Paulo já falava com fraqueza, temor e grande tremor aos coríntios tão seguros de si (1Co 2.3), quanto mais difícil devia ser a tarefa para o companheiro mais jovem, de apresentar-se ali como colaborador de Deus sem medo diante do menosprezo de outros. O que Timóteo não conseguiu pôde ser executado por Tito. Ele apaziguou o conflito dos coríntios com o apóstolo (2Co 7.6s, 13-15; 8.6; 12.17s). O próprio Timóteo retornou até Paulo na Macedônia (2Co 1.1, 19; At 20.4). No ano de 58 eles novamente viajaram juntos para a Grécia, de onde Paulo escreve a carta aos Romanos, acrescentando saudações de Timóteo (Rm 16.21), que é citado em primeiro lugar e destacado como “meu colaborador”.

Importante é o atestado que Paulo emite em favor de Timóteo em 1Co 16.10: “Ele trabalha na obra do Senhor, como também eu.” Nisso se expressa a igualdade no serviço concedida pela graça de Deus, o reconhecimento espiritual da incumbência divina, a confirmação da vocação diante de irmãos críticos. A mesma atitude básica do apóstolo diante de Timóteo é expressa também pelas past.

Da Grécia Paulo viajou para Jerusalém. Não se pode estabelecer com certeza se Timóteo estava com ele. Cita-se por nome apenas Trófimo de Éfeso (At 21.29), que é um companheiro de viagem e colaborador de Timóteo (cf. At 20.4!). Durante os próximos 2 a 3 anos Timóteo desaparece do campo de visão das cartas do NT. Com certeza, porém, ele volta a estar com Paulo em Roma, apoio consolador e companheiro na prisão (anos 61-63). Alguns intérpretes supõem que Hb 13.23 se refere a essa época, de acordo com o que Timóteo esteve por um período preso com Paulo. Contudo é mais provável que tenha sido detido somente depois da morte do apóstolo e novamente solto mais tarde (aliás, uma soltura atestada no NT!).

A tradição eclesiástica informa que Timóteo foi bispo de Éfeso e que sofreu o martírio no ano de 97 sob o imperador Nerva.

31. a) *Quem era Timóteo?* As indicações nas past, referentes à pessoa de Timóteo, coincidem com as demais cartas e com o que se sabe a partir de At, sendo que – algo relevante para a autenticidade das past – não existem traços isolados que o ilustram com muita fantasia ou enaltecendo o ser humano. Assim como justamente a descrição contida dos evangelhos apresenta Jesus como verdadeiro e pleno ser humano, assim vemos o lado pessoal de Paulo, de Timóteo, de Pedro, etc. com toda a clareza, contudo não descrito de forma exaustiva e ininterrupta. A ênfase não reside naquilo que são em si mesmos, nem no que fazem para Deus, mas no que Deus é para eles e realiza por meio deles. Timóteo é filho, irmão, colaborador e amigo de Paulo, amado de forma tão integral e humana porque ele é um homem *de Deus* (1Tm 6.11; 2Tm 3.17) e um colaborador *de Deus* (1Ts 3.2).

b) Como menino teve oportunidade para gozar de boa formação, como se costuma dizer, visto que a família fazia parte da elite da cidade (QI 30; At 16.1). Contudo os pais não concordavam entre si sobre os objetivos finais. Não sabemos como o homem grego e a mulher judia se encontraram. De qualquer modo permanece inexplicável como uma judia, que evidentemente vivia na tradição de fé de sua própria mãe Lóide, podia se casar com um não-judeu. O homem deve ter lhe dado grande liberdade. Isso também se evidenciava justamente pelo fato de que a mulher, junto com o filho e a sogra, se tornaram crentes no Messias Jesus. A família permaneceu unida (At 16.1; 1Co 7.3). Como menino Timóteo não foi circuncidado, do que se pode concluir que sua mãe não mantinha contato estreito com a sinagoga judaica. As duas mulheres “tementes a Deus” devem ter sido parte daquela grande multidão oculta de pessoas que não participavam da atividade religiosa formal e apesar disso buscavam a Deus com o coração desperto. De acordo com At 18.7 Paulo se refugia junto de Tício Justo, “que era temente a Deus”, e cuja casa era vizinha da sinagoga em que a congregação cristã se reunia. “Tementes a Deus” são chamados os não-judeus que crêem no Deus de Israel, freqüentando também a sinagoga, mas (ainda) não se submetem à circuncisão. Precisamente entre esses “tementes a Deus”, dos quais também faziam parte a mãe e avó, havia muitos que se tornaram crentes em Jesus, o Messias.

Em At 16.1 a mãe é mencionada antes do pai, o que pode constituir um indício da influência determinante sobre a educação do menino (cf. 2Tm 1.5; 3.15).

c) Timóteo é predominantemente ligado à mãe. Sua saúde é pouco resistente e com freqüência está indisposto, talvez já desde a infância. Contudo isso não o detém das longas caminhadas, desconfortáveis viagens marítimas e experiências cheias de privações (p. ex., junto ao prisioneiro Paulo em Roma; 1Tm 5.23). O jovem fisicamente pouco robusto é acanhado e tímido (2Tm 1.6s; 1Co 16.10). A impressão que causa não é imponente, de sorte que se pode facilmente subestimá-lo, e até mesmo menosprezá-lo (1Co 16.11; 1Tm 4.12), no que ele não se diferencia muito do apóstolo (2Co 10.1,10!; 1Co 2.3), que igualmente era debilitado pela enfermidade (2Co 12.7-10; Gl 6.17; 4.13-15; “Bem sabeis, foi por ocasião de uma doença que vos anunciei pela primeira vez a boa nova; e, por mais que meu corpo fosse para vós uma provação, não mostrastes nem desdém nem repugnância” – TEB).

d) Os dois apresentam semelhanças físicas e psíquicas, mas o apóstolo tem a vantagem da grande autonomia e independência, para dentro da qual ele libera o jovem colaborador com uma paciência que nunca esmorece, porque a mais nobre tarefa do pai é conduzir o filho à maioridade. O pai, de cuja ausência Timóteo se ressentiu no desenvolvimento da própria fé e talvez também da própria vida, ele agora encontra em Paulo. Seu apego é grande (2Tm 1.4; Fp 2.22), mas não se transforma em dependência errada, mas em fidelidade por livre decisão. Por essa razão o apóstolo o envia desde o começo com incumbências e responsabilidades reais para viagens a Tessalônica, Corinto, Filipos, Éfeso. Por essa razão o recomenda às igrejas, para que lhe dediquem confiança. Por essa razão ele o direciona incessantemente para o próprio Senhor. Deve estar ciente e “saber” de forma cada vez mais real que ele é colaborador *de Deus*. O colaborador em vias de amadurecer deve ter no próprio Deus sua fonte de vigor e sua norma: fortalece-te pela graça de Cristo (2Tm 2.1); o Senhor te dará compreensão em todas as coisas (2Tm 2.7); não negligencies o dom da graça em ti (1Tm 4.14), mas atíça-a para novo ardor (2Tm 1.6); realiza cabalmente teu serviço como eu o completei (2Tm 4.5,7), porque promoves a obra da mesma maneira como eu (1Co 16.10).

e) Talvez a fragilidade física e psíquica não sejam consideradas vantagens para um mensageiro do evangelho. No entanto importa reconhecer o reverso da força que faz parte de toda a fraqueza: a sensibilidade de Timóteo está livre do medo por si mesmo e por isso colocado integralmente a serviço do amor. Consegue sensibilizar-se, entregar-se, esquecer-se. É capaz de sentir, sofrer, andar com os outros. Pode consolar, fortalecer, apurar os irmãos (1Ts 3.2; Fp 2.20; 2Tm 1.4). Foi esse dom que ele exercitou primordial e mais intensamente após 20 anos de serviço conjunto com Paulo. Por isso o apóstolo solitário e certo da iminente morte anseia pela presença física daquele que é forte como consolador (2Tm 4.9,21).

A mencionada influência de uma educação feminina pode, mas não precisa ser considerada restritiva ou até mesmo negativa. O próprio Paulo a vê positivamente (2Tm 1.5; 3.15), já que havia experimentado pessoalmente o efeito abençoador e protetor de uma mulher maternal (Rm 16.13). No sensível Timóteo algumas características tradicionalmente femininas, que em geral são reprimidas nos homens, se desenvolveram mais. Também nisso ele é bastante semelhante ao apóstolo que – com Timóteo e Silvano – atuou entre os tessalonicenses “qual ama que acaricia os próprios filhos” (1Ts 2.7).

f) Para quem é capaz de se colocar tão intensamente na situação de outros torna-se difícil traçar limites, posicionar-se com determinação contra coisas incorretas, ordenar que tudo pare e introduzir mudanças. Por isso Timóteo não conseguiu sanar o conflito em Corinto. Para isso havia necessidade de Tito, mais autônomo e de atitudes mais determinadas (QI 30; 2Co 7.6s). Quem é capaz de andar um longo trajeto com outros, quem consegue sintonizar-se bem com a situação de outra pessoa, em dado momento também pode ir longe demais e passar dos limites. Por isso Timóteo precisa de exortação à castidade (não apenas na área sexual) e ao distanciamento, a única forma de conseguir julgar de maneira bem imparcial (1Tm 5.2,22,21; 2Tm 2.22). Quem está indefeso é facilmente vulnerável, pode apresentar-se subitamente com rigor para escapar da dissolução total (1Tm 5.1; 2Tm 2.24s). Quem julga e age de forma hesitante pode despercebidamente tentar forçar “soluções” precipitadas, no intuito de recuperar, refazer, inserir a outros na cooperação (1Tm 5.22a; 4.14; 2Tm 1.6; 4.9,21). A pessoa medrosa pode facilmente cair sob o domínio da lei. Talvez Timóteo tenha se deixado influenciar pelos hereges que ordenavam abster-se de determinadas comidas (e

bebidas; 1Tm 4.3; 5.23). O colaborador facilmente impressionável podia cair mais facilmente do que se dava conta sob a influência dos hereges que se apresentavam como inofensivos e solícitos (1Tm 6.11,20; 2Tm 2.16,23; 3.5c; 3.13; 4.2-5).

g) Contudo, em todas essas considerações sobre pontos fortes e fracos ainda não mencionamos a característica decisiva que marca Timóteo, fazendo dele o colaborador destacado que Paulo menciona com louvor em dez cartas.

O espírito desse homem, a orientação fundamental de sua natureza é nítida e igualmente perceptível em todas as afirmações que se referem a ele: Timóteo é sinceramente abnegado. Que significa isso? Sua mentalidade é sincera, transparente, clara. Não apenas Paulo, mas todo colaborador e todas as igrejas sempre sabem qual é a sua posição diante de Timóteo. Ele não diz uma coisa e pensa outra. Sua fé é de fato não-fingida (2Tm 1.5), assim como o é seu amor (Fp 2.20). Nessa verdadeira singeleza, retidão, franqueza e sinceridade ele é semelhante ao apóstolo, tendo de fato “o mesmo pensamento” e, por isso, sendo seu autêntico filho (Fp 2.20,22).

Embora seja tímido, não busca sua auto-afirmação no serviço ao evangelho; embora receba pouco reconhecimento, não visa lucro espiritual ou material para si (Fp 2.20-22; 1Tm 6.5s): “Não tenho ninguém mais que compartilhe os meus sentimentos, que realmente se preocupe com o que vos concerne. Todos visam os seus interesses pessoais, não os de Jesus Cristo; mas ele, vós sabeis que provas deu a sua capacidade: qual filho junto do seu pai ele se pôs comigo a serviço do evangelho.” (TEB)

Visar sinceramente não os próprios interesses, essa é a essência do amor (1Co 13.5). Esse objetivo final de todas as instruções (1Tm 1.5) irrompeu em Timóteo apesar de todas as fraquezas e insignificância. Em sua vivência e em seu serviço se manifestou a mentalidade de Jesus, que como verdadeiro diácono de Deus não veio para ser servido, mas que entregou a vida até a morte no serviço à salvação do mundo (Fp 2.5,20).

Essa unidade peculiar e singular de sinceridade e entrega, de desprendimento não-impositivo e comovente fidelidade, caracteriza o espírito de Timóteo. Nisso ele é unânime com Paulo. E esse espírito, que caracteriza as past da mesma forma como todas as demais cartas de Paulo, constitui a principal evidência da autenticidade não apenas das três últimas cartas do apóstolo, mas de sua existência e da de Timóteo como servos do Senhor. É o Espírito de Jesus, Espírito de poder, de amor e de disciplina (2Tm 1.7), que ambos receberam e irradiam em sua vida.

COMENTÁRIO

O PROÊMIO – 2Tm 1.1s

- 1 – Paulo, apóstolo de Cristo Jesus, pela vontade de Deus, de conformidade com a promessa da vida que está em Cristo Jesus,
- 2 – ao amado filho Timóteo, graça, misericórdia e paz, da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus, nosso Senhor.

1. Remetente e destinatário – 2Tm 1.1-2a

- 1 O apóstolo inicia também sua última carta com a seguinte ênfase, indispensável e inesquecível para ele: pela vontade de Deus ele se tornou o que é. “**Paulo, apóstolo do Messias Jesus, pela vontade de Deus.**” Inicia de forma idêntica quatro outras cartas.
Segundo a promessa da vida (*katēpangelian*). Quando se traduz com “segundo”, é preciso pensar nas promessas do AT, que chegam todas ao “sim”, i. é, ao cumprimento no Messias. Também é possível traduzir *kata* como um alvo visado: “para obtenção de”. Nesse caso essa palavra expressa a *esperança* que encontramos em 1Tm 1.1. O fundamento de seu ministério apostólico é a vontade convocadora de Deus, o alvo é o próprio Jesus, a esperança é a promessa da vida como tal. Diante da iminente morte seu olhar contempla a promessa da vida. Essa sucinta asserção também pode conter o grato conhecimento de que ele foi chamado como apóstolo para ser, até a última hora, um mensageiro da vida, que se manifestou e pode ser encontrada no Messias Jesus. Não de forma abrandada, mas particularmente enfática e freqüente, Paulo emprega essa síntese mais característica de sua teologia e seu serviço, uma síntese de toda a revelação, todos os pensamentos e experiências: **no Messias Jesus.**
- 2a **Meu amado filho.** Um amor pessoal e afetuoso une o apóstolo ao seu mais fiel colaborador. O pai espiritual que se tornou idoso emprega a expressão mais terna que conhece para o jovem que amadureceu como homem: “meu amado filho”. Não é natural que o relacionamento tão puro e não-

turbado entre esses dois homens persista por tantos anos. Em toda a missiva repercute a gratidão, e até mesmo a emoção de Paulo pelo presente de uma amizade dessas. A importância da verdadeira amizade para a difusão do evangelho e a edificação da igreja foi insuficientemente reconhecida. Não foi por acaso que Jesus enviou os discípulos de dois em dois. E a coisa mais sublime que lhes pode dizer e dar é designá-los de amigos. O “título” que João Batista escolhe para si permite depreender as maiores profundidades do relacionamento inter-humano: “amigo do noivo”.

2. Saudação – 2Tm 1.2b

2b – Graça, misericórdia e paz, da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus, nos-so Senhor.

A saudação é inalterada, como em 1Tm 1.2b. Nenhuma indicação de local é fornecida no endereço, mas Timóteo ainda se encontra em Éfeso, porque está informado, em parte melhor que Paulo, sobre aquilo que acontece em Éfeso e em toda a província romana da Ásia. Paulo o aguarda no caminho mais curto, via Trôade; envia votos de saudação a Áquila e Priscila, que residem em Éfeso.

O TEXTO DA CARTA – 2Tm 1.3-4.18

I. Timóteo no empenho pelo evangelho – 2Tm 1.3-5,13

1. Oração e gratidão por Timóteo – 2Tm 1.3-5

3 – Dou graças a Deus, a quem, desde os meus antepassados, sirvo com consciência pura, porque, sem cessar, me lembro de ti nas minhas orações, noite e dia.

4 – Lembrado das tuas lágrimas, estou ansioso por ver-te, para que eu trans-borde de alegria

5 – pela recordação que guardo de tua fé sem fingimento, a mesma que, primeiramente, habitou em tua avó Lóide e em tua mãe Eunice, e estou certo de que também, em ti.

3 Graças dou a Deus, a quem, desde os meus antepassados, sirvo com consciência pura. Na defesa perante o tribunal Paulo se estriba no Deus de seus pais: “Confesso-te que... sirvo ao Deus de nossos pais, acreditando em todas as coisas que estejam de acordo com a lei e nos escritos dos profetas.” Também aqui se deve presumir que ele esteja sofrendo um ataque assim, motivo pelo qual a presente confissão não contraria 1Tm 1.13s. Ali ele fala de uma transgressão passada (fui um blasfemo), aqui, de uma ação contínua no presente (eu sirvo). Em Fp 3.5s passado e presente aparecem juntos: descendência dos antepassados (v. 5), a boa consciência, i. é, também aqui a justiça demandada pela lei (v. 6) e o descaminho culposo: perseguindo a igreja com todo o fervor. Sobre isso, veja 1Tm 1.5s!

O relacionamento de Deus com o ser humano não começa apenas quando este se converte. Na vida de Paulo, assim como na vida de qualquer pessoa, Deus já deu início a uma história prévia. O agir de Deus alcança até a existência anterior ao nascimento. Cf. Gl 1.13-15: 1) Um zeloso das tradições dos pais. 2) Perseguido a igreja de Deus. 3) O tempo antes de Damasco (Deus, que separa e convoca desde o ventre materno). 4) A hora do arrependimento (aprouve a Deus revelar seu Filho).

Quando me lembro de ti. Chama atenção a ênfase na lembrança por meio de quatro expressões diferentes nos v. 3-6:

4 Lembrando-me de tuas lágrimas. A essência da simpatia e do vínculo afetivo é expressa na recordação: “Lembraí-vos dos encarcerados como se presos com eles, dos que sofrem maus tratos como se, com efeito, vós mesmos em pessoa fosseis maltratados.” Em seu coração Paulo recorda a tristeza de Timóteo como alguém que também está triste no momento e que sofre com a separação de seu filho amado.

5 Recebo a lembrança (na oração), traduz o exegeta Holtz. A recordação é despertada por uma nova impressão. O Espírito Santo evoca na pessoa que ora aquilo pelo que ela deve agradecer e interceder. Por isso “lembrar nas orações” não constitui um linguajar piedoso, mas experiência real de quem ora. “Traz à recordação!” O servo de Cristo deve despertar a lembrança dos crentes no poder do Espírito. Aqui está em jogo muito mais que mero treinamento da memória ou conhecimento formal de palavras. Aquilo que de fato foi trazido à recordação toca, transforma e fortalece o íntimo.

6 Eu te faço lembrar. Lembrar de algo que se tende a esquecer, como em 1Co 4.7: Timóteo vos fará lembrar os meus caminhos (minha doutrina)!

Sem cessar em minhas orações. Orações de súplica fazem parte da gratidão. **Dia e noite** sublinha a constância da oração. Um missionário que tivera um colapso pelo cansaço após uma atividade de alcance mundial de-clarou que no futuro sua atuação não poderia assumir proporções maiores do que ele seria capaz de cobrir com a oração.

A tradição não é mero “patrimônio do conhecimento”; ela é transmitida no coração, mantida viva na memória, trazida à recordação pelo Espírito Santo. *Pneuma* e tradição não se contrapõem. Os evangelhos sinóticos mostram Jesus como aquele que ensina os discípulos, levando-os a compreender através da recordação, e em João ele fala do Espírito Santo, o mestre da verdade, que *lembra* aos discípulos todas as coisas. Paulo exorta a igreja, *fazendo-a recordar*: “Não sabeis?” Por meio dessa pergunta que suscita a recordação Paulo introduz suas instruções pastorais.

Não se trata de um saber de mera informação, mas de um saber presenteado à consciência do ser humano, i. é, a seu espírito pelo Espírito de Deus. O conhecimento da verdade deve levar, pela constante recordação, ao despertar e à renovação da pessoa, a uma vigilância e emancipação que capacita os membros da igreja a mutuamente trazer à própria lembrança o evangelho e a cumpri-lo. No poder do Espírito e com as lembranças dele Paulo recebe a tradição e a passa adiante. Isso se torna particularmente explícito na maneira como o apóstolo cita a tradição da ceia do Senhor. “A partir do Senhor” ele recebeu o que transmite. Nesse contexto “faí isso em minha memória” se reveste de seu sentido original. Não se trata apenas de exercício de memória, mas de uma realidade concretizada por meio do Espírito Santo: o Senhor está real e verdadeiramente presente por meio da “recordação” do Espírito Santo! Por isso não deve causar espécie que Paulo *lembre* seu filho amado de avivar o carisma. O Espírito leva o carisma a arder com fortes labaredas, tornando viva a recordação.

4 Tenho saudade de te ver. O saudoso desejo é movido pelo amor. Assim como Timóteo consolou a Paulo em anos passados, ao lhe falar do anseio da igreja em Tessalônica por um encontro face a face com ele, assim o apóstolo faz saber a seu colaborador que tem saudade dele e gostaria de vê-lo. O anseio por um encontro pessoal não é antiespiritual. Uma vez que Paulo se lembra continuamente de Timóteo, i. é, está sendo lembrado dele pelo Espírito na oração, estando, pois, incessantemente ligado a ele pelo Espírito, justamente por isso tem o desejo de vê-lo. Eu preciso de ti porque te amo. Essa confissão pessoal do apóstolo pode ser um estímulo tão intenso para colaboradores mais jovens como a incumbência em si. Timóteo pode dizer a si mesmo: Paulo precisa de mim, tem necessidade de mim, pede por minha presença; sou importante para ele, tenho valor aos olhos dele. Justamente porque o próprio Espírito efetua e concede a confirmação divina no coração, ele também quer que um confirme o outro no Senhor.

4 Lembrado de tuas lágrimas. Na Antigüidade as lágrimas não eram consideradas sinal de um sentimentalismo frágil ou pusilânime. Reis e profetas podiam muito bem ser abalados até as lágrimas pela dor. A Escritura atesta que Jesus chorou. O serviço apostólico da exortação estava, por assim dizer, prestes a verter lágrimas. O apóstolo não podia permanecer impassível diante da aflição, do sofrimento ou dos descaminhos daqueles a quem servia. A igreja oriental conhece o “dom das lágrimas” como um dom espiritual. Por isso as lágrimas de Timóteo não representam um sinal de fraqueza, mas exteriorização de um amor capaz de sofrer. Timóteo não precisa se envergonhar de suas lágrimas, porque não aprendeu com Paulo uma indiferença estoica, e sim a chorar com os que choram e a alegrar-se com os que se alegram. Pode-se imaginar uma cena de despedida como a que foi descrita em At 20.36-38. Um encontro dos dois entre a primeira e segunda carta a Timóteo poderia ser depreendida de 1Tm 3.14 e 2Tm 4.13. Timóteo ficara sozinho em Éfeso, enquanto muitos colaboradores puderam acompanhar Paulo.

Para que eu fique repleto de alegria. Por não brotarem de uma débil autocomiseração, as lágrimas estão muito próximas da alegria. Quem chorou quando Paulo o deixou pode agora encher de alegria o Paulo solitário, vindo para junto dele. Em vista da sentença de condenação e da iminente mor-te, preso por correntes, o apóstolo escreve: Tenho saudade de ti, tua vinda me encherá de alegria. A figura de duas pessoas que podem chorar abaladas e estar **repletas** de alegria dificilmente se enquadra na concepção de um aburguesamento cristão ou da impassividade estoica. Pelo contrário, temos diante de nós um testemunho daquilo que a comunhão no Espírito Santo pode significar. Deparamo-nos não com dois detentores de cargos, mas com dois pneumáticos, dois amigos. Seu

relacionamento é cheio de caloroso afeto e, apesar disso, contido. É o que evidenciam as frases breves, carregadas de conteúdo. Em última análise seu relacionamento não está voltado para eles mesmos, não foram dados um ao outro para a satisfação pessoal. Sua alegria mútua está alicerçada sobre a alegria no Senhor que têm em comum e sobre o serviço a ele.

- 5 **Recebo a recordação** (na oração). Quem ora no Espírito está acordado para o mover do Espírito, que instiga o espírito humano a orar.

Da fé não-fingida que habita em ti. A palavra da vida impulsiona em Timóteo sua obra rumo ao alvo final: amor de um coração puro (do que dão testemunho as lágrimas), boa consciência e fé não-fingida. Sua fé não constitui um pretexto para motivar autojustificação, mas trata-se de uma fé que se mantém firme na fidelidade de Deus.

Que primeiramente habitou em tua avó Lóide e em tua mãe Eunice. Cf. 2Tm 1.14: o Espírito Santo que habita em ti. Chama atenção que as duas mulheres sejam citadas por nome (não são mencionadas em Atos dos Apóstolos), porém isso não é incomum em Paulo. Por que Paulo cita seus nomes? Na oração é lembrado delas. Nada se diz sobre o pai. É benéfico para Timóteo viver sob a influência das duas mulheres? Paulo não faz considerações psicológicas, mas dirige seu próprio olhar e o do colaborador para a fé das duas mulheres. Timóteo foi instruído desde criança nas Escrituras Sagradas do AT. Por isso vale para ele o mesmo que Paulo disse acerca de si mesmo: Deus já agia graciosamente nele desde o ventre materno. A recordação, gerada pelo Espírito, da imutável fidelidade de Deus leva ao louvor e ao fortalecimento na fé.

Estou convicto de que (ela habita) **também em ti.** Timóteo deve ter certeza de que Paulo não duvida da fé dele quando lhe escreve cartas de admoestação. Quando Paulo escreve às igrejas sobre o que para elas ainda podem alcançar em termos de crescer no amor e na fé, ele jamais está colocando em dúvida o que existe, muito pelo contrário: ele o confirma.

A relevância real da recordação dos ancestrais provocada pela oração pode residir no fato de que em sua difícil tarefa Timóteo precisa “saber” que seu envio não está baseado em sua conversão ou sua disposição de crer, mas em Deus, que separa e convoca desde o ventre materno. “Estou convicto de que a fé habita em ti.” Na oração, o Espírito corroborou essa convicção no apóstolo. É isso que ele comunica a seu amado amigo.

2. Testemunhar no poder do Espírito – 2Tm 1.6-14

a) Dom e poder do Espírito – 2Tm 1.6-7

6 – **Por esta razão, pois, te admoesto que reavives o dom de Deus que há em ti pela imposição das minhas mãos.**

7 – **Porque Deus não nos tem dado espírito de covardia, mas de poder, de amor e de moderação.**

- 6 **Por essa razão lembro-te de que avives o dom da graça de Deus que está em ti pela imposição de minhas mãos.** Em relação ao todo, cf. 1Tm 4.14! O carisma, que é dádiva de Deus, está em ti, ou seja, ele é uma realidade que age a partir do centro da pessoa, configurando todo o caráter de conformidade com a graça e inspirando os dons naturais, de tal modo que cheguem ao desenvolvimento pleno no serviço a Cristo: “Trabalhei mais que todos eles, não porém eu, mas a graça de Deus comigo.” A ênfase nesse caso não incide sobre o recebimento inicial do dom, mas sobre a responsabilidade atual de fazer com que ele se incendeie e transforme em uma chama plena. O carisma não determina o ser humano de modo que ele deixe de ser livre e responsável. Pode ter recebido a graça em vão, pode negligenciá-la ou então desenvolvê-la por meio da fé e do amor. Se a idéia subjacente fosse uma graça ministerial especial, que alguém recebeu em certa ocasião e agora detém de forma imperdível, a exortação de não negligenciar o carisma ou de reativá-lo não faria sentido. A graça de Deus ou o carisma viabilizam uma nova consciência. A autoconsciência é totalmente encharcada ou – para usar a metáfora do fogo – aquecida pela graça, tornando-se uma consciência da graça (pela graça de Deus sou o que sou). Disso surge uma nova atuação por graça (“trabalhei mais do que todos eles, todavia não eu, mas a graça de Deus comigo” [1Co 15.10]).

Avivar pode significar tanto “tornar a atizar um fogo” como também “conservar um fogo com chama total”. Na exortação de Paulo a Timóteo para que se lembre o verbo dificilmente tem conotação de crítica, antes, de asserção, para que o amado filho avive o dom ardente para se tornar

um braseiro mais forte. Em relação a 1Tm 4.14 alterou-se a situação: o martírio está prestes a acontecer. Instalou-se uma conjuntura extrema decisiva que pode demandar também de Timóteo algo extremo. Só se ele arder no carisma poderá ser aprovado na fé e como testemunha também no sofrimento. O braseiro no forno não precisa estar continuamente aceso para ser capaz de soltar fortes labaredas. Deve ser capaz de flamejar com força somente quando é necessário, mas nesse caso com rapidez e sem empecilhos. A lembrança é como um vento que aviva a chama do Espírito para uma queimada, de maneira que o ser humano que arde no Espírito pode viver e agir na disciplinada força do amor.

7 **Porque Deus não nos tem dado espírito de desânimo, mas de poder, amor e disciplina.**

Porventura essas palavras trazem uma crítica velada? O “nos”, que inclui todos os cristãos, poderia ser visto como consideração, que evita interpelar Timóteo diretamente acerca de seu desânimo para não desmascará-lo. No entanto uma interpretação diferente é mais plausível: uma comparação com outras passagens na primeira pessoa do plural propõe a conclusão mais simples, de que Timóteo deve ser encorajado com todos os membros e servidores da igreja por meio da lembrança de que está ligado a Paulo. No caso, não se pode excluir a possibilidade de que Timóteo tenha uma tendência a facilmente desanimar ou ficar deprimido. Essas fraquezas humanas não devem nem precisam se tornar um problema, e tampouco uma limitação de seu serviço. Timóteo não recebeu um Espírito especial ou uma “graça ministerial” especial, diferente de outros cristãos; por meio do Espírito Santo ele obteve um dom que deve empregar de acordo com a graça que lhe foi concedida.

Espírito de desânimo. Um temor que é vexatório por incluir covardia. Uma formulação negativa colocada no início da frase enfatiza o contraste, muito similar a Rm 8.15: “Não recebemos espírito de servidão, para nova-mente temer, mas um espírito de filiação para invocar ousadamente o Pai.” É preciso ver a rejeição enfática do Espírito de desânimo em correlação com a confissão do apóstolo de que *não se envergonha* do evangelho. Se não houvesse motivo ou tentação para tanto, faria pouco sentido até mesmo falar disso. Por Deus nos ter dado o seu Espírito, devemos avivar os dons dele no poder desse Espírito, devemos aplicá-los e na respectiva situação também fazê-los render o máximo.

Espírito de poder (*dynamis*). Trata-se do Espírito de Cristo, que fortalece o apóstolo para o serviço (1Tm 1.12). Nesse Espírito também Timóteo pode haurir novas forças (2Tm 2.1). O Espírito de poder é o Espírito que concede franqueza, audácia, prontidão, desinibição, destemor, certeza para o testemunho e o serviço.

Não são determinantes a força natural do caráter ou o poder imponente da personalidade, mas o Espírito Santo, por seu dinamismo, é capaz de desencadear em uma pessoa frágil, limitada e até mesmo tímida por natureza, um movimento e uma mobilidade espantosa. Ainda hoje a franqueza de pessoas sem estudo e recursos surpreende mais as pessoas do que todo o conhecimento adquirido por força própria. No entanto a ousadia que o Espírito Santo concede não deve ser confundida com a ingenuidade pujante de presunção em cristãos que consideram sua pequena medida de fé, saber e experiência como a coisa suprema e essencial. Quando se entende a instrução de Paulo a Timóteo, então *não* é possível tornar-se refém da idéia de que a verdadeira desinibição seria dada aos que se contentam com aquilo que detêm como potencialidades pessoais. O Espírito Santo solta o entorpecimento do espírito humano. Torna-o incandescente e introduz uma tendência dinâmica de reformulação e incremento.

Espírito de amor (*agape*). Sua própria atuação dá a Paulo a consciência de que poder e amor precisam estar lado a lado. Porque poder isolado endurece; amor isolado, se de fato ainda for amor, amolece. A pessoa de Deus, ardente e impelida pelo Espírito de Deus, unifica em si o poderoso amor feminino e o amoroso poder masculino. O servo dinâmico sem amor torna-se fanático; quando encontra resistências, torna-se amargo.

Espírito de disciplina. O Espírito Santo torna sóbria, sensata, controlada a pessoa que ele preenche. Propicia percepção e visão claras. O Espírito Santo que domina o ser humano leva ao autocontrole. O “autocontrole” é um *dom*, um *fruto* do Espírito, justamente o *contrário* do resultado do autocontrole (automanipulação estóica). O espírito humano que tenta controlar a si mesmo é enrijecido, violenta a si mesmo e prende as forças da pessoa a ela mesma, em vez de desenvolvê-las no serviço ao próximo. Muito daquilo que se apregoa e almeja como “bons tratos” entre cristãos pertence ao âmbito das tentativas humanas e mundanas de alcançar o ordenamento das próprias forças e da comunidade através do verniz religioso, associado à oração e à fundamentação bíblica. Essas tentativas ignoram o fato de que o “autocontrole” é igualmente fruto do Espírito Santo, assim

como o amor ou a alegria. Por isso, para prevenir uma confusão, será melhor reproduzir esse termo com “**disciplina**”. Designa a pessoa que foi posta sob disciplina pelo Espírito Santo, que se encontra sob **educação** divina. É assim que também deve ser entendido Tt 2.12s; a graça de Deus nos *educa*. Próximo da disciplina situa-se o termo *medida*. A pessoa sensata foi submetida ao controle do Espírito. Por meio do Espírito ele passa a ter uma percepção da medida do que é apropriado, do que cabe agora fazer e deixar de fazer. A medida é um ideal grego. Tal fato, no entanto, não deveria levar a ignorar o sentido bíblico da medida, a saber, daquele que estabelece a medida. Cumpre dizer duas coisas acerca disso: medida do ser humano não é o ser humano, mas Deus. A pessoa separada de Deus não tem mais referencial. Quando alguém se mede pelas pessoas, situa-se aquém da medida. É Deus quem estabelece a medida do ser humano. Esta medida é o ser humano Jesus Cristo, conforme apresentado pelo hino de 1Tm 3.16. Sob essa perspectiva a medida bíblica não é uma insossa mediocridade burguesa. A medida é obtida do imensurável Deus do amor, que em Cristo se revela e se volta de forma determinante ao ser humano.

O Espírito da disciplina e da medida é simultaneamente o Espírito da liberdade e da franqueza. A disciplina do Espírito não leva de forma alguma a uma nova escravidão, mas à liberdade e ao destemor (*parresia*) dos filhos de Deus. O Espírito ardente e avivado não deixará Timóteo inebriado e medroso, mas há de plenificá-lo com poder de amor e sóbria avaliação da verdadeira situação.

b) Convocado como testemunha – 2Tm 1.8-12

8 – Não te envergonhes, portanto, do testemunho de nosso Senhor, nem do seu encarcerado, que sou eu; pelo contrário, participa comigo dos sofrimentos, a favor do evangelho, segundo o poder de Deus,

9 – que nos salvou e nos chamou com santa vocação; não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos,

10 – e manifestada, agora, pelo aparecimento de nosso Salvador Cristo Jesus, o qual não só destruiu a morte, como trouxe à luz a vida e a imortalidade, mediante o evangelho,

11 – para o qual eu fui designado pregador, apóstolo e mestre

12 – e, por isso, estou sofrendo estas coisas; todavia, não me envergonho, porque sei em quem tenho crido e estou certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele Dia.

João Batista, o precursor do Senhor, foi lançado à prisão, onde acabou sendo executado para que sua cabeça fosse oferecida em uma bandeja aos caprichos de uma mulher. Foi assim que o mundo corrupto liquidou o chamado de João Batista à vida. O próprio Jesus acabou no mastro dos criminosos, e seu apóstolo, tratado e considerado como lixo e escória do mundo, permanece na prisão durante anos, acaba sendo condenado no inquérito e finalmente executado como um dos muitos criminosos ou inimigos do Estado romano. Esse Paulo chama a si mesmo de “emissário em algemas”. Trata-se de um título honorífico paradoxal, idêntico a “escravo de Jesus Cristo”. Está livre em meio a laços e grillhões humanos. Pode-se pensar que quem está algemado não consegue cumprir sua missão e ir para frente. Quem é enviado não deve estar preso. Contudo Paulo não é prisioneiro do imperador, ele é “dele”, i. é, do Senhor, detido por causa dele. Pertence ao Senhor sobre todos os senhores, razão pela qual nenhum poder terreno é capaz de deter o curso do evangelho de que foi incumbido. Timóteo foi chamado ao mesmo discipulado. “Assume também tu a trajetória de sofrimento da mensagem da salvação neste mundo, no poder de Deus” (Wilckens). A salvação para o mundo vai e vem por este mundo na trajetória do sofrimento. O ser humano pode estar interior e exteriormente acorrentado, “mas a palavra de Deus não está algemada”. É preciso ler as past sob a perspectiva desse testemunho e interpretá-las à luz dele, porque o chamado à disposição para sofrer não contradiz as instruções para uma conduta digna, mas de fato lhes propicia a fundamentação correta: ao enfrentar *perseguição*, orar pelos que perseguem, não oferecer argumento aos blasfemos em favor de sua rejeição da fé. A situação geral é similar à da carta aos Filipenses, ainda que agora muito mais exacerbada pelo aumento dos hereges, pela desistência de colaboradores e a iminente execução da sentença de morte. Como um marginal comum Paulo está acorrentado a seus vigias.

8 Quando o porta-voz dos cristãos é alvo de tamanha proscrição social e humilhação pessoal, é grande a tentação de se envergonhar do evangelho. Mas Timóteo havia perseverado ao lado de Paulo, e deve e há de fazê-lo também agora. **“Por isso não te envergonhes do testemunho de nosso Senhor nem**

de mim, seu prisioneiro.” Não que Timóteo fosse particularmente corajoso e destemido, mas por habitar nele o Espírito de Deus ele é capaz de permanecer constante no poder desse Espírito e participar do sofrimento em prol do evangelho.

O testemunho de nosso Senhor. A expressão pode significar: o testemunho dado pelo próprio Jesus, ou o testemunho que a testemunha profere em favor de Jesus.

Jesus deu testemunho perante Pôncio Pilatos. Podemos traduzir segundo o sentido: Timóteo não deve se envergonhar ao testemunhar o evangelho, ainda que isso acarrete sofrimentos, desprezos, perseguição e morte. Quem aceita e retransmite o evangelho precisa contar com humilhações e perseguições. Nas past esse saber não foi esquecido nem mesmo negado. Nenhuma instrução perde de vista esse pano de fundo. Todos, e não apenas Paulo ou Timóteo, serão perseguidos se considerarem Jesus como único Senhor, e buscarem e encontrarem somente nele a expectativa e o cumprimento de sua vida. Viver com Jesus e ser perseguido – isso forma uma unidade. A exposição à perseguição ilumina claramente a maneira como se deve entender a devoção nas past! Não é um ideal de vida estóico-helenista, mas os testemunhos dos salmos do AT, repletos de humilhação, medo e perseguição, que originam a consciência das past, ainda que recorra aqui a outra linguagem. Não é por acaso que em sua última hora os mártires recitavam e entoavam justamente os salmos. Quem *não se envergonha* do Senhor, mas espera nele, não será *envergonhado*, nem mesmo perante o último inimigo, a morte. “Que eu não fracasse” não é uma prece por proteção barata para uma vida sossegada, é clamor e ao mesmo tempo entrega confiante na mais extrema aflição.

Envergonhar-se contrasta com ousadia (*parresia*), conferida pelo Espírito de poder. Seria recuar e silenciar diante de qualquer forma de resistência: do sorriso indiferente e zombeteiro até o escárnio, flagrante desprezo, ameaça, perseguição, tortura e morte.

Porém sofre junto pelo evangelho. Sofrer com: esse novo verbo, cuja composição foi cunhada aqui por Paulo, sintetiza em uma única palavra a compreensão do apóstolo sobre o sofrimento, conforme é conhecido de Fp 3.10: confessá-lo significa ter comunhão com seus sofrimentos, o que leva à configuração idêntica com a morte de Jesus e finalmente com sua ressurreição. Assim como a igreja dos filipenses sofre por Cristo ao experimentar em si a mesma luta que é enfrentada por Paulo, assim também Timóteo foi chamado – *junto com* Paulo, e nisso seguindo a Jesus – a sofrer oposição, adversidade, desprezo, maus tratos, rejeição, prisão, condenação e morte em favor do evangelho. Quem padece em prol do evangelho experimenta que o mal não consegue consumir seus efeitos devastadores e destrutivos: o poder de Deus preserva a pessoa que sofre. Está unido ao amor de Deus, um amor que é vitorioso até mesmo na morte. Trata-se daquele Espírito de glória e poder que repousa sobre os impotentes, conforme foi atestado acerca do primeiro mártir Estêvão e posteriormente experimentado por numerosos mártires.

Existe um sofrimento na igreja causado pela adaptação dela ao mundo e por sua banalização. Paulo sofre também com o fato de que os inimigos da cruz de Cristo se alastram na igreja, por não estarem dispostos a sofrer com o evangelho. A segunda carta de Timóteo atesta os mesmos sofrimentos. No entanto, agora está em jogo muito mais, a saber, a disposição de suportar e acompanhar o último sofrimento conjunto por amor do evangelho: o testemunho de sangue (martírio). Não há espaço aqui para um *patos* falso, para lástimas, autocomiseração; em vez disso o olhar está voltado para a santa convocação por Deus, que nos redimiu e chamou com a santa vocação.

- 9 Os v. 9s chamam atenção pela peculiaridade estilística. Foram acolhidos integralmente pelo apóstolo como confissão liturgicamente já formulada ou então parcialmente reconfigurados e adaptados ao propósito da carta. Diante do fato de que o tema central em Paulo (justificação por graça, não por obras) conste somente aqui e na passagem de Tt 3.5, igualmente de cunho litúrgico, alguns exegetas presumiram que os conceitos de justiça e obras nas demais seções das past teriam uma coloração diferente, não-paulina. Contra isso cabe dizer: *primeiro* as boas obras são nitidamente vistas como frutos da fé. O fato de serem mencionadas tantas vezes se deve à situação da igreja. Nela se instalam falsos mestres que negligenciam ou negam as conseqüências práticas da fé. Mas também a crescente pressão (crítica, oposição, perseguição) de fora torna necessária e compreensível a ênfase no amor decorrente do amor e em suas obras. Em *segundo* lugar as citações hínicas sintetizam conscientemente o sentido das exposições anteriores ou subseqüentes, ligando as instruções com a fonte: o sentido supremo e mais abrangente da beatitude (devoção) não deve ser depreendido de instruções práticas, mas da exaltação de sua origem em Deus. Os ricos e os que almejam ficar ricos

podem reconhecer o significado de contentamento, verdadeira riqueza e poder real no bendito e único Poderoso a quem compete a honra. Do mesmo modo o presente hino situa-se em uma ligação com o tema anterior: Deus, que convocou o apóstolo desde o ventre materno e que se revelou aos antepassados de Timóteo é aquele que age desde tempos eternos com sua intenção redentora. Por causa da eleição e dos eleitos tudo deve ser suportado com constância, porque Deus conhece que são seus e não desistirá deles. Os sofrimentos estão sob o signo da eleição: somente assim são toleráveis e se tornam transparentes em direção ao alvo eterno.

O louvor estrutura-se em três frases, cada uma com três afirmações com antíteses:

- 1) Não obras humanas – mas a vontade graciosa de Deus.
- 2) Deliberado há tempos eternos – agora manifesto.
- 3) A morte foi destituída de poder – vida incorruptível foi explicitada.

Também aqui o todo começa com o mundo eterno, quando se inclui o início imediato após o v. 8: **“O evangelho segundo o poder de Deus”** que salva e convoca.” Todos os participios se encontram no pretérito (Deus salvou, chamou, a graça foi concedida, etc.), mas em termos gramaticais todos eles estão ligados ao poder salvador de Deus, o que lhes confere conotação presente. Desde os primórdios da história humana Deus agiu como Redentor e atua agora como Redentor pelo evangelho de Jesus, que nos redimiu e chamou. Seu salvar é um chamamento para uma nova existência e para a nova atuação por ele viabilizada. O redimido é um convocado, que da mesma hora em diante está sob uma vocação santa. Foi chamado à santificação. A pessoa redimida tem o privilégio de fixar e concretizar o fato de pertencer a Deus por meio da vida diária. Isso não é justiça pelas obras. O Deus que convoca deseja exprimir sua natureza santa no corpo e na vida das pessoas chamadas, porque “assim como aquele que vos chamou é santo também vós deveis tornar-vos santos em toda a conduta.”

Chamado. Por ter sido chamado à vida eterna, Timóteo deve agarrá-la; por ela já lhe ter sido presenteada, ele deve viver a partir da força dessa vida em direção à sua consumação. 1Tm 6.12 apresenta o tema da *vocação* fora de um arcabouço de cunho litúrgico, mas pressupõe o mesmo sentido. Algo análogo vale para as *obras*, independentemente de serem mencionadas em uma peça litúrgica ou em outro contexto. Deus nos salvou e convocou. Novamente Paulo inclui a todos, se forem pessoas eleitas (2,10), i. é, conhecidas por Deus (2Tm 2.19). Timóteo não está sozinho; não se tem em mente sua vocação para colaborador, mas o tempo em que ele obteve a salvação pelo chamado de Deus. Não foi Paulo quem o chamou, mas o próprio Deus, embora por inter-médio de mediadores humanos: seus mensageiros.

Não em virtude de nossas obras. Ef 2.9: “Não por obras.” Obras precisam ser entendidas no sentido da auto-afirmação. Trata-se do agir e do esforço pelos quais a pessoa tenta legitimar-se, avalizar-se, justificar a própria existência. Quando isso acontece “perante Deus”, ela recorrerá sobretudo a boas obras religiosas. Quando, porém, ocorre perante os humanos, são obras filantrópicas, sociais, benéficas, políticas; perante a instância pessoal: assegura-se, solidifica-se e inrementa-se sentimentos emocionais de auto-estima; busca-se valores, obras e experiências artísticas, estéticas e eróticas. No entanto, dessa maneira o ser humano não é capaz de ganhar sua alma. Não se alegrará com sua própria existência, ainda que se aproprie das experiências de todo o mundo na busca pelo paraíso perdido. Poderá receber o acesso imediato para com Deus e, nela, também para consigo mesmo, somente como presente puro da vontade liberta pelo favor divino, e há de experimentar isso de fato apenas no amor entre as pessoas com as quais convive.

Mas conforme a sua própria determinação. No começo da escolha e do agraciamento não estão intenção, decisão e ação humanas, mas deliberação pessoal de Deus, não imposta por ninguém, ou seja, soberanamente divina. A eleição do ser humano depende integralmente da eleição do Messias por Deus. Apesar do perigo de possível e plausível mal-entendido e da subjacente desconfiança contra Deus é preciso destacar a sua soberana vontade graciosa. O apóstolo confessa aqui não um esquema de predestinação, mas a divindade de Deus, a liberdade de sua justiça e a soberania de seu agir. A liberdade não é filosófica ou aleatoriamente abstrata, ou até mesmo arbitrária, mas liberdade para escolher em amor, que Deus faz chegar a todos os humanos por meio de Jesus. A deliberação de Deus está sempre ligada a Jesus, sua eleição é eleição da graça, sua vontade é vontade de **amor**.

E a graça que nos foi destinada no Messias Jesus há tempos eternos. Origem e alvo da vontade redentora divina é Jesus, o Messias. Nesse hino, em termos formais, é Deus quem salva, mas no conteúdo tudo é direcionado para o centro (também configurado exteriormente): **para Jesus**. Desde

tempos imemoriais Deus prometeu a redenção, que agora se manifestou em Jesus. Englobada nisso está a idéia da preexistência do Messias. A deliberação de Deus está definida desde o começo. Não pode se arrepender dela, é confiável. A resposta condizente do ser humano ao agir de Deus é enaltecer a sua graça. Na pintura, chamamos de “encarnada” a cor que reproduz a coloração especial da pele humana. Nossa vida foi chamada a ser louvor encarnado da graça de Deus. Essa graça de ser aceito junto de Deus, o favor de Deus sobre nossa vida, a reabilitação divina (uma paráfrase da justificação) e legitimação (confirmação) de nossa existência nos foram **dadas**, i. é, oferecidas como presente. A graça foi-nos propiciada em Jesus, ele próprio é a graça de Deus tornada visível.

10 Agora, porém – na plenitude do tempo – **foi manifesta**. A forma passiva de manifestar consta no início da afirmação, fortemente enfatizada. O desígnio de Deus, até agora oculto, foi revelado em nossa época, uma contraposição que também é conhecida de Rm 16.25-27.

Pelo aparecimento de nosso Redentor. O termo “aparecimento” vale no presente caso para a encarnação, e de resto para a volta do Messias (a *parusia*). **Nosso Redentor** não é um salvador nos moldes do que era conhecido e exaltado pelo mundo romano. Seu poder não se volta para a subjugação e destruição de inimigos terrenos, mas por meio da morte dele ele vence a morte, o “rei dos terrores”. Salvador, termo usado para o próprio Deus e para o Messias, não é simplesmente uso de uma fórmula. Deus realmente redime da morte e da perdição. Deseja que todas as pessoas sejam salvas. Jesus como Messias é o Deus Salvador, que por causa da redenção se tornou ser humano. Com a palavra “Redentor” os cristãos atestam a divindade do Crucificado, de seu Senhor.

Que destruiu a morte. 1Co 15.26 vislumbra o aniquilamento da morte como último inimigo no futuro; da mesma maneira a pessoa ímpia será aniquilada apenas por ocasião da aparição (futura) de Cristo. Contudo Hb 2.14 situa a encarnação e crucificação no contexto do aniquilamento do diabo, “que possui o poder da morte”. Apesar disso não existe contradição com o presente louvor: já foi mencionada a peculiaridade estilística de que todas as afirmações apresentam o mesmo tempo verbal e podem ser interpretadas tanto como evento (pré-)histórico como também atual e futuro. O agir de Deus abarca todo o tempo, que nós humanos subdividimos, para o nosso entendimento, em passado, presente e futuro.

A carta está consciente da consumação escatológica, “a promessa da vida” pela aparição do Senhor, que conduzirá ao alvo tudo o que foi consumado. A salvação abrange todas as eras e tempos. Convocação eterna para a salvação, revelação do Redentor na terra, superação da desgraça, do pecado e da morte, consumação em glória. Tudo é simultâneo para o apóstolo que adora com seu louvor; do mesmo modo ele contempla o Redentor ao mesmo tempo como o Encarnado (*epiphaneia*), o que morreu na cruz (ele aniquilou a morte), e o Ressuscitado e Exaltado:

Que trouxe à luz a vida e a não-transitoriedade. Trazer à luz significa tornar visível, de modo que se pode ver o que até então estava oculto, porque as sombras da morte obscureceram a luz da vida, tornando-a invisível para os humanos. “Levanta-te dentre os mortos, e Cristo raiará para ti como luz (da vida).” Desde muito cedo os batizados eram chamados iluminados. Os gnósticos anunciavam que a salvação vem pela iluminação. Mas as afirmações do NT tornam explícito que a salvação vem **pelo evangelho**, i. é, pela vida, morte e ressurreição de Jesus. “A verdadeira luz, que ilumina a cada ser humano, veio ao mundo.” Deus deseja iluminar os “olhos do coração” por meio do Espírito, ele visa iluminar o interior do coração, para que “a glória do Senhor”, sua claridade, possa ser contemplada.

Não-transitoriedade. A vida marcada pela morte e escravizada no pecado de maneira alguma constitui vida plena, verdadeira, mas somente a luta por uma sobrevivida. Unicamente depois que ela se tornou indestrutível (em contraposição à morte, que destrói e pode ser destruída) e não-transitória, ela pode desdobrar seu sentido atual. É **Jesus** quem trouxe à luz vida e não-transitoriedade por intermédio de sua ressurreição acontecida neste mundo de morte. Quem busca iluminação desconectado de Jesus talvez experimente estados ocasionais de iluminação, mas continuará solitário consigo mesmo e finalmente enjoará da própria vida. Quem visa obter ou declara a incorruptibilidade sem o “Príncipe da vida”, jamais poderá alegrar-se dela. Afinal, carece da certeza na vida presente, porque as sombras da morte escurecem to-das as suas esperanças. Não buscar genericamente situações de iluminação, mas aprender a amar a aparição de Jesus, não fé abstrata na imortalidade, mas amar o Senhor Jesus Cristo com sua “glória não-transitória”: isso é o que caracteriza a fé genuína e lhe proporciona alegria incomparável em vista da morte.

Não-transitoriedade. Esse é o anseio dos gregos e o desejo da humanidade, mas aqui é a última palavra do hino, cujo centro sustentador é Jesus, o Redentor enviado pela vontade salvadora de Deus. Ele é o aniquilador dos terrores da morte, ele traz luz vital e não-transitoriedade. A mensagem da ressurreição está sintetizada nesta única frase: “Porque eu vivo, também vós vivereis” (Jo 14.19).

Coloquemos diante de nós o hino com os três versos e notemos que a linha do meio fala duas vezes de Jesus Cristo, o Redentor que foi previsto para nós desde a eternidade e que agora foi revelado:

Que nos salvou e convocou com santa vocação segundo o poder de Deus:

- 1) Não em virtude de nossas obras – mas por causa de sua própria decisão e graça
- 2) que nos foi preparada em Cristo Jesus desde tempos eternos – mas que agora foi manifesta pelo aparecimento de nosso Redentor Jesus Cristo
- 3) que destruiu a morte – em contrapartida trazendo à luz vida e não-transitoriedade.

11 Isso acontece por intermédio do evangelho, para cujo arauto, apóstolo e mestre fui designado.

Como o prisioneiro vê diante de si a morte, ele agora volta a ser e continua sendo um arauto, “um emissário acorrentado.” Por essa razão não é obsoleta a repetição de 1Tm 2.7, mas um reforço da vocação de Deus, que não é anulada por seu novo aprisionamento, mas se torna ainda mais visível na força e liberdade que superam todas as resistências.

12 Por essa razão também sofro isso; mas não me envergonho porque sei em quem acreditei, e estou convicto de que ele é poderoso para conservar o que me foi confiado até aquele dia.

A mensagem da alegria não pode ser atestada sem sofrimento, o que vale para Paulo, para Timóteo, e do mesmo modo também para todos que desejam viver em beatitude. A vida tranqüila e sossegada na devoção não é um aburguesamento confortável, mas vem associada a aflições externas e internas, a oposições dentro da igreja ou na sociedade e no Estado.

“Por essa razão” volta a estabelecer, com a mesma formulação, uma es-treita ligação com os v. 6s, onde se falava do carisma. Cf. v. 14: o que foi confiado só pode ser preservado no Espírito Santo. Oposição, adversidade e **sofrimento** não poderão intimidar aquele que – no Espírito Santo – superar o espírito do desânimo (v. 7), aquele que confia no Senhor. Essas coisas não conseguem derrotar ou envergonhá-lo.

Porque sei em quem acreditei. Com precisão sucinta Paulo sintetiza aquilo em que se baseia sua vida. A declaração deixa inequivocamente claro que a “fé” não é questão de forma, não um conhecimento estéril, dissociado da relação pessoal com Jesus. O que depreendemos desse testemunho pessoal?

1) Paulo não diz: eu sei *no* que acreditei. Seria isso que deveríamos esperar se nossa “fé” fosse entendida *apenas* como informação a respeito de algo ou alguém. Nesse sentido Paulo escreve acerca daquilo que ele ouve das cisões na igreja de Corinto: “Em parte (!) o creio”. A fé é para ele confiança em uma pessoa, a saber no Ressuscitado; mais ainda: é um confiar-se. Nisso Paulo não se considera uma exceção, porque todos que pertencem à igreja de Jesus “acreditaram em Deus”.

2) O pretérito perfeito em 2Tm 1.12 e Tt 3.8 caracteriza a entrega límpida ao Senhor no passado e a certeza contínua que é propiciada, a partir da fidelidade de Deus, ao que se confia a ele.

3) A fé que se confia ao Deus que se doa em Jesus não é uma fé cega, assim como o verdadeiro amor não é cego nem torna cego. Eu sei em quem acreditei. Essa certeza não é um entendimento desprendido de verdades sobre alguém ou algo. O verbo aqui escolhido significa: conheço aquele a quem me confiei. Pedro negou seu Senhor, dizendo: “Não conheço esse homem.” Os hereges negam a Jesus, i. é, a fé nele, porque professam um conhecimento que passa ao largo de Jesus ou por cima dele. Um conhecimento assim procede de seu próprio interior, mas não da pessoa daquele que se alega ter reconhecido.

E estou convicto de que ele é poderoso para preservar o que me foi confiado até aquele dia. Paulo sabe **hoje** que o Deus em quem **acreditou** no passado ficará ao lado dele até “aquele dia”. Disso ele está **convicto** ao olhar para o futuro. Sem o poder de Deus sua fé seria igual à daqueles que somente possuem uma forma de religiosidade, mas não conhecem, i. é, negam, a força da fé.

O que me foi confiado sem dúvida é, conforme 1Tm 6.20 e 2Tm 1.14, o tesouro confiado do evangelho, acrescido de todo o resto: a vida do próprio Paulo configurada por esse evangelho até a redenção definitiva “naquele dia”, também a vida e o serviço de Timóteo e além disso o curso restante desse evangelho até o fim das eras. Porque ainda que seus arautos estejam algemados, a

palavra de Deus não está presa (2Tm 2.9). Se o tempo da despedida deles chegou (2Tm 4.6), serão chamados outros que igualmente participam da luta (2Tm 2.2,5) e alcançarão a coroa (2Tm 2.5; 4.8).

O direcionamento ardentemente convicto para aquele dia mostra mais uma vez que as past não defendem uma expectativa distante, postergada.

c) Preservar por intermédio do Espírito – 2Tm 1.13s

13 – Mantém o padrão das sãs palavras que de mim ouviste com fé e com o amor que está em Cristo Jesus.

14 – Guarda o bom depósito, mediante o Espírito Santo que habita em nós.

- 13** Já Rm 6.17 traz “a configuração da doutrina” à qual os crentes foram entregues e se tornaram obedientes de coração. Configuração refere-se ao todo, bem como à correlação integral de todas as partes no todo. O todo é mais e diferente do que a soma de todas as partes. Essa acepção holística, muito bem expressa pelo termo alemão *Gestalt*, também ajuda a reconhecer a correlação com as sãs palavras. O todo na reciprocidade e concomitância da correlação viva é a santa realidade incólume, i. é, o saudável. Quando palavras, frases e pensamentos são arrancados, superenfaticados, abstraídos, i. é, retirados da relação integral, eles perdem seu sentido salutar original e ferem, fazem adoecer. Precisamente isso, porém, é o que fazem os falsos mestres, dos quais Timóteo deve se distinguir apegando-se à configuração das sãs palavras. Em 1Tm 6.3 a configuração salutar das palavras é descrita como “sãs palavras do Senhor”.

Timóteo só poderá preservar a configuração salutar da palavra **na fé e no amor**. Se quiser segurar com vontade e razão próprias, tornar-se-á defensor rígido de princípios esclerosados. A configuração verbal do evangelho é diferente de um sistema de idéias, pensamentos, problemas e mandamentos construído sem lacunas a partir de partes individuais. “O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com nossos olhos, o que contemplamos e nossas mãos tocaram, o Verbo da vida... nós vo-lo anunciamos... E isto vos *escrevemos* para que nossa alegria seja completa.”

“A mensagem do Verbo da vida” e “a configuração das sãs palavras, que de mim ouviste” – ambas as expressões designam a mesma realidade: Jesus Cristo. É o próprio amor divino dele que é referido ao se dizer “**no amor que há no Messias Jesus**”. Afinal, é o amor dele e, conseqüentemente, o amor do Pai que “foi derramado em nosso coração por meio do Espírito Santo” (Rm 5.5b). Desse modo descerra-se para nós um círculo de bênçãos: Timóteo pode ser exemplo para outros (1Tm 4.12), apegando-se pessoalmente ao pré-exemplo, i. é, ao protótipo: Jesus. Contudo essa figura resplandece e atua pela configuração verbal do evangelho, conforme Timóteo a recebeu no exemplo vivido pelo apóstolo. A configuração verbal escrita e vivenciada é vitoriosa. A palavra de Deus gerada pelo Espírito cria o ser humano de Deus. Por isso a dupla exortação em 1Tm 4.16: “Tem cuidado de ti mesmo (configuração da vida) e da doutrina (configuração da palavra); continua nisso!”

- 14** **Guarda o bem confiado, por meio do Espírito Santo, que habita em nós.** Pelo fato de que o pensamento se detém na configuração da palavra da vida, que desperta fé e amor, a expressão se potencia: o que foi confiado (v. 12) é valioso, bom, radiante, glorioso. O que é santo e precioso só pode ser preservado por meio do Espírito Santo. Esse Espírito **habita em nós**. O Espírito do Pai fala por meio dos mártires.

Independentemente de todos os outros significados que a configuração das sãs palavras possa ter como catequese, sumário formal da fé, como liturgia, como confissão, como doutrina básica – é preciso fixar uma coisa, que vale igualmente para a compreensão de “preservar, confiar, transmitir”: nada está sujeito ao poder de determinação do ser humano, mas tudo somente é real no *Espírito Santo* que habita no cristão, e por isso e nesse caso também é *eficaz no ser humano*. Não é a freqüência de uma palavra, mas seu significado no conjunto e para o todo que é decisivo para a interpretação. O Espírito foi dado a todos que foram purificados pelo “banho do renascimento e da renovação”; o Espírito foi “*abundantemente* derramado” sobre todos. Propicia poder, amor, disciplina.

Os v. 11-15 estão intensamente entrelaçados com todo o bloco de 2Tm 1.3-2.13, que atesta o impacto extremamente pessoal. “O relacionamento do após-tolo com seu aluno caracteriza-se por uma grande ternura afetiva que causa um impacto tão intenso porque chega à mais pura perfeição na exigência da prontidão para morrer. O trecho constitui um dos documentos humanamente mais

tocantes de toda a Bíblia, que também deve ser considerado em tão alto apreço porque está isento de todos os traços lendários e apócrifos.” (Holtz, p. 5).

3. O exemplo das testemunhas – 2Tm 1.15-18

a) O mau testemunho – 2Tm 1.15

15 – Estás ciente de que todos os da Ásia me abandonaram; dentre eles cito Fígelo e Hermógenes.

Está explícita a ligação com o trecho anterior: Timóteo não deve se envergonhar das algemas de Paulo, não se distanciando dele no sofrimento, como fizeram os colaboradores na província romana da Ásia. Será que “todos na Ásia” significa “todos” da província inteira ou “todos” na capital, “todas” as igrejas ou “todos” os colaboradores líderes? Certo é que desde cedo (Corinto!) surgiram nas igrejas controvérsias em torno da pessoa de Paulo e de seu cativo. Agora a situação deve ter se agravado. As duas pessoas citadas por nome devem ser consideradas como homens influentes nas igrejas.

Uma vez que no passado Paulo já enfrentara, e agora na atualidade também enfrenta (cf. 1 Tm), a luta contra os hereges, o abandono de “todos” pode assinalar o forte crescimento e talvez já o predomínio de influências estranhas ao evangelho. Se Timóteo está informado disso, por que o apóstolo lhe escreve a respeito? Pode estar subjacente a isso a cuidadosa exortação pastoral: ainda que todos me abandonem, ao invés de defender a verdade do evangelho, não faças tu a mesma coisa.

b) O bom testemunho – 2Tm 1.16-18

16 – Conceda o Senhor misericórdia à casa de Onesíforo, porque, muitas vezes, me deu ânimo e nunca se envergonhou das minhas algemas;

17 – antes, tendo ele chegado a Roma, me procurou solícitamente até me encontrar.

18 – O Senhor lhe conceda, naquele Dia, achar misericórdia da parte do Senhor. E tu sabes, melhor do que eu, quantos serviços me prestou ele em Éfeso.

16 Timóteo não é o único que permaneceu fiel a Paulo. Também Onesíforo o apoiou. A situação encontrada por Onesíforo quando veio a Roma deve ter sido difícil. Os cristãos mantinham-se escondidos e não queriam, sem mais nem menos, mostrar a um estranho onde Paulo estava preso. Foi preciso coragem e empenho amoroso para não desistir nessa conjuntura perigosa.

17 Procurar diligentemente: também pode ter o sentido de procurar apressadamente. Trata-se de um indício preparatório para o repetido apelo a Timóteo: apressa-te, vem logo até mim! Paulo não precisava se envergonhar de que buscava o consolo da proximidade de irmãos na situação de abandono. O próprio Jesus ansiava por comunhão de mesa e oração com seus discípulos antes de padecer a morte.

Onesíforo o **animou muitas vezes** através de sua presença e comunhão, provavelmente também por meio de ajudas práticas. Fez o que Jônatas pôde fazer por Davi: fortaleceu a mão dele em Deus.

Paulo ficou preso durante, no mínimo, cinco anos de sua vida. Ele é “prisioneiro dele”, não prisioneiro de um poder político. A forma como o apóstolo entende e define seu cativo é inconfundível para ele. Era “prisioneiro para o Senhor”. Nessas palavras está contida uma tensão incrível: a certeza de máxima honra e reconhecimento pelo Senhor de todos os senhores, mergulhado na mais profunda vergonha e humilhação humanas, estigmatizado e condenado como criminoso de lesa-pátria. Somente sob essa perspectiva bíblica se torna compreensível a palavra do Juiz do mundo: “Estive preso e viestes ver-me.”

18 Como Onesíforo encontrou o apóstolo, receba ele do Senhor “**misericórdia naquele dia**”. Muitos comentaristas constatarem no desejo de oração direcionado para o fim a confirmação de que Onesíforo faleceu. Contudo uma comparação com 1Ts 5.23 mostra que Paulo usa sem problemas a oração por misericórdia ou proteção no dia final, dedicada a pessoas ainda vivas.

Mas caso se aceite que Onesíforo faleceu, será correto interpretar o presente desejo de oração como prece em favor dos mortos, como defendem sobretudo exegetas católico-romanos? J. Jeremias responde a isso: “Paulo conhece unicamente o voto de bênção que deita os enlutados (v. 16) e o falecido (v. 18) nos braços da misericórdia eterna.”

Independentemente de Onesíforo ter falecido ou estar vivo, como exemplo para Timóteo ele expressou a firme expectativa e esperança de que não será envergonhado em nada, mas de que com toda a ousadia, sempre e também agora, Cristo seja glorificado em seu corpo, seja por meio da vida, seja por meio da morte. A repetição literal de “aquele dia” em 2Tm 1.12 e 18 (cf. 2Tm 3.1) mostra que o trecho todo está direcionado de forma homogênea para “as últimas coisas”.

4. Timóteo como testemunha do evangelho – 2Tm 2.1-13

a) Lutar como companheiro de sofrimentos do apóstolo – 2Tm 2.1-7

1 – Tu, pois, filho meu, fortifica-te na graça que está em Cristo Jesus.

2 – E o que de minha parte ouviste através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros.

3 – Participa dos meus sofrimentos como bom soldado de Cristo Jesus.

4 – Nenhum soldado em serviço se envolve em negócios desta vida, porque o seu objetivo é satisfazer àquele que o arregimentou.

5 – Igualmente, o atleta não é coroado se não lutar segundo as normas.

6 – O lavrador que trabalha deve ser o primeiro a participar dos frutos.

7 – Pondera o que acabo de dizer, porque o Senhor te dará compreensão em todas as coisas.

- 1 O apóstolo volta a se dirigir completamente a seu amado filho: deve fortalecer-se na graça para sua tarefa! Em paralelo, a declaração aos efésios soa assim: “Fortalecei-vos no Senhor mediante a força proporcionada pelo poder dele.” Tanto lá como aqui a exortação representa uma introdução ou condição prévia e equipamento para a luta da fé.

Considerando que a nova vida nunca existe sem *dynamis*, i. é, a mobilização pelos efeitos do poder divino, a pessoa agraciada pode *crescer* nessa força. Como isso acontecerá? Timóteo deve permitir que se processe nele aquilo que a graça propõe. Não precisa desanimar, porque pode ser diariamente renovado. Sua própria fraqueza humana não impede que Deus o fortaleça. Carrega o tesouro (o que lhe foi confiado) em um recipiente de cerâmica, quebrável, para que se torne ainda mais claro de onde provém a sobreexcelente magnitude do poder, a saber, não do conhecimento e da vontade humanos, mas de Deus. Visto que os efésios receberam o Espírito, Paulo intercede por eles para que seu ser humano interior seja *fortalecido com poder* por intermédio desse Espírito. O mesmo vale agora para Timóteo. Por ter recebido o Espírito de poder, ele deve avivar a dádiva do Espírito (2Tm 1.6) e fortalecer-se na graça do Espírito (2Tm 2.1), arriscando-se, na fé, a passar adiante o que recebeu.

- 2 **O que de mim ouviste por meio de muitas testemunhas.** O que Timóteo ouviu e acolheu de Paulo? A verdade redentora da salvação, o evangelho, o bem precioso, a configuração salutar da palavra. Não apenas ouviu essa verdade da salvação de Paulo, mas recebeu a confirmação dela dos lábios de muitas testemunhas.

Quatro imperativos determinam a presente passagem: fortalece-te (v. 1), confia algo (v. 2), sofre com (v. 3), considera (v. 8). Deparamo-nos com a pergunta decisiva: como Paulo transmite o evangelho recebido? Será que a situação mudou desde a primeira carta aos Coríntios? Lá Paulo falava da tradição, conforme a “recebeu do Senhor”, conforme a entregou aos coríntios e conforme eles se ativeram a ela.

Confia isso a pessoas fiéis, que sejam capazes de também instruir a outros. A melhor maneira de preservar a tradição é transmiti-la! Esse transmitir é confiá-la a pessoas fiéis. No presente versículo foram listados quatro transmissores do evangelho: 1) Paulo recebeu pessoalmente o evangelho trans-mitido por outros. 2) Paulo o passa adiante a Timóteo, 3) Timóteo o transmite a colaboradores fiéis e capazes de ensinar, e 4) finalmente esses, a outros.

Fidelidade e aptidão pedagógica constituem as duas condições principais para o servo da palavra. A fidelidade inclui a fidelidade ao Senhor, aos colaboradores, à doutrina, à incumbência da transmissão. Fidelidade é uma condição básica para o administrador. Quando se fala de “fidelidade” é preciso ouvir sempre também “fê” (afinal, no grego é a mesma palavra).

Timóteo tem a tarefa de confiar o evangelho a pessoas fiéis na fé e capazes de ensinar (v. 2). Quem é apto para o ensino, capaz de ensinar? Por um lado certas pessoas obtêm o carisma especial do ensino, por outro espera-se que todos os membros da igreja cresçam no conhecimento, sendo

assim capacitados a se instruir e exortar mutuamente. Esse preparo da igreja toda para a instrução mútua acontece por meio de pessoas que foram dotadas por Deus para isso. Quando esses mestres não permanecem firmes na fé, tornam-se falsos mestres. Podem até ser aptos a instruir, porém tornaram-se infiéis. Por isso a exemplaridade da fé e vida pessoal se reveste de relevância central para o ensino de que se trata aqui. Jesus ensinava mantendo laços de união com os discípulos, em uma comunhão de vida. Foi assim que também Paulo ensinou. Ele sempre foi alguém que dava e recebia ao mesmo tempo.

Seu ensinar era **confiar algo**, o que pressupõe um relacionamento pessoal e recíproco que não deixa nenhum dos envolvidos sem transformação. Tanto ensinar como aprender, exercitados a partir da comunhão com Deus e com o grupo, une o que do contrário muitas vezes está separado: informação (instrução) e transformação (reconfiguração), conhecimento e experiência.

Fiel e capaz de ensinar: alguns são fiéis, porém não são capazes de transmitir o que receberam de modo a favorecer os destinatários. Outros têm aptidão pedagógica, mas não são fiéis na fé e no servir. Mesclam coisas estranhas ao evangelho, seu conhecimento os seduz ao orgulho ou à mania de ter razão. Atribuem a capacidade a si mesmos, perdem-se em especulações pessoais. Fiel e capaz de ensinar: a vida pessoal do servo e seu relacionamento com os outros, o cuidado consigo mesmo e a transmissão confiável do evangelho devem formar uma unidade.

Aqui não se nota nenhum traço de uma doutrina canônica dos ministérios ou de “sucessão apostólica”. No princípio está Jesus, com a unidade espiritual de configuração da vida e da palavra que Paulo recebeu como todos os demais, à qual ele se atém e que ele anunciou e retransmitiu a Timóteo. Também aqui a instrução não é o momento primeiro, mas o segundo. “A renovação da corrente da tradição é um processo espiritual” (Holtz, p. 163). Não há como evitar a impressão de que pouco tempo depois das past o pensamento sistêmico grego e a lógica jurídica romana deslocaram e finalmente substituíram o processo da tradição de Jesus causado pelo Espírito. “Ao transmitir saber esquecemo-nos daquele ensino que é o mais importante para o desenvolvimento humano: aquele ensino que somente pode ser transmitido pela singela presença de um ser humano maduro e afetuoso.”

- 3 Sofre comigo como bom lutador do Rei Messias Jesus.** Os v. 3 a 6 mostram as circunstâncias e condições para aquele que transmite o evangelho: As três metáforas do soldado (v. 3s), do atleta (v. 5) e do camponês (v. 6) devem servir de estímulo e encorajamento. Iluminam de vários lados a exigência integral e indivisível feita àqueles a quem foi confiado o evangelho. As três falam de esforço e luta: a do soldado mostra a dureza da luta (de vida ou morte), a do atleta, a disciplina no treinamento e na disputa, a do agricultor, a perseverança. Não há transmissão sem entrega, mas tampouco há entrega a Jesus sem transmissão da palavra dele!

A primeira coisa que cumpre fazer não é “mobilização” nem “ativação”. Timóteo não é submetido ao imperativo da ação, da “evangelização agressiva”, mas a sofrer solidariamente a injustiça. Paulo quer dizer: sê um evangelista, tornando-te meu companheiro de sofrimentos! Na verdade recusar-se a sofrer pelo evangelho está na origem de toda deturpação e do endurecimento da mensagem e do mensageiro. Refugiar-se na forma, na regulamentação objetiva, na posição de poder brota do temor diante do sofrimento, algo próprio do ser humano natural. Mas assim como de nada serve a entrega do corpo sem amor (entregar é o mesmo verbo de “confiar algo a alguém!”), assim não é possível confiar a mensagem de Jesus sem amor e sofrimento. A verdadeira teologia é como aquilo que ela testemunha, formada de amor e padecimento.

A fé correta consiste e é transmitida na atuação correta do exemplo da fé, chegando à confirmação máxima na “comunhão de seus sofrimentos”. É assim que se pode sintetizar o teor fundamental das past.

O lutador (soldado). Paulo emprega com frequência metáforas da linguagem castrense. Em 2Co 6.7 ele descreve o colaborador que transmite a verdade da salvação no poder de Deus e que luta com as armas propiciadas por Deus. Paulo chama seus colaboradores também de companheiros de luta. Também 1Tm 1.19; 6.12 trata da luta no serviço ao Rei Jesus, visando já naquele texto ao martírio, nunca porém a uma luta com recursos humanos de poder ou até mesmo armas bélicas a fim de expandir o evangelho. Isso só levaria à instauração da dominação, mas não ao amor demonstrado pelo servir. A metáfora do serviço militar não se refere à conquista, mas à prontidão para o serviço irrestrito. O soldado é convocado a compartilhar sofrimento. Certamente existe um sofrer corajoso, de luta ativa! Martin Luther King sofreu injúria, humilhação, oposição, perseguição e por fim a morte

por mão assassina, porque lutou com as armas não-violentas do amor e da fé contra a injustiça, em prol da paz e reconciliação de todos.

- 4 Ninguém que está na frente de batalha se enreda nos negócios do sustento da vida, a fim de agradar a seu general.** A falsa abstinência persegue fins egoístas. Agradar ao Senhor, desejar estar à disposição dele, fornece a motivação correta e a máxima liberdade de movimentos, livres do enredamento nas coisas secundárias. O prioritário precisa ser colocado em primeiro lugar. Constantemente o que é secundário e irrelevante tenta impor a pretensão de ser principal e importante. Comer, beber, vestir-se, trabalhar e ir às compras – nada disso é condenável, mas quando preenche totalmente o horizonte do ser humano, torna-o desumano. O presente texto não pode ser usado para justificar a proibição de casamento ou comércio para os sacerdotes. Quem foi engajado busca (espontaneamente!) agradar seu Senhor e se abstém (espontaneamente!) de tudo que o atrapalha. Não é a preocupação com a vida, mas o cuidado para agradar ao Senhor que o impele a agir e deixar de fazer.
- 5 No entanto, ainda que alguém participe da luta, não será coroado se não lutou segundo a regra.** Tanto o desportista como o soldado está sujeito ao rigor (disciplina). Somente quando a pessoa participa da competição conforme as regras ela pode ser coroada vencedora. As regras de participação no treinamento para os jogos olímpicos (era preciso exercitar-se 10 meses antes!) e para a disputa em si (prestava-se um juramento prévio!) eram e continuam sendo muito severas. Por um lado a participação é aberta a todos, mas o atleta tem de cumprir as exigências. Qualquer um pode ser coroado, mas precisa empenhar as últimas energias. Pode ser que apesar disso corra em vão e seja desqualificado. Para passar o evangelho adiante podemos imaginar a modalidade esportiva do revezamento: o evangelho é a tocha da vida; de cada um é demandado empenho máximo, de todos se espera que estejam entrosados entre si. Desde que Cristo seja proclamado, desde que a palavra não fique algemada, desde que o evangelho circule! A regra de Jesus é o amor, que não receia nem mesmo o sofrimento: sem cruz não há coroa, sem sofrimento não há glória.
- 6 O camponês que labuta arduamente não deve temer nenhum esforço, caso queira colher frutos; mas então também deve ser o primeiro a usufruir deles.** Paulo se desgasta e luta de acordo com a força que atua nele, para que o evangelho se configure e Cristo amadureça em todas as pessoas. Quem se esforça para transmitir o evangelho (esforçar-se é, no ensino de Paulo, termo específico para o serviço ao evangelho), também precisa estar disposto a assumir a injúria e o sofrimento associados a essa labuta. Contudo o fruto não tarda: verá os frutos do serviço. Aqui no v. 6 uma comparação com 1Tm 5.17s e 1Co 9.7s também poderia sugerir que Paulo tenta encorajar Timóteo a viver do evangelho. Talvez Timóteo fosse fraco e doentio demais e apesar disso tentasse se igualar ao apóstolo, também cuidando de seu próprio sustento (indício no v. 4?). Paulo destaca expressamente em relação *a outros* que eles têm o direito, por ordem do Senhor, de viver do evangelho e levar uma irmã consigo na viagem.
- Não é sem importância e peso a circunstância de que as três metáforas possuem direcionamento escatológico. Seu olhar vai para “o alvo de todas as coisas”, que já ilumina o presente. Em túmulos romanos há desenhos da guerra, do esporte e da vida camponesa, que versam todos sobre a recompensa celestial. Para nós a ligação é evidente apenas no v. 5; compare-se com 2Tm 4.8; mas também a convocação a compartilhar sofrimento, como soldado do Rei vindouro, está nitidamente relacionado com “aquele dia”.
- 7 Atenta para o que digo; porque o Senhor te dará compreensão em tudo.** A interpretação escatológica do texto anterior é confirmada nessa palavra de exortação. “Atentar para” é chamado escatológico para ser sóbrio, para acordar, para ver sem temor. O Senhor é o Exaltado e Vindouro. Ele propicia compreensão, ou seja: ele revela por meio do Espírito. A compreensão gerada pelo Espírito abarca “tudo”, i. é, ela está voltada para o todo, desmascara a configuração e essência deste mundo, que é transitório, e reconhece a configuração do não-transitório no evangelho. Quem recebe compreensão por meio do Espírito do Senhor traz fruto.

b) Perseverar na comunhão de sofrimentos com Jesus – 2Tm 2.8-10

8 – Lembra-te de Jesus Cristo, ressuscitado de entre os mortos, descendente de Davi, segundo o meu evangelho;

9 – pelo qual estou sofrendo até algemas, como malfeitor; contudo, a palavra de Deus não está algemada.

10 – Por esta razão, tudo suporto por causa dos eleitos, para que também eles obtenham a salvação que está em Cristo Jesus, (associado) com eterna glória.

8 Lembra-te na realidade significa: traze Jesus à tua presença! Isso acontece com frequência na oração. Ao orar Paulo foi lembrado dos antepassados de seu colaborador. Timóteo não deve seguir em pensamentos uma história passada, mas receber uma experiência presente do Senhor ressuscitado, assim como foi convocado a avivar agora seu dom da graça e fortalecer-se na graça. Para sua recordação gerada pelo Espírito o apóstolo lhe chama a atenção para o cerne da confissão originária da igreja, como já aparece de forma similar em Rm 1.3s: à **casa de Davi** fora prometido que Deus lhe suscitaria o Messias que governa eternamente; foi assim que o primeiro cristianismo acolheu 2Sm 7.12s: Jesus é o Messias prometido! **Segundo o meu evangelho** é uma abreviação para: assim soa a mensagem de alegria que tenho o privilégio de trazer. Por causa dela é que sofro.

9 Em vista da morte, Timóteo deve trazer à sua presença aquele que ressuscitou dentre os mortos, porque quem morre com ele também viverá com ele. Paulo não apenas sofre pelo evangelho, ele sofre em e com Jesus. Está envolto no Exaltado e mergulhado na humilhação dele, padecendo infâmia como criminoso, acusado como seu Senhor. Paulo está algemado, mas a palavra de Deus de forma alguma está acorrentada: muitos outros estão aí, levando adiante a palavra da vida. Dessa maneira o apóstolo evidencia uma incrível liberdade de si mesmo justamente no instante em que ele permite que o evangelho o amarre até a morte de martírio. Fenece a flor da vida humana, mas a palavra de Deus permanece eternamente. A palavra do Senhor prosseguirá sua trajetória e será glorificada por pessoas que ela alcançar e levar consigo em sua trajetória vitoriosa, ainda que o apóstolo agora encerre sua pró-pria corrida.

10 Por isso suporto tudo por causa dos eleitos, para também eles alcancem a salvação que (temos) **no Messias Jesus** (e que está ligada) **com glória eterna.** O amor suporta tudo. Paulo não está amargurado nem desesperado. Está sofrendo, porém seu sofrimento ocorre “em Cristo”, acontece por causa do evangelho, por amor daqueles que Deus escolheu, amou e santificou em Cristo. Paulo sabe do sofrimento vicário em prol da igreja dos eleitos. Assim ele descarta qualquer idéia de mérito. Os eleitos não alcançam a salvação nele ou por causa dos sofrimentos dele, mas em Jesus e por meio da morte dele na cruz. Só Jesus traz a salvação aos pecadores e com ela a glória eterna, que forma um nítido contraste com os padecimentos temporais (v. 3-6). Sem dúvida existe para os eleitos o perigo de não permanecerem na graça, de, pelo contrário, vacilarem nas tribulações e caírem. Por meio de seu sofrimento, ou melhor, por meio de seu comportamento no sofrimento (ação de graças, paciência, testemunho ousado, amor ao inimigo, intercessão) Paulo visa contribuir para que alcancem a salvação, assim como ele mesmo tem a certeza de que terá participação na salvação.

c) O Senhor continua fiel – 2Tm 2.11-13

11 – Fiel é esta palavra: Se já morremos com ele, também viveremos com ele;

12 – se perseveramos, também com ele reinaremos; se o negamos, ele, por sua vez, nos negará;

13 – se somos infiéis, ele permanece fiel, pois de maneira nenhuma pode negar-se a si mesmo.

11 A primeira parte da carta vai chegando ao ponto culminante. Novamente – como na primeira carta (1Tm 3.16) – o apóstolo coroa suas exposições com um hino que está entrelaçado da forma mais estreita com tudo que veio antes e ao mesmo tempo introduz e fundamenta a segunda parte.

Reproduziremos o texto grego na tradução literal, a fim de ilustrar as regras da estrutura do todo à base de um exemplo:

Pistos ho logos

digna de fé (é) a palavra

1. *ei gar syn-apethanomen,*
se pois nós morremos junto com (aoristo),

kai sy-zesomen;

então viveremos com (futuro);

2. *ei hypomenomen,*

kai sym-basileusomen;

também governaremos com (futuro);

3. *ei arnesometha*

se renegarmos (futuro),

ka' keynos arnesetai hemas;

então aquele nos renegará (futuro);

4. *ei apistoumen, ekeinos pistos menei;*

se somos infiéis (presente), aquele permanece fiel (presente);

arnesasthai gar heauton

negar-se (infinitivo do aoristo) pois a si (mesmo)

ou dynatai.

não é capaz (presente).

Presumivelmente os v. 11-13 colocam diante de nós quatro linhas de um hino, estreitamente ligado ao fragmento, possivelmente de outro hino, do v. 8. Paulo conecta as duas citações por meio de um comentário sobre sua vida (v. 9s), assim como para Timóteo ele também interliga consistentemente a doutrina e a vida. Quando seguimos com atenção os fios do tecido da carta, reconhecemos um entrelaçamento profundo do todo. Em parte alguma as citações de hinos foram reunidas desconexamente ou distribuídas de forma solta. Assim como Jesus esteve abandonado na vida terrena por ocasião da condenação, sendo condenado como malfeitor, assim o apóstolo suporta males como um mal-feitor, algemado como Jesus. Assim como o Ressuscitado governa como Messias da linhagem real de Davi, assim Paulo também alcançará, após os padecimentos, a salvação em Jesus e a glória eterna ao lado de todos os eleitos (v. 10) que perseveraram com Jesus. Paulo não se inseriu indevidamente entre os dois fragmentos de hinos. Ao interpretá-los em relação a si mesmo, não deixa de aplicá-los simultaneamente a todos os colaboradores, e até mesmo a todos os eleitos. Passando pela sua própria pessoa, conduz ao testemunho daqueles que dizem “nós” em conjunto com ele. As linhas 1 e 2 atestam atitude e ação, conforme brota da fidelidade perante o Senhor. As linhas 3 e 4 mostram as conseqüências da infidelidade e negação. Nos 4 versos observamos ainda o tempo verbal e a forma pessoal:

Linha tempo verbal forma pessoal

1 passado (aoristo) nós – nós

2 presente nós – nós

3 futuro nós – ele

4 presente nós – ele

Linha 1: “**Se temos morrido com.**” O tempo verbal grego do aoristo pode assinalar uma ação em sua totalidade, que por um lado aconteceu ou começou no passado, mas perdura: sempre que temos morrido, morremos ou morreremos com ele, também viveremos com ele. O viver com, que começa já na vida presente, mas florescerá de forma perfeita somente depois da morte, deve ser considerado de forma análoga.

12 Linha 2: **Perseverar firmes** somente é possível em Cristo. Quem buscar fundamento e força para perseverar em si mesmo cairá e negará Senhor, como aconteceu com Pedro. Perseverar é algo dirigido para o final, para a resistência até a morte, para o martírio. **Governar com:** os redimidos estão participando desde já do governo de seu Senhor exaltado sobre o mundo. Sua tarefa futura deve ter efeitos práticos desde já.

Linha 3: **Se negarmos.** O olhar está voltado para o futuro, para a última provação, quando estiverem em jogo vida e morte por causa do testemunho de Jesus. No presente contexto é preciso lembrar os falsos mestres. “Imiscuíram-se certas pessoas, cujo comportamento há tempo já foi descrito assim: ímpios são eles, distorcem a graça que Deus nos concedeu, em uma vida de

dissolução, *negando* nosso único Governante e Senhor, Jesus Cristo”. Timóteo não deve negar seu Senhor como os hereges, quando a última provação o alcançar, assim como o que Paulo agora precisa enfrentar. Com sua perseverança pessoal no Senhor o apóstolo dirige o olhar de seu colaborador para o próprio Senhor. Quem nega a Jesus em juízo perante os seres humanos e se declara definitivamente separado dele também será negado por Jesus no juízo perante o Pai. Essa é uma palavra séria de exortação na luta em torno da verdade. Acontece que já na primeira igreja o triste exemplo de Pedro era uma exortação séria impossível de ignorar, continuando a sê-lo desde então.

Jesus dirá aos pseudoprofetas e falsos mestres que se apresentaram em nome dele: nunca vos conheci, afastai-vos de mim. As past estão impregnadas dessa seriedade, porque a realidade da heresia e da negação está poderosamente diante dos olhos. A observação de A. Bengels sobre o texto vale com irrestrita urgência: “Essa negação não apenas acontece em tempos de perseguição, mas também nos dias de hoje, quando a razão se eleva acima da fé.” A igreja precisa vigiar sem cessar para que em seu seio não haja alguém que tenha um coração maligno de incredulidade ou que por puro temor diante das pessoas e necessidade de afirmação se cale covardemente sobre o nome do Senhor, somente para não se expor ao escárnio e desprezo. Por essa razão ela precisa se exortar mutuamente todos os dias.⁹⁵

- 13 **Linha 4: Se nós nos tornamos infiéis, ele permanece fiel.** Em primeiro plano aparece aqui a imutável fidelidade do Senhor, que é capaz de proteger seus discípulos do mal até mesmo na última tentação. Nesse contexto torna-se compreensível a prece da oração do Senhor: E não nos deixes cair em tentação (naquela tentação na qual nos afastaríamos definitivamente e irremediavelmente de ti e te negaríamos), i. é, protege-nos diante e durante a hora da tentação (redime-nos do mal). O reino de Deus será consumado apesar da infidelidade e fraqueza dos eleitos, pois “a infidelidade deles haveria de anular a fidelidade de Deus?” A quarta linha é marcada integralmente pelo linguajar de Paulo. “A incredulidade humana não debilita a credibilidade de Deus” (Schlatter). As quatro linhas extraídas de um hino não terminam no sombrio mistério do futuro, que talvez oculte nossa negação e nossa queda. O hino conduz para a maravilhosa luz da imutável fidelidade de Deus e de nosso Senhor Jesus. O apóstolo “fala a partir da esperança da vida eterna com toda a convicção, a partir da eternidade, dirigida para o atual período de preparo. É assim que o velho Paulo anima a si mesmo em suas algemas e a Timóteo, seu filho, e a todos os cristãos” (A. Bengel). “Ele continua fiel a nós, ou melhor: ele permanece fiel às suas promessas. Também quando tantas vezes fracassamos e nos tornamos infiéis, ele é capaz de perdoar. A lógica é quebrada no amor do Redentor. Isso não significa carta branca para pecado e queda, como demonstra a terceira linha do hino, mas um consolo para consciências atemorizadas, e a fé que fracassa tem o privilégio de se erguer na fidelidade de seu Senhor”.

Porque se negar (a si próprio) **ele não é capaz.** Essa frase poderia ser considerada tanto como ainda pertencente ao hino e conseqüentemente estaria enfatizando o final inesperado, ou então como adendo do apóstolo. A imponente seção de 2Tm 1.3-2.13 constitui um comentário comovente sobre Lc 12.4-12, desembocando, face aos padecimentos e à morte, na exaltação da fidelidade do Senhor. Independentemente de qual é e for a situação no mundo e na igreja, uma coisa é certa e firme: “O Senhor é fiel, ele vos fortalecerá e protegerá diante do maligno” (2Ts 3.3).

II. Timóteo na resistência contra o evangelho deturpado – 2Tm 2.14-4.5

A. Os atuais falsos mestres – 2Tm 2.14-26

1. Preservar o cerne da verdade da salvação – 2Tm 2.14-19

a) Fé e conduta desencaminhada – 2Tm 2.14-18

14 – Recomenda estas coisas. Dá testemunho solene a todos perante Deus, para que evitem contendas de palavras que para nada aproveitam, exceto para a subversão dos ouvintes.

15 – Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade.

16 – Evita, igualmente, os falatórios inúteis e profanos, pois os que deles usam passarão a impiedade ainda maior.

17 – Além disso, a linguagem deles corrói como câncer; entre os quais se incluem Himeneu e Fileto.

18 – Estes se desviaram da verdade, asseverando que a ressurreição já se realizou, e estão pervertendo a fé a alguns.

14 Aquilo que Timóteo deve **trazer à recordação** dos ouvintes é a sã doutrina (contrastando com os falatórios inúteis, v. 16) de que o apóstolo tratou com seu colaborador; ou então, num sentido que deve ser preferido, é o recém-citado hino confessional, que adverte contra a tentação da apostasia (v. 14,16-18) e encoraja para a aprovação (v. 15). A palavra do trabalhador que não precisa se envergonhar liga o trecho dos v. 14-18 com a primeira seção da carta (2Tm 1.6-8,12,16). Mesmo que o apóstolo passe a dirigir o olhar de seu colaborador para as difíceis tarefas e tribulações dos hereges e o perigo da apostasia, ele ainda deve continuar voltado para Deus, diante de cujo olhar ele deve conjurar as igrejas a evitar inúteis **contendas verbais**. Com excessiva frequência os servos da palavra ficam tão impressionados com o perigo das circunstâncias que o fitam como que fascinados, assim perdendo totalmente de vista o seu Senhor. Como exortador insistente o próprio Paulo mantém coração e olhos voltados para Deus, ele permanece na presença de Deus. Contudo, quem se envolve em contendas verbais em vez de participar da luta da fé há de desviar-se da palavra da verdade, refém das ondas das opiniões humanas, como um barco à deriva em mar aberto. Esse modo de lidar com a palavra **não serve para nada**, de efeito realmente devastador e causador de “**catástrofe**” – ao contrário da sã doutrina, que é útil para a beatitude.

15 Pela sua vivência e testemunho o próprio Timóteo representa a arma mais forte contra os falsos mestres. Por essa razão ele deve ser zeloso para investir o máximo de si, oferecer-se pessoalmente a Deus como um sacrifício vivo. Perante Deus ele deve conjurar as pessoas, a si mesmo ele deve colocar perante Deus como alguém que está aprovado, aceito após a provação. Como **trabalhador** ele é servo da palavra e não senhor sobre a palavra. O trabalhador que serve é arauto e praticante da palavra em contraste com os meros discursadores e seu nefasto falatório vão (v. 16). No dia em que toda a “palha chocha” trilhada pelos faladores, os grandes montes de feno de suposto conhecimento, as pilhas de lenha da fútil sabedoria humana arderem no fogo do juízo justo, ele deve ter condições de, sem humilhação, persistir com seu serviço perante Deus: **não deve ser obrigado a se envergonhar**. O esforço e a esperança de Paulo consistem em que ele, como arauto da palavra, não seja arrasado em nada quando tiver de comparecer diante de Deus.

Não bastam o empenho zeloso pela doutrina e sua mera observação. Timóteo deve acautelar-se também pessoalmente. Ambos os aspectos estão sempre ligados. Mas quando os dois se dissociam, a pessoa é arrasada.

A **palavra da verdade** é o evangelho. Como Timóteo deverá ser aprovado em sua entrega a Deus e na transmissão do evangelho às pessoas? Como oferecerá a palavra da verdade? A melhor explicação é dada pelo próprio Paulo em 2Co 2.17: “A palavra de Deus **apresentamo-la** não deturpada como os muitos, mas 1) assim como de pureza, 2) assim como vinda de Deus (da inspiração de Deus), 3) perante Deus (na responsabilidade diante de Deus, cf. v. 15a), 4) em Cristo (na comunhão com Cristo) é que falamos. Quem é apto para isso?” Nesse ponto constatamos quatro características da proclamação apostólica. Como foi nefasto o desenvolvimento na história da igreja que tentou concentrar tudo apenas na doutrina correta, enquanto o apóstolo enfatizava, tanto nas cartas aos Coríntios como incessante e insistentemente em todos os momentos nas past, a imprescindível sinergia de doutrina correta e vida correta. O presente trecho *não* mostra que ele tenha se afastado da altura do anterior. Ele representa a necessária concretização prática daquilo que Paulo considerou anteriormente, o que em última análise é decisivo.

16 Não te envolvas em falatório insano e vão, porque quem lida com isso é pessoalmente infectado pela epidemia do mero “uso do papo” (Lutero). O ponto nefasto de toda a polêmica consiste em que ela adota as armas e os métodos do adversário, o que vale também e justamente para a polêmica teológica.

Não te envolvas. A expressão retorna apenas em Tt 3.9 e também pode ser parafraseada por: vira-te, no intuito de te desviar. Enquanto os falsos mestres avançam para uma *incredulidade maior* se não forem detidos, Timóteo deve *avançar na aprovação*. Não existe o “ficar parado”. Pessoas que se desviam da rota se tornam cada vez mais extremadas em suas opiniões e manifestações. Quem corre em trajetória reta (como se pode traduzir o v. 15b) só continuará nela enquanto tiver o propósito de

alcançar plena maturidade e aprovação: “Tu, porém, sê sóbrio em tudo, resiste no sofrimento, realiza a obra de um evangelista, cumpre cabalmente o teu serviço.” Novamente se torna claro o paralelo: a vida dos hereges avança para uma crescente impiedade (v. 16), e **sua doutrina continua a corroer em volta como uma úlcera cancerosa.**

17 A vida não pode ser dissociada da doutrina, nem mesmo em caso negativo. A palavra dos falsos mestres contrasta com a palavra da verdade (v. 15). O termo médico expressa que a úlcera “encontra pasto”. Inicialmente a pústula é inofensiva, mas logo se alastra com rapidez e devastação. A falsa doutrina é como uma úlcera no corpo, consome a substância viva e contamina as células saudáveis. A mentira nutre-se da parcela de verdade que ela acolhe, cinde e absolutiza como um elemento parcial. Quanto mais verdade existir em uma mentira, tanto mais poderosa e perigosa ela será. “Sereis como Deus” representa a mais perigosa mentira, porque contém o mais alto teor de verdade, mas ela é a maior das mentiras, porque vira ao contrário a maior das verdades. Não é o ser humano que pode tornar-se Deus, mas é Deus quem o torna igual a si, ao se tornar igual ao ser humano. O ser humano sempre estará diante da tentação, na crise entre *sicut Deus* (querer ser pessoalmente como Deus) e *imago Dei* (criado e chamado à imagem de Deus). A natureza básica de todas as heresias, por fim, reside no fato de que elas tentam conduzir o ser humano para além dele mesmo, transformando Deus no meio da auto-realização humana. Mas o desfecho sempre é a catástrofe (v. 14c).

Aparentemente a exclusão de Himeneu, de quem é falado em 1Tm 1.20, não levou ao arrependimento, e a esperança de 2Tm 2.25s se dissipou ainda mais, porque a menção de um segundo nome, Fileto, pode significar que Himeneu (ou melhor, sua doutrina cancerígena) avançou, encontrando novos adeptos e porta-vozes. Por serem citados nominalmente, deve-se supor que continuam presentes na igreja, ou que apesar de tudo retornaram ou pelo menos exercem influência dentro dela, por serem conhecidos dos cristãos. Desse modo o crescente caráter de urgência da exortação insistente em 2Tm também evidenciaria um fundo concreto (no entanto, cf. 2Tm 2.23-26!).

18 **Ressurreição** (sem artigo) **já aconteceu** = já ressuscitamos! Essa é a van-glória dos emergentes gnósticos (aqueles que se gloriam de seu conhecimento, cf. 1Co 8.1s). Também em Corinto certos grupos negavam a ressurreição futura, ou melhor, negavam a realidade da ressurreição propriamente dita, embora muitos ainda não negassem a de Jesus. Tanto lá (v. 20) como aqui Paulo frisa que: “Agora, porém, o Messias ressuscitou dentre os mortos”, exortando Timóteo a trazer no coração aquele que foi ressuscitado dentre os mortos, e sem o qual não existe vida compartilhada após a morte compartilhada (v. 11). A menção da negação da ressurreição, que equivale a uma apostasia do Senhor, demonstra mais uma vez o nexos interior e consistente com 2Tm 2.1-13. Sem o Senhor vivo, mensagem, doutrina e fé não podem continuar vivas nem gerar vida. Tudo se torna vazio e nulo.¹⁰³ Redenção por intermédio de Jesus significa que corpos humanos pecadores e mortais são transformados, passando pela morte, em esplendor eterno de luz, sendo inseridos no reino de Deus.

b) O sólido fundamento de Deus – 2Tm 2.19

19 – Entretanto, o firme fundamento de Deus permanece, tendo este selo: O Senhor conhece os que lhe pertencem. E mais: Aparte-se da in-justiça todo aquele que professa o nome do Senhor.

19 O v. 19 se contrapõe às heresias sem eira nem beira que destroem vidas, doutrinas e lares. O fundamento é aquilo sobre o que se pode construir. Na Antigüidade era comum que depois de terminada uma casa se afixasse uma epígrafe sobre a entrada, que designava a finalidade da casa. Faz parte do fundamento tudo o que foi posto e construído por parte de Deus: Jesus e a mensagem apostólica a respeito dele. Esse alicerce e edifício lançado por Deus é firme e permanece, assim como a palavra do Senhor permanece até mesmo quando toda a carne perecer. O selo é sinal de propriedade e proteção, ou de confirmação. Paulo, p. ex., escreve: “O selo de meu ministério de apóstolo sois vós no Senhor.” O lacre traz uma inscrição dupla, expressando assim uma relação tensa: sois o selo de meu serviço na medida em que *vos* distanciais da injustiça e andais dignos do Senhor. Sois selo *no Senhor*, na medida em que o próprio Senhor vos selou no Espírito Santo. A inscrição dupla do lacre é formada por um par de afirmativas que provavelmente também se originou de um hino do cristianismo primitivo. Significativa é sua procedência do AT, visto que enseja uma comparação entre o povo de Deus do AT e do NT. Não é apenas nas past, mas alicerçado desde o início sobre a revelação do AT, que Paulo anuncia a unidade da soberana eleição de Deus e da

responsabilidade humana. O ser humano só pode confessar que é alguém conhecido por Deus quando vive de acordo com o Deus que o escolhe e quando testemunha que pertence àquele que é pessoalmente santo e santificador, deixando-se santificar para uma vida santa. Quem pronuncia o nome do Senhor, confessando assim que Deus se declara em favor dele, demonstre-o distanciando-se do pecado. O testemunho correto de Deus se mostre na forma de vida correta. Essa duplicidade que jamais poderá ser dissolvida (cf. também o “duplo mandamento”: ama a Deus e a teu próximo como a ti mesmo!) não tem nenhuma relação com uma moral burguesa superficial nas past. Pelo fato de haver dicotomia entre vida e doutrina, ameaçando assim a solidez mais íntima da igreja, cumpre desvendar incansável, incondicional e insistentemente o mal fundamental, mostrando e trilhando o caminho para sua superação. Em meio a partidarismos e controvérsias que nos deixam perplexos, os aprovados devem tornar-se manifestos. Para Paulo eleição e santificação constituem uma unidade. Conseqüentemente, a sã doutrina está ligada à sã vivência. “Devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos amados pelo Senhor, porque Deus vos escolheu desde o princípio *para a salvação, pela santificação* do Espírito e fé na verdade, para o que também vos chamou mediante o nosso evangelho, para alcançardes a glória de nosso Senhor Jesus Cristo.” Aqui palavras anteriores do apóstolo novamente representam a melhor explicação para o sentido da presente passagem. A dupla epígrafe do selo tem direcionamento *escatológico*, como evidencia uma comparação com Mt 5.15-23. “Naquele”, a obra dos falsos profetas, que fazem o que é contra a lei, ficará cabalmente manifesta, e eles mesmos serão manifestos.

A certeza da igreja está alicerçada sobre a misericórdia eleitora de Deus que acontece desde a eternidade. O próprio Deus pagou o resgate por aqueles a quem elegeu como sua propriedade, ele pagou o preço: por isso conhece aqueles que lhe pertencem. É inevitável que a purificação da igreja seja responsabilidade de cada um na época atual, porque Deus convocou com *santa* vocação, e porque o Espírito *Santo* dá forças e impele para uma vida *santa*. Nem naquele tempo nem hoje a exortação apostólica era infundada ou desnecessária. A história da igreja seria outra se as igrejas e seus membros sempre tivessem seguido a configuração das sãs palavras.

2. Como Timóteo é capaz de resistir – 2Tm 2.20-26

a) Purificação para o serviço – 2Tm 2.20-22

20 – Ora, numa grande casa não há somente utensílios de ouro e de prata; há também de madeira e de barro. Alguns, para honra; outros, porém, para desonra.

21 – Assim, pois, se alguém a si mesmo se purificar destes erros, será utensílio para honra, santificado e útil ao seu possuidor, estando preparado para toda boa obra.

22 – Foge, outrossim, das paixões da mocidade. Segue a justiça, a fé, o amor e a paz com os que, de coração puro, invocam o Senhor.

20 Não é fácil compreender e obter um entendimento prático da metáfora da grande casa que contém uma variedade de utensílios. Alguns comentaristas consideram essas palavras um arrefecimento da disciplina eclesiástica original e uma renúncia a uma igreja santa. Porque também aos que erram ainda é concedida a honra de ser ferramenta, ainda que pouco honrosa. Já não se exigiria e concluiria que a igreja deve ser purificada de falsas doutrinas, mas que a própria pessoa deve purificar-se diante dessas doutrinas, para cuja expulsão a igreja não teria mais força ou autoridade. Outros entendem a exortação de purificar-se para os utensílios da desonra como estímulo para depurar a igreja de falsas doutrinas a qualquer preço, mesmo que seja a cisão eclesiástica e a fundação de novas igrejas, bem como pelo preço da perseguição por parte das “igrejas contaminadas”. Até que ponto um estudo atento do texto nos poderá propiciar clareza nessa questão?

21 **Um utensílio para honra:** cf. At 9,15 – um instrumento eleito, **santificado:** veja 1Tm 2.15, dito para a mulher; utilizável: útil, em contraposição a falatório vão – ocorre desse modo apenas em Paulo: 2Tm 4.11; Fm 11. **Preparado:** veja 2Tm 3.17, pela ação da Sagrada Escritura e pelo convívio com ela, a palavra salutar e santificadora, Tt 3.8. **Para toda boa obra:** também ocorre em outras passagens de Paulo, 2Co 9.8: “Mais que ricos para toda obra”; Cl 1.10 “Frutificando em toda a boa obra”. A imagem da grande casa sugere pensar na igreja universal com suas diferentes configurações eclesiais. Um olhar para as sete cartas às igrejas na Ásia mostra que as igrejas de forma alguma eram todas igualmente “boas” ou “ruins”, úteis ou inúteis para seu Senhor. Contudo essa diferenciação não

era tranqüilamente aceita. O Senhor exaltado dirige-se a todas, exortando e consolando. Desmascara falhas, pecados ou heresias e convoca ao arrependimento e às obras condizentes com o arrependimento. Nesse sentido os diferentes utensílios de 2Tm 2.20 podem ser entendidos como igrejas diversas, mas igualmente os diferentes membros e grupos no âmbito de uma mesma congregação.

Paulo construiu como sábio construtor, outros continuam a edificação. Cada um é responsável pela forma e pelo conteúdo do que constrói: uma obra de ouro, prata, pedra preciosa, que resiste no fogo do juízo, ou de mera madeira, feno, palha, que arderá no juízo. Nesse mistério, porém, Paulo continua pressupondo que um construtor insensato será salvo, ainda que sua obra seja queimada. Essa palavra de Jesus sobre o fundamento que está posto, que Paulo não lançou e não podia lançar, aponta para a correlação com 2Tm 2.19-21. A diferença provavelmente é que em Corinto Paulo alude a partidos que surgiram por orientação carnal e imaturidade espiritual: ênfases excessivas, unilateralidades e motivos escusos exercem um papel excessivamente in-tenso, mas sem que já se trate de uma heresia elaborada. Aqui, porém, nas past, e sobretudo em 2Tm, as heresias já se constituíram, e seus propagandistas são numerosos e influentes. Manifestam-se abertamente contra Paulo e contra igrejas inteiras, quando não contra áreas inteiras, desligam-se de Paulo e se voltam aos falsos mestres.

- 21** Como devemos, pois, entender esse versículo? A princípio chama atenção que o texto não diz: “se, pois, as igrejas ou os membros da igreja se purificarem”. Será que a expressão “alguém” aponta para o indivíduo, particularmente para o servo da palavra? Uma comparação com o v. 15 sugere a seguinte interpretação: Timóteo deve se apresentar como trabalhador aprovado perante Deus, pois assim será um utensílio santificado, útil para toda boa obra (v. 21b). O v. 21a expressa de modo mais exaustivo como e porque Timóteo pode buscar a aprovação: **tem de purificar-se**. A única vez em que essa palavra torna a ocorrer é 1Co 5.7, ou seja, também em Paulo. Lá, porém, ela é usada em combinação com a ilustração do fermento: purificai-vos do velho fermento e lançai-o fora. O fermento simboliza a malícia e maldade, ao contrário de pureza e verdade. O contexto revela que Paulo fala de um caso de grave indecência que a igreja de Corinto tolerou em seu meio (v. 1-6). A referida pessoa deve ser excluída, e a igreja precisa se curvar diante dessa ordem. Desse modo ela se purificará desse pecado, do qual também é culpada. Jesus adverte os discípulos contra o fermento dos fariseus e saduceus, i. é, sua doutrina! Sabe-se que os saduceus negavam a ressurreição. O fermento (malícia, ruindade, hipocrisia, injustiça e ainda a falsa doutrina) é como uma úlcera cancerosa que se alastra (2Tm 2.17), porque “um pouco de fermento levada toda a massa”. A purificação refere-se a ambos: doutrina e vivência. Somente o servo que purifica a si mesmo em relação a ambas pode exercer uma influência depuradora na igreja.

A parábola do joio e do trigo demonstra que a purificação e separação definitiva somente deve ser esperada no juízo final; porque quando se tenta arrancar todo o joio em todos os lugares também se arrancará o trigo e se dificultará ou impedirá o crescimento deste. O próprio Jesus realizará a “distribuição derradeira”, a separação dos utensílios para honra ou desonra. No entanto, apesar disso a mescla existente na igreja nunca deve servir para contemporizar com a heresia nem com a vivência herética a ela relacionada, a injustiça. É o que demonstra a parábola do fermento dos fariseus que é retomada por Paulo para a igreja em Corinto e que ele modifica na metáfora do construtor: 2Tm 2.14-21. A igreja empírica sempre precisa levar em conta que há lobos dentro dela e ovelhas fora dela (Agostinho). Apesar disso, porém, a purificação precisa acontecer constantemente, porque também a mescla, i. é, a contaminação não cessa de se tornar aguda. Para cada pessoa acolhida na igreja está em jogo a santificação: corra atrás dela (2Tm 2.22!), porque nada garante que não terá uma recaída no pecado.

- 22 Foge das paixões da mocidade, mas corre atrás de justiça, fé, amor, paz com todos que invocam o Senhor de coração puro.** Esse versículo constitui o centro, a síntese e a coesão dos blocos dos v. 14-21 e 23-26: quem cita o nome do Senhor, largue a injustiça (v. 19c) e corra atrás da justiça (v. 22b); purifique-se (v. 21) de impureza alheia e própria, distanciando-se da peste ímpia da heresia destrutiva (v. 16-18) e negue decididamente as paixões juvenis em sua vida pessoal (v. 22a). Assim poderá invocar o Senhor de coração limpo com todos que também vivem dessa maneira (v. 22c). Assim prevenirá ou afastará outros da discórdia destrutiva (v. 14,23-26).

Paulo volta a se dirigir diretamente a Timóteo, retomando o v. 15, aprofundando e ampliando em duas direções o que afirmou naquela ocasião: com sensibilidade pastoral ele agora aponta para o

risco que Timóteo enfrenta surgido de seu próprio íntimo: as paixões juvenis. Contudo, ao mesmo tempo ele direciona sua atenção para além de si mesmo e suas tribulações para o sentido da irmandade na fé: corre atrás da paz *com todos* que invocam o Senhor de coração limpo. Depois de lhe dizer: lembra-te do Senhor ressuscitado dentre os mortos (v. 8), lembra-te dos que te foram confiados, para que não se deixem arrastar para doutrinas estranhas (v. 14), Paulo agora o lembra de que pode ser tentado no íntimo do próprio coração. A possível correlação com tentações sexuais não é infundada, quando se considera também a exortação de 1Tm: Sê um exemplo... na pureza. Exorta mulheres mais jovens como irmãs com toda a pureza. Com toda pureza, i. é, com pureza total; conserva-te a ti mesmo casto.

No entanto, no caso de Timóteo as paixões da mocidade não se referem apenas a desejos sexuais, mas igualmente ao orgulho espiritual e à apaixonada impaciência e dureza, que não contradizem necessariamente seu gênio predominantemente hesitante e tendente ao desânimo. Pelo contrário: em geral as tendências opostas estão interligadas: quem enfrenta sentimentos de inferioridade pode ser muito presunçoso, a pessoa pusilânime pode ser muito rígida, o deprimido muito expansivo, o tímido muito impertinente, e vice-versa.

Como é séria para Timóteo a menção de seus próprios desejos juvenis quando a carta ao mesmo tempo fala acerca dos desejos daqueles que querem enriquecer, dos múltiplos e secretos desejos de mulheres fracas, das paixões intelectuais doentias daqueles que já não suportam a sã doutrina! Também Timóteo precisa confessar o que Paulo escreve a Tito, não apenas em relação a seu passado, antes de se tornar cristão, mas de seu presente, como possibilidade inata de ser tentado: também nós servimos a diversos desejos e paixões, mas somos igualmente educados por graça, para que possamos negar os desejos mundanos.

Uma comparação com 1Tm 6.11, onde também aparecem o decidido distanciamento (foge!) e a busca (corre atrás!) como confirmação cotidiana da conversão de outrora, evidencia pequenas diferenças, mas que não deixam de ser dignas de nota para a delicada empatia pastoral. Paciência e brandura, que em 1Tm aparecem no fim da lista, parecem estar ausentes em 2Tm, mas igualmente ocorrem no final, apenas ampliadas com uma análise particularmente detalhada, porque a situação de luta aguçada o exige (v. 23-26). Sob essa perspectiva o v. 23 não aparece como mera ou desnecessária repetição de 2Tm 2.14,16-18. A “beatitude” está ausente na listagem de 2Tm porque já foi mencionada em sua substância no v. 19 e aplicada a Timóteo no v. 21. Foi acrescentado: **correr atrás da paz**, porque a luta aumentou, atrás da paz com aqueles **que invocam o Senhor de coração limpo**, porque o crescimento da heresia ameaça a união entre os membros. Paz e pureza do coração, i. é, pureza de pensamento na doutrina e na vida prática formam uma unidade.

Será que se defende aqui a formação de grupos especiais? Estaria aqui o fundamento para a *ecclesiola in ecclesia* (von Zinzendorf), para a pequena igreja dentro da grande igreja, para a comunhão pura nas casas dentro da grande casa da igreja mundial? Sim e não! Toda igreja está alicerçada sobre pequenos grupos, nos quais é possível concretizar a exortação e o encorajamento mútuos. Não são apenas as descobertas da moderna psicologia de grupos que evidenciam o caráter insubstituível do pequeno grupo. Jesus situa a exortação e união fraternas, que pressupõem a reunião em nome dele, na menor das comunhões (dois ou três reunidos), como se depreende de Mt 18.15-20: a verdadeira igreja existe onde se revela e conserta o pecado na vivência e doutrina (v. 15-18), onde se busca e encontra na oração a concórdia sobre novos alvos a partir de Deus (v. 19), onde o nome do Senhor é invocado de coração puro (v. 20), porque sua presença é a marca decisiva da igreja.

Um não, porém, vale para cada agrupamento que tenta se separar do todo e se fechar de forma auto-suficiente. Desse modo torna-se uma seita, primeiro na mentalidade, depois na ação e doutrina. Os v. 23-26 mostram que a ligação com o todo *não* deve ser abandonada, nem mesmo sob as mais difíceis circunstâncias. Muitos grupos avivados, que no começo sem dúvida eram saudáveis, tornaram-se doentios e infrutíferos porque tiveram medo dos sofrimentos associados à tarefa de levar a dádiva da nova vida para dentro de formas e relacionamentos enrijecidos, para romper e transformá-los. Quem foge dessa tarefa dolorosa que freqüentemente enfrenta mal-entendidos e oposição, em breve ficará pessoalmente enrijecido e esclerosado.

b) Refutando os falsos mestres com brandura – 2Tm 2.23-26

23 – E repele as questões insensatas e absurdas, pois sabes que só engendram contendas.

- 24 – Ora, é necessário que o servo do Senhor não viva a contender, e sim deve ser brando para com todos, apto para instruir, paciente,**
- 25 – disciplinando com mansidão os que se opõem, na expectativa de que Deus lhes conceda não só o arrependimento para conhecerem plenamente a verdade,**
- 26 – mas também o retorno à sensatez, livrando-se eles dos laços do diabo, tendo sido feitos cativos por ele para cumprirem a sua vontade.**

23 Timóteo deve associar-se àqueles que estão em busca de doutrinas e obras saudáveis. Mas a concórdia com os falsos mestres é impossível. Em que reside, pois, a diferença com o v. 16? Lá Timóteo é instruído por causa dele mesmo, para que não seja contaminado, a fim de se afastar daqueles que são apenas faladores. Deve evitar as discussões, bem como as paixões da mocidade. Aqui, porém, como servo responsável pela palavra, cabe-lhe rejeitar os discutidores, restringindo-lhes o campo de atuação. O v. 14 é dito também na perspectiva da igreja. Todos, e não apenas os falsos mestres (do contrário, como conseguiriam tantos adeptos?), correm o perigo de se tornar reféns da briga em torno de palavras. As controvérsias (que também podem ser definidas como mero discutir por discutir, o constante problematizar) não são somente tolas, estultas, mas indisciplinadas e infantis. Muitíssimas vezes o comportamento com ares de importância, o questionamento sofista e a arrogância intelectual estão associados a uma constituição básica infantil. A pessoa construiu um mundo de palavras, move-se com virtuosismo no interior desse mundo, sem que, no entanto, fossem gerados relacionamentos transformadores da própria vida e do entorno. Briga gera nova briga, assim como violência chama nova violência e o mal sempre provoca novas maldades. A única saída do círculo vicioso de afirmação e contradição, de argumento e contra-argumento é a disposição de suportar o mal e superá-lo por meio do bem.

24 Um servo do Senhor, porém, não deve andar brigando, mas combater o bom combate. Paulo emprega aqui um título de honra. É provável a lembrança do servo sofredor de Deus, que cumpre a incumbência de Deus. Neste versículo “brigar” tem o sentido de lutar amarga e arduamente, ferir, asseverar com intenção de sempre ter razão, “ser briguento” (Lutero). Paulo sempre afirma primeiro o que e como algo não deve ocorrer, acrescentando depois o que é válido: um servo do Senhor deve ser **amável para com todos**. Deve comportar-se com afabilidade em relação a todos. A mesma palavra só aparece ainda em 1Ts 2.7! Lá Paulo declara sobre si mesmo que ele foi amigável, i. é, cheio de amor, assim como uma mãe, ao amamentar, afaga os filhos. A atitude de brandura que desarma, interliga a primeira e a última carta que possuímos de Paulo. Nisso ele foi seguidor de seu Senhor, e a isso exorta seus colaboradores. A força da mansidão que liberta da obrigação de atacar e defender-se deve ser experimentada por todos sem restrição, não somente pelos falsos mestres, mas por cada irmão. Disso se depreendem duas coisas: a palavra da atitude amorosa na verdade vale para todos os discípulos, particularmente para os servos do Senhor. Aqui, porém, ela se refere em primeiro lugar de forma bem pessoal a Timóteo, porque ele, com seu zelo juvenil, talvez se deixe arrastar para discussões descabidas, das quais re-tornará desanimado e derrotado.

Hábil para ensinar. Há uma ligação com 2Tm 2.2. Agora nos é dito com mais detalhes o que se espera de homens fiéis, que sejam capazes de ensinar.

Sereno ao suportar a injustiça. Quem é sereno consegue tolerar com paciência até mesmo a oposição dos maus e malvados.

25 Toda correção, seja na doutrina, seja no comportamento, deve acontecer com espírito de **brandura**, por duas razões: 1) com vistas a si mesmo. Quem exorta só pode fazê-lo com humildade, porque sabe quantas vezes ele mesmo carece da correção e com que rapidez pode cair pessoalmente no mesmo erro. 2) Com vistas ao próximo, que precisa ser corrigido: quando confrontado com dureza (que não é igual a determinação e clareza de amor), fecha-se ainda mais. Quem está em erro precisa ser *conquistado*, não afastado! O que significa, afinal, corrigir, senão mostrar o rumo certo a tais pessoas? Porventura isso pode acontecer de outro modo que não a partir da mentalidade correta? Para a exortação mútua há necessidade da mentalidade correta (a aceitação incondicional do outro como criatura de Deus, como irmão) e do conhecimento (o entendimento, presenteado pelo Espírito, daquilo que é necessário). Em vista dos falsos mestres, corrigir pode ter aqui nitidamente o sentido de instruir. Isso é mais que combater o erro e se deixar envolver na briga verbal. O erro deve ser superado pela incessante apresentação da verdade. A essência da polêmica reside em que ela se limita a rebater, rejeitar, criticar, desnudar, motivo pelo qual não consegue edificar, consertar, sarar.

Os falsos mestres não devem ser simplesmente refutados ou eliminados, de modo que estejam liquidados. Afinal, podem ser reconquistados, se Deus lhes conceder **mudança de pensamento**. Arrependimento sempre é dádiva de Deus – também neste caso. Por essa razão não se deve brigar com os desnorteados, o que não os ajudaria a avançar, mas apenas os enredará mais em seus raciocínios. Pelo contrário é preciso dizer-lhes com seriedade e amor a palavra divina capaz de movê-los ao arrependimento, mesmo que inicialmente não pareçam aceitá-la.

Conhecimento da verdade. Essa é a vontade de Deus para todos. Não se trata apenas de uma mudança sentimental, mas de uma dedicação total à verdade, que abranja todo o ser humano. Isso precisa acontecer, e também pode acontecer. Essa esperança não deve ser abandonada.

Tudo isso vale também para o relacionamento entre os cristãos das diversas igrejas e denominações. Muitas críticas válidas não brotam da submissão e humildade, motivo pelo qual trazem o carimbo da justiça própria e da condenação, do espírito de julgamento. Por isso causam mais estragos do que benefícios

- 26** O falso mestre está inebriado, fora de si, não-sóbrio. Timóteo, porém, deve ser totalmente *sóbrio*, suportar o sofrimento, realizar cabalmente a obra de um evangelista. Se for pessoalmente alerta e verdadeiramente sóbrio, será capaz de conduzir os perturbados perturbadores à sobriedade por meio da palavra da verdade. A verdade de que a atuação e a vida dos hereges possuem um fundo demoníaco não é, p. ex., uma denúncia que ocorre somente nas past, como pensam alguns intérpretes. Paulo reitera constantemente que o diabo como acusador dos irmãos obceca e escraviza os pensamentos e sentidos humanos.

A exortação à persuasão paciente e mansa dos seduzidos não é decorrente de uma redução da vigilância sobre a verdade da palavra e sua concretização na vida da igreja. Aos olhos de Deus e consciente do fundo demoníaco de *toda* a sedução, que eventualmente pode levar até a negação e apostasia dos eleitos, Paulo fornece a orientação cujo cumprimento na vida pessoal, na condução da igreja e na persuasão dos hereges levará Timóteo a apresentar-se como trabalhador aprovado *perante Deus*.

B. Os futuros hereges – 2Tm 3.1-17

1. A característica do fim dos tempos – 2Tm 3.1-9

a) Pecado camuflado pela devoção – 2Tm 3.1-5

- 1 – Sabe, porém, isto: nos últimos dias, sobrevirão tempos difíceis,**
- 2 – pois os homens serão egoístas, avarentos, jactanciosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes,**
- 3 – desafeiçoados, implacáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem,**
- 4 – traidores, atrevidos, enfiados, mais amigos dos prazeres que amigos de Deus,**
- 5 – tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder. Foge também destes.**

A palavra do laço demoníaco (2Tm 2.26) faz a transição para a descrição do tempo do fim determinado pelos demônios, que há de acontecer e já irrompeu.

- 1** **Sabe, porém, isto: nos últimos dias, sobrevirão tempos difíceis.** A frase situa-se no contexto de 2Tm 2.7. Lá as três ilustrações (soldado, desportistas e agricultor) são vistas pela perspectiva do fim dos tempos. Agora Paulo elabora no que cabe prestar atenção com vistas ao desdobramento na igreja e na sociedade. Notemos bem o que acontecerá na leitura!

Em 1Tm 4.1-5 salienta-se o traço ascético, aqui em 2Tm 3.1-9 o traço de dissolução dos tempos finais. O aspecto demoníaco do tempo é oscilante. O fim dos tempos é o que começou com a vinda do Messias na carne. Por isso não existe, no entendimento do NT, contradição entre as três afirmações: o fim dos tempos virá, ele já começou, e ele está presente agora. Os diversos autores enfatizam apenas aspectos distintos desse fenômeno único que forma um todo. “Os últimos dias” não são um acontecimento localizado, mas se cumprem em várias etapas.

Tempos (*kairós*): o tempo certo, determinado, pleno, oportuno. O termo ocorre aqui no plural, o que deveria ser traduzido por períodos de tempo, épocas. As circunstâncias descritas em seguida podem se manifestar diversamente em épocas e lugares diferentes. É típica a situação da sociedade que passou por uma revolução ou uma catástrofe que atinge um povo inteiro, uma época de

transformações generalizadas, quando uma era velha ruiu e uma nova está por surgir. As diversas épocas de catástrofes são dores de parto do fim dos tempos – o judaísmo já falava das “dores de parto do Messias” – elas em si ainda não são o fim.

Tempos difíceis: começam e estão às portas tempos perigosos, ameaçadores, graves. Afirmações acerca da depravação dos seres humanos no fim dos tempos são conhecidas no AT e no NT. O tempo final sempre possui a marca da *urgência*. O “hoje!” de Deus acompanha cada instante da pessoa e cada época da humanidade, pelo que “exortai-vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado, porque nos temos tornado participantes de Cristo, se, de fato, guardarmos firme, até ao fim, a confiança que, desde o princípio, tivemos.”

O presente “catálogo de vícios”, como é chamado, deve ser comparado antes com Rm 1.29-32 do que com listas helenistas, embora a tipificação dessas enumerações e a escolha das palavras também possam ser influenciadas por estas. Na seqüência enumeraremos as 19 partes e, para simplificar, acrescentamos a cada palavra apenas observações breves, bem como referências de passagens. Em cada uma assinalamos a relação com Rm 1.29-32. Será que esse catálogo descreve a realidade futura (e também presente) no mundo ou na igreja? A estranha e significativa “interposição” dessa enumeração não vale apenas para a descrição do tempo (presente e futuro), mas também para as pessoas (mundo e igreja) e igualmente para as circunstâncias no seio da igreja (falsos mestres e outros membros da igreja). Em outras palavras: seria equivocado afirmar que esse trecho se refere somente ao futuro, ou apenas ao mundo, ou só aos hereges. Justamente porque a característica do fim dos tempos é “tempo misto”, porque o joio cresce simultaneamente com o trigo, cabe ficar atento e purificar-se da mistura de motivos, doutrinas, expectativas e intenções. É somente por isso que a enumeração é apresentada. Subjacente (até mesmo como título do trecho) está 2Tm 2.19: ainda que o descumprimento da lei predomine, Deus não deixa de conhecer os que ele escolheu. Ele mesmo sempre guardará para si aqueles que não dobraram os joelhos perante os ídolos. Por isso, quem confessa esse Senhor, deixe de lado toda a injustiça, que é descrita aqui como espelho inverso de virtudes.

- 2 **Porque os seres humanos serão:** destaque acentuado do futuro, como em Mc 13.19. As pessoas determinam os tempos. Ao mesmo tempo, parecem ser senhoras do tempo, mas são dominadas pelo tempo. Aqui poderíamos encetar uma reflexão sobre a relação do indivíduo com as hoje muito citadas “estruturas”. Em cada caso, a estrutura de pecado do indivíduo e no indivíduo cria estruturas pecaminosas na sociedade que “confirmam” o pecador e o amarram ao pecado (cf. 2Tm 2.26).

1. **Egoístas** (*phil-autoi*), cf. o final: amantes do prazer, com o vício de desejar a si mesmos; Tt 1.7; NEB: *self-pleasing*.

2. **Avarentos** (*phil-argyroi*), literalmente: amantes do dinheiro, pães-duros, gananciosos. 1Tm 6.10! Lc 16.14: Jesus chama os fariseus avarentos. Por isso escarnecem dele.

3. **Jactanciosos** (Rm 1.30): gabolas; Tg 4.16; 1Jo 2.16; vangloriadores, exageradores.

4. **Orgulhosos** (Rm 1.30): cf. também Lc 1.51; Pv 3.34.

5. **Blasfemadores:** caluniadores, ofensivos; 1Tm 6.4; 1.20; Tt 3.2; At 6.11; 2Pe 2.11. Tentam exaltar a si mesmos (v. 4), humilhando os outros (v. 5). Desprezam tudo o que eles mesmos não são, e ofendem a Deus.

6. **Desobedientes aos pais** (Rm 1.30): cf. também Tt 1.16; 3.3; Lc 1.17; At 26.9.

7. **Ingratos:** deve ser visto em combinação com o item 6; Lc 6.35; Rm 1.21: para com Deus.

8. **Perversos:** não se detendo diante de nada, não considerando nada sagrado; cf. 1Tm 1.9: ímpios e perversos assassinos dos pais. Esse nexos é importante: lá se trata da definição da lei. Logo o fundo desse catálogo deve ser visto sob esse aspecto.

- 3 9. **Desapiedados** (Rm 1.31): sem coração, sem sentimento, sem percepção natural. Os itens 6-10 podem ser vistos em correlação: quem rejeita a subordinação no relacionamento primário da família não sabe mais agradecer, perde os limites para seu comportamento, nada mais o detém. Perde a noção natural, que somente poderia ter sido obtida e desenvolvida na confiança para com os pais. Por negar o vínculo e compromisso mais estreito e básico, já não tem qualquer capacidade de se comprometer de forma confiável. Cf. Rm 1.18-25, o mesmo contexto da atitude para com Deus: no começo consta igualmente a negativa de honrar a Deus (obediência) e lhe prestar ação de graças (por suas dádivas, v. 21).

10. **Inconciliáveis:** não conseguem estabelecer a paz, não reconhecem nenhum vínculo, nenhuma amizade, nenhum acordo, nenhuma obrigação.

11. **Caluniadores** (*diaboloî*): falsos acusadores (como o diabo), 1Tm 3.6s,11; Ef 4.27; 6.11; Tt 2.3.

12. **Descontrolados:** sem referenciais, sem autocontrole, incontidos, in-disciplinados, dando livre vazão a todos os impulsos, desmedidos no desfrute de todos os bens lícitos.

13. **Brutais:** rudes, embrutecidos, indomados, incivilizados, desumanos; Tt 1.12.

14. **Inimigos do bem** (*a-phil-agathoi*): estão dissociados do bem, desacostumados a preferir o bem, sem amor pelo bem, desprezadores das virtudes.

4 15. **Traíçoeiros:** na tribulação escatológica “muitos apostatarão e denunciarão uns aos outros, odiando-se mutuamente”; Mt 24.9s; At 7.52. “Judas, que *se tornou* traidor”, Lc 6.16.

16. **Implacáveis, atrevidos:** pessoas precipitadas, aventureiras, termo derivado de: assaltar, agir precipitadamente sob a pressão das paixões, sendo o alvo algo errado.

17. **Enfatuados** (*tetyphomenoi*): estonteados e por isso obcecados, presunçosos, petulantes, considerando-se importantes, nunca duvidando de si mesmos; NEB: *swollen with self-importance* [inchados com a própria importância] 1Tm 3.6; 6.4.

18. **Amigos do prazer em lugar de Deus:** (*phil(o)-donos*) ávidos de diversão; (*philo-theos*) amantes de Deus; amigos da fruição ao invés de amigos de Deus; prontos para qualquer divertimento, mas não para Deus (Wilckens); NEB: *Men who put pleasure in the place of God*; prazer como substitutivo para Deus; “cujo deus é seu estômago”, uma afirmação sobre pessoas na igreja (Fp 3.18s!). No começo dessa série consta *phil-autoi*: o amor ao eu, no final o oposto, a saber, aquilo que realmente deveria ser o fundamento: *philo-theos*, o amor a Deus. Buscar ser igual a Deus significa colocar a si mesmo no lugar de Deus, transformar-se a si mesmo em Deus e destituir a Deus; atribuir (ou permitir que se atribua) a si mesmo honra, gratidão e reconhecimento. Isso leva à inversão de todas as ordens na vida pessoal e no convívio com os outros.

5 19. (Pessoas), **que mostram uma aparência de devoção, mas que negaram o poder dela, e dessas te afasta.**

Os que trazem a aparência de uma natureza temente a Deus, mas negam o poder dela (Lutero). Apegar-se-ão à forma da religião, mas se distanciarão de seu poder (Wilckens). É bem verdade que ainda preservam os costumes for-mais da religiosidade, mas não lhe concedem nenhuma influência sobre sua vida (Albrecht). *Who preserve the outward form of religion, but are standing denial of its reality* [Que preservam a forma exterior da religião, mas são uma negação constante da realidade dela] (NEB).

Forma (*morphosis*) **da devoção**, hipocrisia, como em Rm 2.20. Cf. 2.17-24: “Tens na lei a forma da sabedoria e da verdade; porventura ensinas a outros e pessoalmente desobedeces tua doutrina?” Em Rm 1 Paulo apresentou os pecados dos gentios, em Rm 2 ele mostra os pecados do povo de Israel. Hipocrisia era o pecado principal dos fariseus, Lc 12.1 “Os falsos profetas se levantarão e desviarão a muitos.” Têm aparência de ovelhas inofensivas, mas são em verdade lobos vorazes, “lobos em pele de cordeiro” Mt 7.15; 23.3. Ostentam a fachada da devoção sem o poder edificador de uma natureza temente a Deus. Cf. o nexo com 2Tm 2.21! O verbo do v. 5 está no tempo presente, ao contrário do v. 2. Em lugar do “mistério da fé na consciência pura” possuem a “aparência da beatitude”, sem experimentar o poder transformador dela (cf. 1Tm 3.9!).

Esse v. 5 se “interpõe”, sintetizando o anterior e fazendo a transição para as heresias expressamente citadas na seqüência.

Contudo negaram o poder da verdadeira veneração a Deus (beatitude). A ligação com 2Tm 2.11-13 não é apenas exterior por meio do termo-chave negar, mas plenamente constituída de modo objetivo segundo o sentido mais profundo. O tempo verbal expressa uma decisão ativa, uma rejeição intencional da beatitude. Não querem se exercitar na disciplina da devoção. É óbvio que nesse caso vale também que quem descarta o poder da devoção também é abandonado por ele. Permanece à mercê de suas paixões, não experimenta mais nada da graça corretiva, transformadora e educadora que deseja nos tornar pessoas de Deus. A realidade da vida a partir de Deus está (foi) fechada para ele. A correlação com 2Tm 1.7 é estabelecida pelo tópico “poder”. Sem o Espírito do poder, do amor e da disciplina, dado por Deus e eficaz na obediência a Deus, a devoção precisa tornar-se impotente e irreal. Só poderá ser mostrada *pro forma*, para manter as aparências, ou seja, hipocritamente.

Gravemos o seguinte: a devoção aparente pode ter traços ascéticos e dissolutos. Em geral ela alterna, oscilante e impura como é, de um lado para o outro.

Foi desmascarado o profundo ponto negativo da devoção autocrática, a hipocrisia da impotente religião do eu. Contudo até mesmo na acusação destaca-se o ponto positivo, reluz “o *poder* da beatitude”! Esse é seu mistério: Deus revelado na carne. O próprio Jesus é alicerce, fonte, conteúdo de poder, caminho e alvo da verdadeira devoção, da veneração a Deus no Espírito Santo.

E afasta-te deles! O verbo ocorre unicamente aqui e é mais forte que a expressão correlata em 1Tm 1.6; 5.15; 2Tm 4.4, onde se fala tanto de heresias como de mulheres e genericamente de membros da igreja que se afastam da verdade. Afastar-se também tem o sentido de fugir, como em 1Tm 6.11; 2Tm 2.22. No presente caso, porém, a expressão é mais vigorosa: afastar-se com repúdio, fugir (cf. Rm 12.9: O amor seja sem hipocrisia, fugi do mal, apegai-vos ao bem). Ele não deve manter comunhão com tais pessoas (2Tm 2.16), mas dizer-lhes a verdade com mansidão. Pelo contrário, deve buscar e aprofundar o convívio íntimo com aqueles que invocam o Senhor de coração puro (2Tm 2.22).

b) Os sedutores devotos – 2Tm 3.6-9

- 6 – Pois entre estes se encontram os que penetram sorrateiramente nas casas e conseguem cativar mulherinhas sobrecarregadas de pecados, conduzidas de várias paixões,**
- 7 – que aprendem sempre e jamais podem chegar ao conhecimento da verdade.**
- 8 – E, do modo por que Janes e Jambres resistiram a Moisés, também estes resistem à verdade. São homens de todo corrompidos na mente, réprobos quanto à fé;**
- 9 – eles, todavia, não irão avante; porque a sua insensatez será a todos evidente, como também aconteceu com a daqueles (magos).**

- 6 Fazem parte desses:** originam-se desses grupos. Trata-se dos grupos citados no v. 5, mais um indício de que não apenas se pensa nos v. 2-4, mas naquelas “pessoas” (v. 2). De seu meio vêm os hereges que *agora* serão descritos em suas práticas. A maneira traiçoeira e camuflada de fazer propaganda entre mulheres inseguras, onde encontram presa fácil, menciona uma situação concreta. A referência à atividade entre mulheres fornece mais um esclarecimento sobre a importância da mulher na primeira igreja e particularmente sobre as circunstâncias enfocadas pelas cartas pastorais.
- 7 Que se infiltram nas casas e cativam mulheres pueris, sobrecarregadas de pecados e impelidas pelas mais diversas paixões, que aprendem sempre e apesar disso jamais conseguem chegar ao conhecimento da verdade.**

Mulheres pueris. Na verdade o sentido é depreciativo: mulherzinhas, madames, mulhero. São mulheres indefesas, porque não-firmadas em si e na verdade. A tradução aqui oferecida (“mulheres pueris”) tenta reproduzir o sentido literal, supondo que essas mulheres permaneceram infantis e apresentam as respectivas características: escrupulosas na consciência, razão pela qual estão sobrecarregadas por um fardo de pecados não-perdoados (complexos de culpa), que não são experimentados como redimidos, por mais exatas e repetitivas que sejam na confissão de pecados; incapazes para o encontro e para a vivência madura, porque os afetos reprimidos continuam agindo negativamente em segredo; incapazes de crescer no verdadeiro conhecimento, porque a índole pueril permanece fixa no exterior, o que pode muito bem estar associado a uma “inteligência” unilateralmente desenvolvida e dissociada da vida.

Sobrecarregadas. Assim como a cabeça da pessoa má é sobrecarregada de brasas vivas da vergonha: quando a pessoa prejudicada lhe faz o bem, ao invés de pagar o mal com o mal. Assim essas mulheres são atormentadas por constantes dores de consciência e sobrecarregadas de auto-acusações, ávidas por conhecimento e experiências que em última análise são irrealizáveis.

Paixões: refere-se a desejos de toda espécie. Se a intenção fosse citar principal ou unicamente pecados morais, isso certamente teria sido dito. Pelo contrário, é preciso pensar em uma conduta rigorosamente ascética, por meio da qual as paixões devem ser recalçadas. Talvez os falsos mestres prometam “vitória” definitiva sobre o corpo, o que, no entanto, apenas aumenta a der-rota, como mostra Cl 2.20-22: “Embora tais coisas sejam validadas como “sabedoria” em cultos arbitrários, em flagelos e disciplina física, não merecem (na realidade) qualquer honra, servindo unicamente à satisfação de um sentido muito mundano”.

Impelidas. A forma passiva assinala a condição indefesa daquele que é empurrado; assim como se é arrastado pelos ídolos nas experiências extáticas. A correlação com o v. 4 (amar o prazer) também pode ter sentido passivo: *deixar-se* impelir pelos prazeres confessos ou não-confessos. Contrário: deixar-se guiar pelo Espírito Santo. Isso conduz à maturidade, à certeza em Deus e à superação das paixões que se levantam no ser humano natural.

Aprender sempre. Holtz (p. 182) vê aqui uma alusão à vazia paixão feminina de aprender, 1Co 14.35; cf. 1Tm 2.11: talvez “a rejeição a mulheres ávidas de aprender e questionar”. O mero saber ensoberbece. Não transforma nem o indivíduo nem seu entorno. Somente o amor edifica. Isso, porém, vale para mulheres e homens igualmente. Nesse caso o autor não se refere a “as mulheres” em geral, mas a determinada espécie de mulheres não-libertas, sobre as quais falsos (e falsas) mestres exercem influência.

Chegar ao conhecimento da verdade. Ligação com 2Tm 2.25; lá se fala de hereges. Cf. 1Tm 2.4. Os falsos mestres infiltram-se (são igualmente incapazes para o diálogo aberto), e depois de infiltrados, mantêm cativas as pessoas in-seguras, dependentes deles. A insaciável necessidade de “aconselhamento espiritual” preserva viva a busca por permanentes “conselheiros espirituais”. Ambas as dimensões se contrapõem à verdadeira exortação. A instrução mútua (exortação e consolo) na irmandade é a natureza da igreja madura (*mutuum colloquium et consolatio fratrum* [diálogo e consolo mútuo dos irmãos]). O presente trecho deveria ser tomado como ponto de partida para uma verificação crítica do aconselhamento praticado com determinadas mulheres. Será que ele as leva a se libertarem, crescerem e aprenderem, ou será que o aconselhamento as mantém cativas na condição pueril?

- 8 Da mesma maneira, porém, como Janes e Jambres resistiram a Moisés, assim também estes resistem à verdade, pessoas cujo entendimento está corrompido, sem aprovação na fé. Muito antes da época do cristianismo primitivo os estudiosos judeus escreveram, colecionaram e transmitiram explicações e lendas sobre os livros do AT. Paulo cita aqui um desses comentários, mencionando os nomes dos mágicos egípcios que em Êx 7.11 não são citados por nome. Não quiseram se curvar diante da reivindicação de Moisés, que falava por incumbência de Deus e pretendia retirar o povo de Israel da condição de escravos. Contrapuseram-lhe suas próprias artes mágicas como prova contrária de seu poder religioso e da força de seus deuses. Já em 2Tm 2.19s deparamo-nos não somente com uma citação do AT, mas com uma his-tória do AT que é “típica” como advertência para o povo de Deus do NT. Ambas as citações, o enfoque do catálogo de vícios e a referência à lei do AT evidenciam a forte característica judaica básica das heresias e que a réplica de Paulo tem uma conotação veterotestamentária e escatológica. Os falsos mestres na realidade resistem a ele, o enviado de Deus em Cristo. Também em 2Co 3.13 ele se compara a Moisés.

Resistem: Ocorre três vezes em Rm 13.2, aqui usado duas vezes – sublinha a dureza da resistência; Gl. 2.11.

À verdade: usado como “fé” em sentido objetivo e abrangente: eles resistem a Deus e ao evangelho, bem como aos que anunciam a palavra da verdade. Cf. Rm 1.18,25; At 7.51s. O que os hereges têm em comum com os mágicos egípcios é sua resistência contra a verdade de Deus, não a aplicação da magia. Apesar disso há umnexo geral entre heresia e superstição. Quem não crê na verdade, crê na mentira. Também isso é escatologicamente enfocado. As pessoas que resistem à verdade são corrompidas em seu entendimento. Não são aprovadas na fé. Corroídas pelo ceticismo, já não conseguem confiar-se à verdade, permanecendo sem aprovação na fé. Como seu senso de realidade está deturpado, consideram a fé superstição e permanecem não-aprovados na vida, erram o alvo. Aqui a palavra final é muito similar a 1Tm 6.5. Decisivo para a avaliação dos falsos mestres é: não são aprovados na prova da fé. Mas será que isso ocorre unicamente com os hereges? Estes são os principais envolvidos; contudo muitos pensam e agem como eles, razão pela qual aderem, seduzidos e seduzindo com os outros.

- 9 **Mas eles não irão avante; porque sua insensatez será a todos evidente (no futuro), como também aconteceu com a (insensatez) daqueles (mágicos).** Mágicos não conseguem manter oculta por tempo ilimitado a realidade encoberta, o mundo substituto do mundo real da verdade. Porventura isso não contradiz 2Tm 3.13 e 2.16: pessoas más e enganadores prosseguirão? O mal avançará assim como o bem, até que tudo esteja amadurecido para o juízo final. É esse o sentido da parábola do joio e do trigo e o sentido do fim dos tempos como tal. A afirmação feita aqui refere-se à história do AT. Assim como lá se impediu a ação de alguns, como antecipação do juízo final sobre todos, assim os

pseudo-apóstolos serão e terão de ser desmascarados e argüidos também no atual período escatológico. O desdobramento da história não acontece de forma linear automática, mas em “prazos”, em períodos, em dores de parto e ondas, em movimentos ascendentes e descendentes, com diferenças, ênfases e contrafluxos locais, regionais, nacionais e culturais.

2Tm 3.1-9 vale para todas as épocas, porque todas estão relacionadas com o fim dos tempos. Vale para todos os humanos, porque em todos atua “o mistério da anomia”. Vale para todos os cristãos, porque nunca estão definitivamente libertos da pecaminosidade no tempo presente. Não obstante: o que vale para todos, não vale diretamente para todas as épocas e pessoas! Paulo escreve aqui tendo diante de si uma situação histórica bem definida. O fato de que essa palavra apesar disso tem validade “para todas as épocas” não faz parte de uma forma imprecisa da descrição, mas porque o Espírito de Deus traz à luz as últimas premissas e princípios da existência humana na presente era mundial.

Talvez este texto tenha em mente uma catástrofe a ser esperada para breve, ou já parcialmente instalada. Desconhecemos as circunstâncias exatas. Contudo, para o autor e o destinatário da carta elas estavam tão claras como a caracterização da realidade nas sete igrejas do Apocalipse (Ap 2.1-3.22). Apenas deixam de ser citadas aqui em detalhe.

2. O verdadeiro mestre do evangelho – 2Tm 3.10-17

a) Paulo como exemplo – 2Tm 3.10-13

10 – Tu, porém, tens seguido, de perto, o meu ensino, procedimento, propósito, fé, longanimidade, amor, perseverança,

11 – as minhas perseguições e os meus sofrimentos, quais me aconteceram em Antioquia, Icônio e Listra, – que variadas perseguições tenho suportado! De todas, entretanto, me livrou o Senhor.

12 – Ora, todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos.

13 – Mas os homens perversos e impostores irão de mal a pior, enganando e sendo enganados.

Começo e fim se tocam. Paulo concluiu a análise acerca “das pessoas” e os grupos que delas se destacam, bem como acerca de seus líderes. Agora ele torna a se dirigir de forma bem direta a seu genuíno filho na fé: **tu, porém**, considera os primórdios de nossa comunhão de luta, conforme me conheceste e me conheces desde então (v. 10-12). Como fui perseguido por causa do evangelho (tu o presenciaste desde o começo e me seguiste passo a passo até hoje). Assim todos serão perseguidos, também tu, se perseverares na verdadeira devoção em Cristo Jesus.

Por isso considera teu próprio começo desde a infância (v. 14s) e persevera na palavra de Deus, que pode te transformar em um servo de Deus (v. 17) que se apresenta como aprovado perante Deus até o fim. Lembra-te de nossos caminhos, toma coragem para perseverar na fidelidade ao Senhor e à palavra dele, e continuarás sendo um verdadeiro mestre do evangelho.

10 Tu, porém, me seguiste em tudo. Cf. a tensão com o v. 14: **tu, porém, permanece**; seguir é ao mesmo tempo permanecer. A persistência na palavra é ao mesmo tempo um disciplinado na obediência. Paulo emprega aqui a mesma palavra de 1Tm 4.6: seguiu a boa *doutrina*, assim como o bom exemplo. Isso representa uma palavra de elogio e gratidão a Timóteo. Novamente segue-se uma listagem, desta vez com nove características do apóstolo, que Timóteo pode verificar com precisão e que lançam o foco sobre sua vida. Constatamos uma subdivisão lógica em três grupos de três elementos cada, que enumeraremos pela ordem e comentaremos sucintamente, acolhendo os termos gregos no texto. Timóteo é “seguidor” de Paulo não no sentido de alguém que assume seu “cargo”, mas literalmente como alguém que esteve com ele na caminhada, indo atrás dele, lado a lado, direcionado para o Senhor como colaborador dele:

1. **Na doutrina:** aparece no começo, reveste-se de relevância nas past e para a situação que elas descrevem. 1Tm 1.10; 4.6; 5.17; 6.1,3; doutrina também pode ter o sentido de “caminho”. Caminho da vida, cf. 1Co 4.17. Cristo é a realidade plena e integral, ele é caminho – verdade – vida (Jo 14.6). Caminho especialmente em At 2.28; 9.2; 13.10; 16.17; 18.26; 19.9,23; 22.4; 24.14,22.

2. **Na conduta (agogé):** ocorre somente aqui; comportamento em geral; em Paulo a doutrina vem equiparada à conduta. Nisso ele é modelo. Jesus exorta à unidade de ação e ensinamentos: Mt 5.19. cf. Rm 2.23,21; 1Co 4.17 e reiteradamente: 1Co 9.27.

3. **No propósito:** na mentalidade, no empenho, no objetivo, na resolução. Doutrina e vivência foram interiorizadas, unificadas, absorvidas e abarcadas pela vontade, em função do que se tornaram genuínas e convincentes. Desse modo se formou no coração de Timóteo a determinação de seguir esse homem e seu Senhor. Nesse homem uniram-se doutrina da vida, conduta da vida e alvo da vida; não de forma absoluta, terminante, definitiva, mas com grande determinação e clareza. Fp 3.12-14 descreve o que Paulo faz; os v. 15-17, o que outros devem fazer: seguir o exemplo dele e de outros.

Prothesis: nas demais ocorrências entendido por Paulo como desígnio de Deus: Rm 8.28; 9.11; cf. 2Tm 1.9, o mesmo termo. O desígnio de Deus abarca o desígnio para Paulo, tendo penetrado nele e se tornado sua própria resolução. A tradução inglesa traz: *My purpose, chief aim* [meu propósito, alvo maior] O catecismo indaga: *What is man's chief end? To glorify God and to enjoy him for ever* [Qual é o alvo maior do ser humano? Glorificar a Deus e se alegrar com ele eternamente]. Encontrar prazer em Deus e por isso sentir alegria em e gratidão por tudo que vem dele, esse é o fundamento e alvo do ser humano. Reconheceste e seguiste meu propósito.

4. **Em fé:** 1Tm 6.11. Para Paulo a fé constitui a fonte e o cerne da vida cristã.

5. **Paciência:** como em 1Tm 6.11. A paciência está relacionada com a esperança; Tt 2,2; 1Ts 1.3 permite compreender que a paciência pode ocupar o lugar de esperança: “Perseverar na esperança”; cf. Rm 5.3-5. também lá ocorrem fé, esperança, amor.

6. **Amor:** não é para Paulo uma palavra oca, mas realidade de vida, dentro da qual e a partir da qual foi possível inspirar a exaltação do amor: 1Co 13. Tu me seguiste em “fé – amor – esperança”.

7. **Na perseverança** (*hypomoné*): persistência, constância diante de circunstâncias negativas e adversas; premissa para a preservação em perseguições e sofrimentos. Paulo intitula assim o espelho do colaborador de 2Co 6.1-10, que vem antes de tudo e determina a tudo: “Evidenciamo-nos como servos de Deus *por muita constância*”.

11 8. **Em perseguições:** 2Ts 1.4; 2Co 1.6; Hb 10.32. Aqui se tem em vista as perseguições exteriores, não a oposição no íntimo.

9. **Em sofrimentos:** 2Co 11.21-33. Perseguições e sofrimento freqüentemente aparecem juntos em Paulo. Para onde leva a unidade de doutrina, vida e propósito que encontra e expressa a verdadeira beatitude na fé, na esperança e no amor? Ela conduz à perseverança em perseguições e sofrimentos até o fim.

Na seqüência Paulo enumera experiências concretas que ele sofreu. Por que Paulo enumera perseguições das quais Timóteo nem mesmo foi testemunha ocular, ao mesmo tempo em que lhe atesta que foi seu seguidor em tudo? Que sentido pode ter que Paulo menciona acontecimentos desconhecidos pa-*ra* Timóteo? Será que não conviveu tempo suficiente com ele para lembrar de exemplos que são do conhecimento de ambos? Um comentarista opina que seria compreensível para uma pessoa idosa na prisão que ele se recorde das experiências da primeira peregrinação missionária. Porém Paulo não escreve em vista de si mesmo, mas de Timóteo! Ensaieemos uma interpretação que responda a essa questão da maneira mais simples possível. Timóteo é mencionado apenas na segunda viagem missionária: “Um discípulo que gozava de bom testemunho da parte dos irmãos em Listra e Icônio.” Desde então Paulo o leva consigo. Quando, porém, Timóteo se tornou um discípulo? Paulo e Barnabé foram expulsos de Antioquia (na Pisídia) e arredores, e em Icônio Paulo foi apedrejado como blasfemo, depois de primeiro ser alvo de tentativas de ser venerado como um deus. Judeus vieram de Antioquia e Icônio, agitando a multidão contra Paulo. Se – como pressupomos em nosso comentário – Timóteo esteve presente no apedrejamento de Paulo, ele ouviu os judeus de Antioquia e Icônio apresentarem suas acusações contra Paulo. Logo *sabia em primeira mão acerca da recém-acontecida perseguição* em Antioquia e presenciou, como testemunha ocular, a acusação e o apedrejamento que aconteceram na seqüência: “Os judeus de Antioquia e Icônio... apedrejaram a Paulo e o arrastaram para fora da cidade, dando-o por morto. Rodeando-o, porém, os discípulos, levantou-se e entrou na cidade. No dia seguinte, partiu, com Barnabé, para Derbe.” Os adversários de Antioquia, Icônio e Listra estavam unidos quando se tratou de apedrejar a Paulo. Os discípulos das mesmas cidades, porém, ficaram repletos de alegria e do Espírito Santo como fruto da perseguição. Também em Antioquia, Icônio e Listra houve pessoas que, pela proclamação missionária, chegaram à fé em Jesus, o Messias, tornando-se discípulas. Foram exortadas a perseverar na fé, porque a trajetória até o reino de Deus é combinada com tribulação. Foi *naquela ocasião* que Timóteo se tornou discípulo. Do contrário, como poderia ser um autêntico filho na fé de Paulo? Na segunda migração missionária, quando Paulo o visitou em Listra, Timóteo já era discípulo e já gozava de um

bom testemunho entre os cristãos de sua cidade e em Icônio, i. é, em toda a redondeza. Entretanto, qual havia sido para ele o impulso decisivo para que viesse a crer? O *martírio de sangue* de Paulo. Paulo sucumbiu inconsciente sob as pedras que foram lançadas sobre ele. Considerado morto, foi arrastado para fora da cidade, e lá os discípulos o procuraram, formando um círculo em redor dele. Será que estava mesmo morto, ou ainda vivia? Será que Deus realizou nele um milagre de revitalização, ou será que ele, apedrejado até perder os sentidos, foi restaurado tão maravilhosamente que foi capaz de levantar-se, caminhar e no dia seguinte prosseguir viagem? Paulo escreve que foi açoitado três vezes e apedrejado uma vez, e esse apedrejamento se tornou um martírio de sangue para Timóteo, desencadeando sua fé. Nesse episódio se cumpriu o adágio: o sangue dos mártires é a semente da igreja. O centro de todas as perseguições e sofrimentos do apóstolo em Antioquia, Icônio e Listra é seu apedrejamento. Timóteo presenciou-o, de perto ou de longe. Rodeou o mártir considerado morto com os outros discípulos. Contudo **o Senhor o resgatou** dessa e de todas as obras más dos adversários, do sorvedouro da própria morte, e desse modo também o conduzirá para dentro de seu reino celestial.

Entendida nesse contexto, a palavra: “Tu me seguiste com exatidão em tudo” recebe um sentido marcante. A “carta do mártir” não constitui uma peça estranha no conjunto, ela não chegou ao fim em 2Tm 2.14, pelo contrário: tratar exaustivamente das condições, surgidas com os hereges, da igreja nos “últimos dias” é algo inseparavelmente ligado à consciência de crescentes perseguições. Por isso cumpre não se envergonhar (2Tm 2.15), mas suportar o mal (2Tm 2.24) e estar preparado para perseguições (2Tm 3.12). Por isso é mencionado o episódio do apedrejamento, que leva os olhares a convergirem para um ponto focal, como martírio de sangue antecipado, do qual Timóteo se tornou testemunha ocular. Por isso a referência ao martírio definitivo, que inevitavelmente virá (2Tm 4.6), para o qual também Timóteo deve se (deixar) preparar (2Tm 4.5). A epístola aos Hebreus noticia que Timóteo esteve preso e foi solto. Não sabemos quando e como souu sua última hora e ele compareceu diante daquele que julga os mortos e os vivos (2Tm 4.1).

Importa ponderar mais um aspecto: o próprio Paulo foi testemunha ocular de um martírio. Pelo martírio de sangue de Estevão, que suportou o mal e orou pelos inimigos, o aguilhão da verdade de Cristo com seu amor que a tudo suporta e supera penetrou no coração de Saulo, discípulo de Gamaliel. Não foi somente no caminho para Damasco, mas já no martírio de sangue de Estevão que Paulo se defrontou com a realidade e presença do Messias. Já havia sido derrotado, mas ainda não queria se dar por vencido, razão pela qual bramia cheio de raiva contra Jesus e sua igreja. Nos homens e mulheres que ele arrastou à prisão ele perseguia ao próprio Jesus, reagindo contra o aguilhão que já estava alojado em seu coração.

- 12** Logo nem 1Tm 1.13 nem 2Tm 3.11 constituem mera recordação histórica de um homem idoso no cárcere. A época de perseguição que está avançando agora, o perigo da heresia e da apostasia, o desânimo do colaborador acochado, o iminente fim do apóstolo – tudo isso o leva a asseverar a Timóteo: considera que Deus transforma em bênçãos as piores perseguições. Sabes o que aconteceu comigo, testemunha ocular do apedrejamento de Estevão. Sabes o que aconteceu contigo quando te tornaste testemunha ocular de meu apedrejamento. Por isso não desanimes, mas conta com o fato de que **todos os que estão decididos a viver para a honra de Deus em Cristo Jesus, serão perseguidos**. Consideremos o impactante paralelo com At 14.22: fortaleciam as almas dos discípulos (em Listra, Icônio, Antioquia), dizendo-lhes: perseverai na fé, porque importa passar por muitas tribulações para entrar no reino de Deus. Pessoas “decididas a viver em beatitude, i. é, para a honra de Deus em Cristo Jesus” sofrerão oposição. Como seguidores do Crucificado terão de carregar sua própria cruz. O contexto imediato aponta para uma perseguição em nome de Deus que provém de pessoas religiosas. Assim como o próprio Paulo foi um perseguidor religioso e foi apedrejado por pessoas religiosas, Timóteo precisa contar com perseguições de grupos renitentes. Mas, assim como Paulo também enfrentou poderes políticos que o perseguiram, assim acontecerá com Timóteo (ele foi aprisionado!). É para isso que a igreja de Deus precisa se preparar em todos os tempos “nos últimos dias”. Provavelmente nunca foram perseguidos e mortos tantos cristãos como no séc. XX.

Como é equivocado tentar descobrir nas past o avanço de uma mentalidade que se conforma com as circunstâncias do mundo e visa uma tranquilidade burguesa! Se a devoção fosse tão humanamente cômoda e racional, como ela provocaria oposição e perseguição até o martírio? Somente descobrimos a tirania deste mundo e a hipocrisia da oca empresa religiosa quando largamos seu jugo e em troca

somos perseguidos porque não a acompanhamos. Mas cada um cuide para que de fato seja perseguido por causa da justiça e não por causa de suas próprias transgressões ou excentricidades.140

A primeira carta a Timóteo possui o seguinte ponto central: grande é o mistério da beatitude (1Tm 3.16), e a segunda carta, a resposta correspondente: todos os que vivem nessa beatitude, serão perseguidos (2Tm 3.12). Em ambas as vezes trata-se de Jesus. Ele é o sinal de Deus no mundo, no qual se tornam manifestos os pensamentos ocultos dos corações. Ele é a pedra preciosa para uns ou a pedra de tropeço para os demais, que se escandalizam com ele e caem.

- 13 Mas pessoas perversas e impostoras irão de mal a pior, enganando e sendo enganadas.** Essa é uma palavra de síntese (assim como o v. 12 resume o que vale para todas as testemunhas fiéis) que retoma o começo da orientação escatológica de 2Tm 3.2 (“as pessoas serão”), concluindo assim o bloco. Prevalece o que já foi afirmado anteriormente: “dessas pessoas” fazem parte “certos grupos” e movimentos do mundo e da igreja, tanto membros eclesiais quanto hereges. Em uns o agir e a mentalidade podem permanecer ocultos e apesar disso continuar agindo, em outros, não.

Wilckens traduz assim: “Chegam a avanços tão-somente no mal”, de modo que se expressa a ironia subjacente: o mal se torna mais maligno. A força motriz do “progresso” é o descaminho. A sedução se insere no contexto escatológico. Independentemente de quem sejam os hereges, de que sua ação se manifeste e quebre, ou continue corroendo como um câncer – eles são “defraudadores defraudados”. Esse era um adágio entre os gregos, porém na presente passagem não se deve ignorar a experiência bíblica.

A sedução é oculta – não flagrante, gradativa – e não súbita, terrivelmente atraente – e não assustadora e repelente, aparente inócua – e não perigosa, encantadora – e não ameaçadora, desencaminhadora – e não argüidora.

Os sedutores seduzidos se tornarão cada vez mais extremados, conduzirão e serão conduzidos cada vez para mais longe do âmago da verdade. Timóteo, porém, não seguiu um sedutor, desde já ele conhece muito bem a pessoa que o conduziu até Jesus, que o instruiu na verdade, na qual deve perseverar para permanecer na liberdade.

b) Timóteo, um homem de Deus por meio da palavra de Deus – 2Tm 3.14-17

- 14 – Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste e de que foste inteirado, sabendo de quem o aprendeste**
15 – e que, desde a infância, sabes as sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus.
16 – Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a re-preensão, para a correção, para a educação na justiça,
17 – a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra.

- 14** Timóteo precisa ser exortado não apenas para *perseverar* no sofrimento e nas perseguições, mas também para *persistir* naquilo que recebeu. Talvez tenha sido projetada uma imagem demasiadamente delicada de Timóteo. Por que teria sido necessário testemunhar o apedrejamento para que um ardoroso jovem fosse conquistado para Jesus, o Redentor? Por que a exortação franca e direta para fugir das paixões e dos desejos juvenis? Por que a advertência diante do agir precipitado e duro e o repetido alerta diante dos falsos mestres, se não havia nenhum motivo para tal em Timóteo? Daí a exclamação: Ó Timóteo! Conserva o bem que te foi confiado, afasta-te da pseudognose (do suposto conhecimento), do contrário também tu te desviarás da fé. Só a graça pode proteger-te disso! Daí a forte expressão: **tu, porém** seguiste a mim (e não a um sedutor), tu, porém, persevera e não te deixes levar para longe da verdade revelada, da configuração da doutrina nos escritos soprados por Deus. Eles lançaram o alicerce em teu íntimo. O que eu te trouxe não é em nada diferente do que anunciam as escrituras. Examina pela Escritura a vida e doutrina em mim e em ti. Assim como foste exortado no começo a permanecer na fé, perseverando em todas as aflições, assim persiste agora nas Sagradas Escrituras e não te deixes arrastar para fábulas não-santas e vazias, lendas, especulações, discussões. Pela força da dádiva recebida (2Tm 1.6) conserva o que te foi confiado no Espírito (2Tm 1.7,14), na graça (2Tm 2.1), em Cristo (2Tm 2.8), na preservação diante de Deus (2Tm 2.15), sobre chão firme (2Tm 2.19), na purificação contínua (2Tm 2.21), na comunhão (2Tm 2.22).

Ao contrário daqueles que sempre aprendem e apesar disso nunca chegam à certeza, não crescendo na fé, Timóteo aprendeu e chegou à convicção na verdade, que se concretiza em sua vida.

Aprendeu como aluno de Paulo, mas cresceu além da relação aluno-mestre e chegou à certeza pessoal. Não crê mais somente por que, e em que, Paulo crê. Assim como Paulo ele é capaz de dizer: eu sei em quem tenho crido (2Tm 1.12). **Sabes de quem aprendeste.** Porventura se trata aqui do conteúdo do evangelho *somente*? Ou também do Mediador? Quem pensa encontrar aqui uma contradição ou deturpação do original desconhece a unidade de vivência e doutrina. Paulo confessa: eu sei em quem cri. Os falsos mestres são tão sedutores pelo fato de utilizarem as mesmas palavras e frases, podendo despercebidamente virá-las do avesso, seja através de espertos deslocamentos de ênfase, seja por omissões ou acréscimos. Palavras corretas podem ser falsificadas pela interpretação de uma vida falsa! Por isso a ligação entre pessoa e causa, conteúdo e forma, vivência e ensinamento. Insistente é a exortação: tens uma sólida base, porque sabes de quem aprendeste, desde a infância, a palavra da verdade de Deus, sim, sabes de quem (no plural, ou seja, estão incluídos os antepassados de 2Tm 1.6 com Paulo, quando não também outros mestres). Sabes disso, e não obstante corres o perigo de te afastar da perseverança, talvez com pequenos passos, aos poucos, por fraqueza ou curiosidade. Notemos a diferença: “Tu me seguiste” – isso é uma constatação, quando não igualmente uma confirmação, e até mesmo um elogio à fidelidade. No entanto: “Tu, porém, permanece” é um desafio, não sem conotação de advertência, razão das constantes aparentes interrupções, as breves referências a exemplos de advertência.

15 E porque desde a infância estás familiarizado com as sagradas escrituras, que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé que há no Messias Jesus.

Desde a infância: em casa e na sinagoga as crianças eram educadas desde os 5 anos de idade a ler os escritos do AT; desde tenra infância: Lc 2.12,16; 18.15; At 7.19; 1Pe 2.2.

As Sagradas Escrituras: *ta hierá grámmata*, plural, abundantemente documentado no AT. Para Paulo trata-se de uma forma incomum, porque em geral ele emprega o singular. Em Rm 1.2: *en graphais hagiais*, Deus falou através dos profetas mediante as *palavras escritas*. A expressão “Sagrada Escrituras” permite inferir o uso dos livros do AT no culto cristão; cf. Lc 4.16-22.

Estás familiarizado: estás a par delas, tu as conheces. Aos judeus foram confiados os oráculos de Deus (Rm 3.2).

Que podem (são capazes, poderosas): *ta dynámena* indica por que, afinal, as Sagradas Escrituras são citadas aqui. Têm efeito **dinâmico**, têm “o poder da salvação” (Rm 1.16); cf. Hb 4.12: *energes* (energia). As declarações de Deus anotadas desde a antiguidade possuem poder na atualidade para conduzir uma pessoa à única sabedoria necessária que descerra a salvação de Deus.

Tornar-te sábio: são capazes de te encher de sabedoria para a redenção mediante a fé. Contrasta com os hereges que se vangloriam de sua sabedoria (1Tm 1.7; 4.3; 6.20s; 2Tm 4.3s). O testemunho do Senhor torna sábio: Sl 19.7; 119.98. A LXX usa o mesmo verbo daqui. No NT: sabedoria é conhecimento sobre Deus produzido pelo Espírito. At 6.3,10; 1Co 1.24,30; 2.6; Ef 1.8,19; 3.10; Tg 1.5; 3.13,15.

Para a salvação: a bela expressão “bem-aventurança” utilizada por Lutero induz a pensar somente no mundo transcendente. A salvação é abrangente para o mundo imanente e transcendente. *Soteria*: termo freqüente em Paulo (Rm 11.11; Fp 1.19; 2.12). O Messias como cumprimento do AT: Lc 24.27,32,44; Jo 5.39,46; At 3.18,24; 7.52; 10.43; 1Pe 1.10. Sabedoria é sabedoria de salvação, gerada pelo Espírito Santo, assim como verdade é uma verdade redentora. Não nos deparamos aqui com um conhecimento intelectualizado acerca da Sagrada Escritura. Isso é explicitado pela dupla referência da sabedoria

1. *para a salvação,*
2. *pela fé.*

Pela fé: conteúdo idêntico a Rm 1.16, algo característico de Paulo. Não é a simples leitura e o aprendizado que gera salvação. Quando a pessoa não chega à fé a Escritura deixou de atingir seu alvo. O louvor do AT, que conduz à fé no Messias, é típico para Paulo.

Que há no Messias Jesus: 1Tm 3.13. O objetivo final do mandamento do AT propriamente dito é amor de coração puro, consciência limpa e fé não-fingida. A fé no Messias Jesus, produzida pelo Espírito, como Salvador e Renovador da vida, posicionado enfaticamente no final: o alvo da Sagrada Escritura, de sua instrução, de sua sabedoria condutora à fé, de sua salvação é o Messias Jesus Cristo.

16 Toda a Escritura é infundida pelo Espírito de Deus e útil para a doutrina, arguição, restauração, educação na justiça. A utilidade quádrupla das Sagradas Escrituras justifica por que e até que ponto elas são capazes de tornar sábio para a salvação: possuem essa capacidade (cf. v. 15: *ta*

dynámena), essa dinâmica divina, porque surgiram do Espírito de Deus e são utilizadas pelo mesmo Espírito. Analisemos inicialmente cada expressão em separado:

Toda: *pasa* pode significar cada, todas, totalmente; Rm 11.26: todo o Israel; At 2.36; Ef 3.15: toda geração; Cl 4.12: em tudo. Por isso parafraseamos: Toda a Escritura, vista em cada parte específica e ao mesmo tempo: cada passagem individual da Escritura como parte de um todo (como em Ef 2.21: a construção toda é encaixada pelas diversas partes). Cf. 1Co 12.12s: aquilo que se afirma do corpo de Cristo vale também para o corpo da palavra: porque assim como a Escritura é apenas uma e apesar disso possui muitas passagens, e todas as passagens, embora muitas, formem um único corpo, assim também o Cristo. A esse respeito, cf. 2Tm 1.13: “A configuração (singular) de palavras salutares” (plural) – singular e plural mencionados juntos, o todo e as partes: como configuração da palavra gerada pelo Espírito.

Escritura: *graphé*, sem artigo, deveria levar à tradução de “toda passagem da Escritura”; contudo “Escritura” sem artigo definido também pode ter o sentido de “as Escrituras”; 1Pe 2.6: *en graphé* deve ser traduzido pelo sentido: por isso consta na Escritura a seguinte passagem; 2Pe 1.20: *hoti pasa propheteia graphes*: “nenhuma única profecia da Escritura (toda)”.

No entanto, o uso do NT referente ao AT: “a Escritura diz” também pode significar passagem bíblica, qualquer texto da Bíblia, um dito de Deus (Jo 19.36s; 20.9; At 1.16; 8.32; Rm 16.26; 1Pe 2.6). Logo as duas palavras *pasa* e *graphé* têm em comum que servem para designar tanto o todo por cada passagem específica que o constitui, como mostrar o todo como a totalidade de suas partes. Holtz traduz: “Cada passagem da Bíblia é inspirada pelo Espírito de Deus e útil para o ensino” (p. 186). Nossa tradução, porém, visa deixar conscientemente aberto e suspenso esse sentido duplo: tanto a Escritura como um todo quanto também cada passagem da Bíblia. Cf. 1Tm 5.18! Os textos do apóstolo não podem ser excluídos do que é testemunhado em 2Tm 3.16. Quase todos os escritos do NT já existiam na época em que foi escrita 2Tm, a última carta do apóstolo. Sua mais antiga carta deixa transparecer que Paulo está consciente de que escreve por incumbência de Deus: 1Ts 5.27; 1.5; 2.13; 5.20; 2Tm 2.2; 3.14; cf. 2Pe 3.15s, onde as cartas de Paulo já são equiparadas às demais Escrituras Sagradas, i. é, ao AT.

(É) infundida pelo Espírito de Deus. No grego falta o verbo de ligação (é), o que acarreta certa insegurança para a tradução. Contudo é algo que ocorre nas past: 1Tm 1.8,15, ambas as vezes sem verbo de ligação. *Theopneustos* (ocorrência única): composto de *theós* = Deus e *pneustos* = soprado (de *pneuma* = o espírito), ou seja: soprada por Deus. A palavra “inspirada”, proveniente do latim, igualmente contém a referência ao espírito (em latim: *spiritus*), o que pode se perder com “infundida”, razão pela qual é necessário explicitar: “infundida pelo Espírito”. Toda Escritura é infundida pelo Espírito, gerada pelo Espírito. Essa compreensão da inspiração divina das Sagradas Escrituras não se diferencia de testemunhos do AT. Ainda que o termo ocorra somente aqui, o assunto por ele designado pode ser encontrado constantemente em Paulo, porque embasa sua compreensão da Escritura, Rm 1.17; 3.4,10; 8.36; 1Co 9.9.

Útil: 1Tm 4.8; Tt 3.8s. A Escritura é útil, pode ser usada para uma tarefa, desdobrada em quatro passos. Como devem ser combinadas, pois, as palavras “toda a Escritura”, “soprada por Deus” e “útil”? Isso depende em parte do entendimento da palavra grega *kai*, que pode ser traduzida por “e” ou por “também”. Decidimos usar “e”, em analogia a 1Tm 4.4: tudo o que foi criado por Deus é bom e útil. Ali duas afirmações sobre o que foi criado por Deus são expressas e combinadas entre si. Dessa maneira decidimos ao mesmo tempo como devemos relacionar *theopneustos*: não como um adjetivo que descreve a Escritura: “Escritura soprada por Deus”, mas como predicado, i. é, como primeira afirmação sobre a Escritura: ela é (1º) soprada por Deus e (2º) útil. Na realidade não é útil nem necessário discutir em torno de palavras, porque em termos gramaticais é perfeitamente possível traduzir o termo *theopneustos* como adjetivo, a saber, por “Escritura soprada por Deus”. Mas, nesse caso, o que será feito do *kai*? Verifiquemos como 1Tm 4.4 soaria nesse caso: toda boa criatura também não deve ser rejeitada (para 1Tm 4.4, cf. também 1Tm 1.8,15). Uma vez que tanto para Paulo quanto para Timóteo o AT deixava claro que cada escrito é inspirado, o uso como adjetivo resultaria ao mesmo tempo em uma tautologia, i. é, a mesma coisa seria afirmada duas vezes: cada escrito inspirado soprado por Deus. Se, porém, Paulo e Timóteo sabem disso, por terem sido instruídos nessas Sagradas Escrituras desde criança, por que então o apóstolo escreve a respeito? Ele refresca a memória de Timóteo a respeito daquilo que este já sabe, porque em vista dos hereges que já existem e ainda virão ele agora precisa apreender e despertar de forma renovada no coração e na

lembração por que razão a sã doutrina não parece mais tolerável e aceitável – hoje se diria: não mais “constrangível”! –, mas porque um sem-número de novos mestres introduzem e levantam novas doutrinas e escritos (2Tm 4.3s).

A afirmação de que a Bíblia é inspirada significa que ela une Espírito e letra, justamente porque o Espírito de Deus a produziu por meio dos profetas (e apóstolos). Cada dito de Deus anotado é soprado por Deus e por isso revestido de autoridade para a igreja. Os “autores” bíblicos não foram arbitrariamente inspirados por suas concepções, desejos e paixões, muito menos pelo pai da mentira (como os falsos mestres em 2Tm 2.26; 3.13; 4.4; Jo 8.44; 2Co 11.13-15), mas movidos pelo Santo Espírito de Deus (2Pe 1.21). A vontade de Deus, e não a vontade das pessoas precedeu cada escrito que é chamado santo. Wilckens diz sobre 2Pe 2.21: “A concepção da infusão divina era amplamente difundida na Antigüidade, sendo usada no judaísmo tardio também como explicação para a autoridade divina do AT.” Com esse tipo de explicações (adoção de concepções amplamente difundidas), porém, de forma alguma se explicou o que é decisivo: tanto no âmbito do AT como do NT surgiram verdadeiros e falsos profetas. A afirmação de que o Espírito Santo infundiu a Escritura não passará de uma declaração formal se não explicitar que exatamente esse Espírito confirma a Escritura como vinda de Deus nos seres humanos que se submetem à sua reivindicação de ser palavra e autoridade de Deus. Exatamente esse é também o sentido da passagem sob análise, 2Tm 3.16: como você poderá avaliar se meu evangelho é palavra de Deus? Confira-o a partir do efeito que ela exerceu sobre você e sobre mim, como ela nos trouxe a redenção em Cristo pela fé, quando a palavra de Deus nos argüiu, nos corrigiu e nos educou na graça. Ao utilizar a Sagrada Escritura desse modo, você reconhecerá como Deus se compromete com sua palavra. Mas não se envolva em contendas verbais! O Espírito Santo, que concedeu a Escritura pelos lábios de profetas, fará uso precisamente dessa Escritura para convencer a respeito de doutrina e vivência errôneas.

Por ser dada pelo Espírito, a Escritura possui “validade permanente e eficácia constantemente nova” (Schlatter, p. 259).

Freqüentemente se ataca a inspiração da Escritura Sagrada recorrendo a teorias insustentáveis e demonstrando sua impossibilidade. Filo de Alexandria já disseminara a opinião de que a atividade intelectual humana seria desligada no processo da inspiração em favor do Espírito divino no profeta. Platão também já dizia isto, porém em lugar algum isto está presente no AT, porque seria uma concepção dualista-mecanicista, típica para o pensamento helenista, mas não para o bíblico, que possui uma concepção integralmente histórica e conseqüentemente “orgânica” do agir de Deus em e com seres humanos. A partir disso é preciso expressar de forma integral a confissão da fé sobre a Sagrada Escritura: cremos que o Espírito de Deus foi atuante em todo o processo de surgimento da Bíblia, incluindo nisso o trabalho de redação com as fontes, a forma final de cada livro e finalmente também a constituição histórica do cânon. Sem dúvida, a Bíblia se formou historicamente, mas sua história é história específica de Deus com e por intermédio de pessoas. A Bíblia, realmente escrita e concretizada pelo Espírito de Deus por meio de pessoas reais, certamente é comparável a todos os demais livros escritos e não obstante se distingue deles do mesmo modo como Jesus, verdadeiro Deus e verdadeiro ser humano, realmente é comparável a todas as pessoas, mas ao mesmo tempo se diferencia fundamentalmente de todas elas. A escritura una da antiga e nova aliança proclama o único Mediador para todos os seres humanos.

1. **Útil para o ensino** (*didaskalia*, cf. o uso terminológico na pedagogia; didática): aparece em primeiro lugar, como no v. 10; cf. 1Tm 5.20; Tt 1.9-13; 2.15. É possível que nas past a doutrina receba uma ênfase peculiar porque a heresia se alastra, porém em todo o NT – e não apenas nas past – a doutrina sempre aparece no começo, porque é o fundamento da nova vida. At 2.42: perseveraram na doutrina dos apóstolos; cf. 2Tm 3.14: tu, porém, persevera... na Escritura; Ef 2.20: construído sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo o Messias Jesus a pedra angular.

O que significa “doutrina”? Ela transmite entendimento para a ligação do agir divino e da instrução divina. A Escritura em si não é doutrina, mas é *útil para a doutrina*. Precisamente esse é o serviço da palavra, no qual um obreiro precisa ser aprovado perante Deus, distribuindo corretamente a palavra da verdade, interpretando-a no contexto da revelação divina. A partir disso a tarefa principal da teologia deve ser considerada serviço à palavra. Porém a doutrina sozinha, sem a vida correspondente não pode permanecer na correlação correta. Por essa razão a ortodoxia sozinha não basta, porque a doutrina correta precisa ser capaz de convencer da injustiça. A verdade precisa ser evidenciada à consciência pelo fato de desmascarar toda a inverdade.

2. **Argüição** (*elegmos*): única ocorrência no NT; revelação tanto da culpa como da verdade. O verbo (*elencho*) aparece em Tt 1.9,13, rendendo o mesmo contexto de forma mais detalhada: “exortar pelo reto ensino como para convencer os que o contradizem.” Isso pode valer tanto para falsos mestres como para membros da igreja. Tg 2.9; Ef 5.11,13; Mt 18.15: chamar para dialogar face a face; 1Tm 5.20: argüir e corrigir na presença de todos aqueles que pecam; 1Co 14.24: onde existe discurso inspirado, onde o Espírito fala em relação a situações concretas em virtude de uma profecia, um ser humano é argüido por todos (nos quais o Espírito atua), é sondado por todos, de modo que se prostre e adore a Deus – como expressão de que foi convencido, curvando-se perante Deus.

Reconhece e confessa: eu sou assim, sua palavra sobre mim é verdadeira. Cf. Jo 16.8-11: o Espírito Santo convencerá de pecado, justiça e juízo. Sl 38.13-18: a confissão de uma pessoa que foi argüida.

Quem é argüido a respeito da veracidade de sua culpa fica envergonhado. Mas argüir não significa deixar uma pessoa no meio de sua vergonha, mas conduzi-la à confissão, i. é, ao reconhecimento dos pecados perante Deus e então lhe transmitir a certeza do perdão de Deus, como fez o profeta Natã com Davi. Esse é o paradigma de uma argüição profética com base na orientação de Deus (ou da Escritura). Levar para além do arrependimento até a confissão: esse é o primeiro passo da restauração.

3. **Restauração** (*epanórtosis*, ocorrência única), correção = mostrar novamente o caminho correto que foi abandonado, *conduzir de volta* o pecador. Quem conduz muitos de volta à vida em justiça é sábio, salva pessoas da morte. O arrependido deve ser reerguido. Foi interpelado no caminho errado, convencido de seu agir errôneo (item 2). Agora deve ser levado de volta ao caminho certo (item 3). A restauração é um ato de compaixão, enquanto a argüição pode acontecer de forma resoluto, e até mesmo com rigor, embora rigor nunca seja o mesmo que dureza. Basta recordar o discurso de acusação de Estêvão, cujo rosto na ocasião reluzia como o de um anjo e que na oração intervinha em favor daqueles que o apedrejavam e a quem ele tentara argüir. O ranger de dentes revela o bloqueio deles, o semblante e o pedido de perdão dele manifestam sua abertura. Além do mais esse discurso evidencia a gravidade da situação, também para as past. Também a testemunha, e justamente ela, por meio da qual o Espírito Santo convence corações e consciências com base na Escritura, pode e há de ser alvo de perseguição e oposição até o martírio, quando as pessoas se tornam empedernidas.

Caso exemplar de restauração maravilhosa após a queda, bem como das lágrimas de auto-humilhação, é o diálogo do Senhor com seu discípulo que o negou três vezes.

4. **Educação na justiça** (*paideia*; pedagogia!), na verdade fácil de traduzir pela palavra “treino”, hoje recorrente. Outro termo do mundo dos desportos: condicionar fisicamente. Cf. 2Tm 2.22; Tt 2.11-14: a graça de Deus educa! Não será o rigor severo que protegerá contra caminhos antigos e descaminhos, mas o paciente estímulo firmará os pés no novo caminho. *Paideia* representa a formação do ser humano tanto na vida exterior como na interior. Treinar em direção do aperfeiçoamento, mas não sob a lei, e sim sob a graça.

Ef 6.4: educar os filhos na disciplina e exortação do Senhor. Para refutar, no caso da palavra “educação”, o mero esforço e entendimento filosófico-pedagógico consta aqui: educação *na justiça*: configuração, hominização do ser humano, com a finalidade de constituir um ser humano de Deus (v. 17), cuja condição humana está enraizada na justiça de Deus, bem como no fato de que Deus declara justo e torna justo. 1Tm 6.11: tu, porém, ser humano de Deus... corre atrás da justiça.

17 Para que o ser humano de Deus seja plenamente preparado e perfeitamente equipado para toda boa obra. A *palavra de Deus* demonstra seu poder inspirado e sua utilidade pelo fato de gerar o *ser humano de Deus*. O ser humano de Deus é de modo especial o mestre da verdade. Já no AT “ser humano de Deus” **representa** um título preponderante para o profeta, a pessoa que profere os oráculos de Deus. Porém todos os crentes devem crescer até a maturidade plena da idade adulta em Cristo. O uso múltiplo da Sagrada Escritura visa à maturidade espiritual em Cristo. Wilckens traduz assim: “Dessa forma o ser humano de Deus em nós deve ser plenamente desenvolvido.” Cristo deve ser configurado em nós.

O alvo não é simplesmente a perfeição humana ou cristã, que se possa admirar, não é a devota finalidade egoísta, que seria apenas uma deformação do egoísmo (2Tm 3.2), mas a ação do amor por amor. Cf. Cl 1.28s: “A ele **anunciamos, corrigindo** a toda pessoa e **instruindo** a todo ser humano em toda a sabedoria, a fim de **apresentarmos** toda pessoa espiritualmente madura em Cristo; na comunhão de vida com Cristo”.

Preparado (*artios*): completo, em inglês: *efficient*. Wilckens: “de modo que se torne capaz em todos os sentidos para praticar o bem.”

Para toda boa obra, cf. 2Tm 2.21: o nexó interior está claro. Como Timóteo pode se purificar, de sorte que se torne útil para o dono da casa? O bloco de 2Tm 3.10-17 lhe mostra isso nitidamente. Cf. 1Tm 5.10; Tt 3.1.

Equipado (*exartizo*): enfatiza e sublinha a mesma idéia. Um navio é equipado com todas as coisas necessárias e preparado para zarpar; como Tt 2.11-14 afirma a respeito de todo o povo de Deus. “Não recordação morta de algo aprendido no passado, mas um perseverar na escola de Deus, uma presença sob a ação do Espírito, que se torna atualidade e realidade em cada passagem da Escritura” (Brandt, p. 140). É isso que perfaz o ser humano de Deus.

Esse alvo final do ser humano de Deus não deve em absoluto ser entendido de modo superficial e inexpressivo, como a atitude banal e frouxa de ser gentil e útil para com todas as pessoas. O bloco subsequente mostra com seriedade máxima a profundidade e o alcance do serviço a ser prestado por Timóteo (2Tm 4.5).

É verdade, a referência à importância da Sagrada Escritura em si já aponta para o grave pano de fundo da perseguição iminente e talvez já incipiente: Diocleciano mandará perseguir os cristãos porque a igreja destruiria a unidade do império. Nas Sagradas Escrituras reconhece-se um dos principais sustentáculos do cristianismo. Por isso ele exige a entrega de todos os livros sagrados, levando-os à incineração pública. Esse decreto foi reforçado mais tarde. Destruíam-se as casas em que se descobriam Sagradas Escrituras escondidas. O número de Bíblias já é grande naquela época. Também são lidas pelos adversários. O diácono Euplósio de Catania na Sicília é surpreendido na leitura dos evangelhos. Precisa comparecer perante o juiz com seus preciosos escritos. Ele manda que os evangelhos lhe sejam pendurados ao pescoço (como um amuleto, para escárnio) e que seja assim decapitado.

Portanto a menção das Escrituras Sagradas não representa um sinal de solidificação e enrijecimento de uma fé originalmente avivada pelo Espírito, mas pelo contrário uma nova referência à perseguição e ao martírio por amor daquele que é revelado pelas Escrituras.

c) Realizar fielmente o serviço – 2Tm 4.1-5

1 – Conjuuro-te, perante Deus e Cristo Jesus, que há de julgar vivos e mortos, pela sua manifestação e pelo seu reino:

2 – prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina.

3 – Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos;

4 – e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas.

5 – Tu, porém, sê sóbrio em todas as coisas, suporta as aflições, faze o trabalho de um evangelista, cumpre cabalmente o teu ministério.

A última exortação do apóstolo está marcada pela total gravidade de seu próprio tempo, definitivamente final, bem como pelo impacto daquilo que ele escreveu acerca “dos últimos dias”. O ser humano de Deus, educado para a justiça, deve ser capaz de comparecer perante o Juiz de todos sem se envergonhar. Isso será possível quando Timóteo executar e consumir sua tarefa de proclamação sem arrefecer e sem temer sofrimentos.

- 1** Mais uma vez Paulo o coloca diante do semblante divino, longe de todos os veredictos humanos. Você está diante de Deus e do Messias, o Juiz de todos, devendo prestação de contas a ele. O que pessoas afirmam sobre você não terá importância no dia do juízo final, motivo pelo qual você deve libertar-se disso desde já, a fim de poder cumprir livremente sua tarefa, inclusive quando ela acarretar sofrimento e perseguição. “Eles, porém, hão de prestar contas àquele que é competente para julgar vivos e mortos”. Provavelmente se trata aqui de uma fórmula já existente, tirada de uma confissão batismal. Justamente essas palavras, porém, foram escolhidas por Paulo porque nessa última carta ele vê a si mesmo e seu colaborador colocados com sagrada urgência diante daquele que trouxe e trará a decisão entre morte e vida.

Ao contrário de 1Tm 5.21, falta na presente palavra de advertência, de resto tão idêntica, a referência aos “anjos eleitos”. Paulo não emprega essa fórmula de maneira mecânica. Agora o que

está diante dos olhos é o Juiz. Jesus como Messias é o Juiz que Deus destinou para julgar todo o orbe terrestre com justiça – para Paulo, isso constitui o acervo integral do evangelho e de sua proclamação.

Tão certo como ele se manifestará e inaugurará o reino. Literalmente “em sua manifestação” (como em Tt 2.13) “e em seu reino”: Paulo pensa de forma muito pessoal na proximidade desse reino (v. 18, cf. 2Ts 1.5). Caso “manifestação” e “reino” sejam considerados como outras partes da fórmula, a idéia deve ser entendida assim: seu retorno futuro para o juízo, bem como sua concretização futura do reinado de Deus, atua desde já como esperança viva para o presente, por isso ela constitui desde já o fundamento da certeza e o reforço da exortação dirigida a Timóteo. Na expectativa convicta da volta, do juízo e do senhorio do Messias, Timóteo não precisa desanimar de seu ministério nem retroceder diante dos renitentes, pelo contrário: deve “atacar” no Espírito de poder, amor e disciplina.

Proclama a palavra, empenha-te por ela, quer seja oportuno, quer não, argúi, repreende, exorta com toda a longanimidade e ensinamento.

Proclama: na realidade “exclamar como arauto”, a tarefa central para Paulo. Aqui um breve imperativo. Emite-se uma última ordem, restrita ao mais premente e necessário.

A palavra: a palavra de Deus, que não está algemada, mas cuja eficácia tampouco deve ser tolhida pela infidelidade e injustiça. Ela precisa correr, precisa poder ser falada e ouvida. Não há nada mais urgente que isso (2Tm 2.9).

- 2 **Empenha-te por ela** (*epistethi*): estar à mão. Estar preparado é tudo. Esteja inteiramente disponível, presente, alerta. Agarra todas as oportunidades, pareçam elas propícias ou não. Obviamente vale também em toda essa premência: não entreguem aos cães o que é santo (Mt 7.6).

Quer seja oportuno, quer não (*eukairos akairos*): nenhuma circunstância deve te impedir ou influenciar. *Opportune – importune* (latim), traduz a Vulgata. Comparemos com um exemplo mais corriqueiro: *nolens – volens* (bem ou mal). O *kairós* precisa ser percebido e agarrado, remido e aproveitado, não no sentido do bordão “tempo é dinheiro”, mas tempo é salvação, é tempo salvífico para a decisão. O dia da salvação é oferta suprema e última antes do dia do juízo, uma oferta que irrompe (Ef 5.16). A exortação também poderia ter um sentido muito pessoal: anuncia, até mesmo quando pessoalmente não estás propício para isso. Caem na vista a frequência e urgência da exortação a Timóteo. Será que ele enfrentava uma aflitiva crise? Porventura o cristianismo não corre também hoje o perigo de negligenciar o *ato* fundamental e *único* da proclamação? A pregação correta é uma ação! Somente ela traz motivação (causa motora) e objetivo a todo fazer e deixar de fazer, a todas as boas obras, para que se tornem ações a partir da salvação recebida para a honra de Deus. Não lamentar a dificuldade da pregação e igrejas vazias, mas entregar a mensagem com clareza e autoridade! Não se desviar constantemente para novos planos de ação, mas anunciar a palavra de Deus. Não conduzir contendas verbais e discussões teológicas, mas testemunhar o evangelho. Permanecer na palavra e transmitir a partir da palavra a boa notícia: isso é a primeira coisa, que na realidade não exclui nem substitui uma segunda e terceira, mas sem a qual todo o resto não tem chão firme sob os pés. Crisóstomo oferece o seguinte comentário sobre a passagem: “A fonte jorra sempre, até mesmo quando ninguém vem beber, é assim também com a palavra de Deus!” – Da mesma maneira o servo da palavra deveria jorrar. A premência da mensagem não se torna compreensível quando a consideramos apenas ensinamento moral, comentário para os eventos mundiais, explicação de um versículo bíblico. Proclamar significa desenhar o Cristo, o Crucificado, para os outros, significa oferecer Cristo na demonstração de Espírito e de poder, significa exclamar, colocá-lo diante do coração e da consciência dos ouvintes, para que se voltem para ele e invoquem seu nome. A “corrente da salvação” possui cinco elos, não apenas quatro: enviar, anunciar, ouvir, crer, *invocar!* (Rm 10.14s). Não se deve estacionar na fé em frases ouvidas, e sim chegar à invocação do Redentor.

Argúi (*elencho*): como em 2Tm 3.16!; 1Tm 5.20; Tt 1.9,13; 2.15. Convencer os que contradizem; trazer à luz os pecados; revelar um erro. A proclamação, sendo profética, desvendará de maneira concreta: tu és a pessoa!

Repreende (*epitimaō*): castigar, criticar; 2Co 2.6!; cf. Lc 17.3. Quando teu irmão pecar, corrige-o, e quando se arrepender, perdoa-lhe: Mt 18.15; Lc 23.40; Jd 9. Como fez Paulo com o impuro em Corinto: 1Co 5.1-8,13; 2Co 3.5-11. Como fez Natã com Davi: 2Sm 13.1-15.

Exorta (*parakaleō*), possui sentido múltiplo: originalmente chamar para perto, buscar para auxílio; depois rogar, solicitar, aconselhar, convidar, consolar; aqui é provável que predomine:

exortar (com severidade) e animar (com bondade); como em 1Ts 2.7-12; também 2Tm 4.8; 1Tm 2.1; 5.1; 6.2. Paulo declara aos anciãos em Éfeso: “Vigiai, pois, lembrando-vos de que, noite e dia, durante três anos, eu não cessei, com lágrimas, de admoestar a cada um de vós” (At 20.31 [TEB]). Portanto, faz parte da proclamação geral e pública o cuidado pastoral individual (argüir, corrigir, exortar), seja a dois, seja no pequeno grupo.

Com toda a longanimidade: como em Cl 1.11; cf. 2Tm 2.24! Deve realmente argüir e exortar, não com dureza, porém afetuosamente e com brandura, assim como Paulo exortou com lágrimas, tão insistentemente, sem ce-der, visando o melhor para a outra pessoa. 2Tm 3.10; 1Tm 1.16; 1Co 13.7: o amor, que suporta tudo, cf. 2Co 6.1-10.

E ensinamento. Em tudo é fundamental a instrução. Quem deseja exortar sem fornecer instrução deixa de atacar a raiz do erro. Mas a instrução ainda não basta. Acrescenta-se o “treinamento” na fé (2Tm 3.16). A necessária e perseverante correção e a mudança de rumo têm de ser exercitadas com base no permanente ensinamento. Pode-se combinar longanimidade com instrução em “instrução perseverante”. É assim que traduz Wilckens: “Argüi as pessoas, fala-lhes à consciência e exorta-as com instrução infinitamente paciente.” Uma vez que entre os pregadores freqüentemente falta a exortação fraternal mútua, muitos caem na rotina ou na resignação. A crise da pregação é uma crise dos pregadores; a mesma coisa vale para missionários e todos os servidores nas igrejas. Por isso a exortação de Paulo a Timóteo é tão atual nos dias de hoje quanto no passado: cuida de ti mesmo, da doutrina, corre atrás da justiça com todos que invocam o Senhor de coração puro.

3-4 Porque virão tempos em que não suportarão a sã doutrina, pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo seu próprio bel-prazer, para que lhes façam coceira nos ouvidos, mas se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas.

Por que não suportam a doutrina, visto que é salutar? A doutrina não confirma o que eles já sabem e são. A palavra de Deus os questiona.

O servo obediente à palavra desmascara, corrige, aconselha. Outros não desejam esse serviço profético, porque lhes é muito incômodo. Desejam a religião, desejam atendimento religioso, porém não querem ser convocados ao arrependimento, à justiça e ao agir prático por amor. Os próprios profetas do AT sabiam contar a respeito da atitude consumista dos ouvintes: “Quanto a você, filho do homem, seus compatriotas estão conversando sobre você junto aos muros e às portas das casas, dizendo uns aos outros: ‘Venham ouvir a mensagem que veio da parte do Senhor.’ O meu povo vem a você como costuma fazer, e se assenta para ouvir as suas palavras, mas não as põe em prática. Com a boca expressam devoção, mas seu coração está ávido de ganhos injustos. De fato, para eles você não é nada mais que um cantor que entoia cânticos de amor com uma bela voz e que sabe tocar um instrumento, pois eles ouvem as suas palavras, mas não as põem em prática [NVI].” A mensagem ouvida não penetra no coração, tão-somente deve adular os ouvidos. São dominados por um apetite prazeroso de novas teorias. Desejam comer e ouvir coisas picantes. As cócegas no paladar são muito próximas das cócegas nos ouvidos. A curiosidade sensitiva está mais estreitamente ligada à curiosidade pelo saber (religioso e outro) do que comumente se pensa. Da atenção franca à palavra surge a fé, razão pela qual a proclamação do evangelho não pode ser substituída por nada. Portanto, não pares de anunciar, ainda que saiam correndo e se voltem para conversas vazias e especulações inteligentes.

5 Tu, porém, sê sóbrio em tudo, suporta a mal que te afligir, realiza a obra de um evangelista, cumpre cabalmente teu serviço. Consta aqui pela última vez o “tu, porém” (1Tm 6.11; 2Tm 3.10,14).

Sê sóbrio em tudo: como em 1Ts 5.6-11; trata-se da sobriedade de quem acordou do sono e da embriaguez, que se vê posicionado na luz e espera pe-lo Senhor vindouro. Fica totalmente acordado e com presença de espírito. Não te deixes arrastar por especulações divagadoras do pensamento nem por paixões na vida. Igualmente: Rm 12.3. Sê sóbrio e sensato na avaliação da fé, das dádivas, da incumbência e das resistências. Preserva um discernimento lúcido. Não te deixes arrebatado em nenhum êxtase sentimental que embaça tua capacidade de discernir. Não caias em conversas tolas, vivemos em tempos difíceis.

Suporta o mal: padece com perseverança o que te sobrevém como sofrimento e perseguição, como servidor da palavra (à semelhança de 2Tm 2.3).

Realiza a obra de um evangelista: usado em At 21.8 para Filipe, para diferenciá-lo do apóstolo. Paulo tinha evangelistas como colaboradores, em parte a seu lado, em parte autônomos. Mais tarde

eles continuaram o trabalho missionário e supracongregacional. Em Ef 4.11 o evangelista aparece entre os apóstolos, profetas e pastores-mestres. – A expressão, da forma como é utilizada aqui por Paulo, depõe claramente em favor da autoria dele, nas circunstâncias pressupostas pela carta. Por isso faria pouco sentido indagar: seria Timóteo pastor, ou mestre, ou evangelista, ou profeta? O carisma da palavra pode fazer aflorar nele, em épocas distintas, aquilo que é necessário justamente naquela hora. O verdadeiro evangelista trabalha, serve, padece; não como os hereges, que evitam o sofrimento, desejando conquistar influência e dominar.

Cumpra cabalmente (*plero-phoreo*) **teu serviço** (*diakonia*): arrematar, ser levado ao aperfeiçoamento; forma passiva em Rm 4.21; 14.5; Cl 4.12. O mesmo termo é usado por Paulo para si próprio (2Tm 4.17). Parece impossível de ignorar a alusão à prontidão para o martírio.

Evangelistas atuam pela diaconia! Diáconos são evangelistas (At 12.25), são servos da palavra: diáconos do evangelho; cf. Cl 4.17: Dizei a Arquipo: “Atende ao ministério que recebeste no Senhor e esforça-te por cumpri-lo bem!” É precisamente isso que Paulo agora diz diretamente a seu colaborador no serviço do evangelho. Por isso também lhe escreveu tão exaustivamente: recebeste o serviço no Senhor, leva-o à consumação pela graça do Senhor.

C. O apóstolo chegou ao alvo – 2Tm 4.6-18

1. Sua corrida foi consumada – 2Tm 4.6-8

6 – Quanto a mim, estou sendo já oferecido por libação, e o tempo da minha partida é chegado.

7 – Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé.

8 – Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda.

Em estreita ligação, as últimas e insistentes palavras a Timóteo (2Tm 4.1s,5) são seguidas das últimas palavras do apóstolo sobre si mesmo: um legado resumido, sua confissão final, visando assim fortalecer seu colaborador mais íntimo. Timóteo, você ainda tem diante de si um prazo, breve ou longo. Aproveite-o ao máximo, complete seu serviço (v. 5). Eu, porém, cheguei ao alvo, meu tempo “agora” se cumpriu (v. 6). Cumpra cabalmente o seu serviço, eu pessoalmente terminei a corrida.

Ao compararmos as breves frases com os discursos de despedida do Senhor, reconhecemos o ponto em comum: disposição resoluto, e até mesmo alegre, para o último passo, certeza da vitória e da proximidade da glória eterna, consolo para os discípulos, confiando-lhes a “última coisa”: amem uns aos outros assim como eu os amei. Paulo: amem a manifestação dele (v. 8).

6 **Porque quanto a mim, estou sendo já derramado por libação.** Dessa forma tentamos traduzir a posição enfática do “eu” em contraste com o “tu” do v. 5. Derramado: exatamente como em Fp 2.17 (*spendomai*), lá ainda no futuro, mas aqui o acontecimento que levará ao martírio já começou, a sentença já foi promulgada. Optamos pela tradução literal, a fim de explicitar a ligação com Fp 2.17 e com o AT. Paulo pensa em categorias que lhe são familiares desde a juventude. A libação, feita de vinho forte, não era o sacrifício propriamente dito. Pelo contrário, era derramada sobre o animal a ser sacrificado. Paulo, portanto, entendia sua própria morte como oferenda derramada sobre o sacrifício da igreja e derramada no mais verdadeiro sentido sobre o holocausto [sacrifício total] do Messias Jesus. Quando se consideram essas correlações torna-se evidente que Paulo nunca abandonou ou alterou a mais profunda concepção de seu serviço como oferenda, mas somente a enfatizou cada vez mais até o último testemunho que possuímos dele, e – o que fala ainda mais alto – por fim a confirmou por meio da morte.

O tempo (*kairós*) **de minha partida é chegado** (*analysis*). Significado original: soltar um navio da terra firme; antes da partida derramava-se no mar uma libação; At 27.12s; também a atividade do soldado que retira os espeques da barraca, prestes a partir. A palavra igualmente é usada para descrever a morte, a dissolução. Paulo usa o verbo em Fp 1.23 (partir) no mesmo sentido que aqui. Dessa forma fica destacado, com nitidez ainda maior, o nexo com a libação. Lá ele fala da vontade de partir, aqui do amor pela manifestação dele. Ele há de “recebê-lo com amor no seu retorno” (Wilckens). Quem vive para o Senhor também morrerá para o Senhor.¹⁵² A declaração é direta e, não obstante, encoberta; clara e mesmo assim contida, sóbria e ao mesmo tempo repleta de profunda comoção. Sócrates morreu serenamente, consolando os amigos; ordenou que após sua morte fosse oferecido um sacrifício aos deuses. Paulo entende-se pessoalmente como libação derramada sobre o

sacrifício do corpo de seu Senhor, realizado de uma vez por todas. Para ele o que importa não é o término da vida, nem a compenetração antes da morte, mas a expectativa de que agora conhecerá “face a face” – sem sombras e sem enigmas, conhecerá integralmente como foi integralmente conhecido – no amor. Acabou a fragmentação, a plenitude o alcança: a morte foi engolida pela vitória. A Deus, porém, sejam dadas graças, que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo.

- 7 **Combati o bom combate.** Aquilo para o que Timóteo foi convocado (1Tm 6.12) foi cumprido pessoalmente pelo apóstolo e suportado até o vitorioso fim. Ele “proclamou o evangelho de Deus mediante grande luta”. Agora acabou a luta, esgotou-se a luta da vida, o bom combate chegou a bom fim. Ele lutou contra poderes sombrios da maldade, contra Satanás, contra vícios judaicos, cristãos e gentílicos, hipocrisia, violência, conflitos e imoralidades em Corinto, fanáticos e desleixados em Tessalônica, gnósticos helenistas judeus em Éfeso e Colossos, e não por último – no poder do Espírito Santo – o velho ser humano dentro de si mesmo, tribulações externas e temores internos. Acima de tudo e em tudo, porém, lutou em prol do evangelho, a grande luta de sua vida, seu bom combate.

Completei a corrida. A imagem do atleta competidor que alcançou a meta e por quem espera a coroa da vitória. Agora não cabe mencionar os in-contáveis obstáculos que ele certamente conhece e poderia enumerar, mas o final da corrida, a perseverança até o alvo. Nada pôde deter sua trajetória, por nada ele foi interrompido significativamente. Agora tampouco poderes mundanos destruirão sua vida de forma autocrática, ele é “prisioneiro do Senhor”. O que ele anunciou aos anciãos de Éfeso na despedida se cumpriu agora: “Todavia, não me importo, nem considero a minha vida de valor algum para mim mesmo, se tão-somente puder terminar a corrida e completar o ministério que o Senhor Jesus me confiou, de testemunhar o evangelho da graça de Deus.” Tu, Timóteo, cumpre cabalmente teu ministério, assim como eu agora concluí minha tarefa. Uma vida cumpriu seu propósito quando a tarefa foi reconhecida e concretizada e quando Deus é glorificado assim.

Guardei a fé. Será que se deve traduzir aqui com a frase que se tornou linguagem corrente “Guardei a fidelidade”? Sem dúvida tem-se em vista “a fidelidade até a morte”; é intencional a ligação com 2Tm 2.11-13; também a fidelidade do administrador, do qual se demanda prestação de contas no juízo; a aprovação do colaborador e sua paciência até o fim no trabalho penoso, quando os frutos estão maduros. Tudo está englobado, mas antes de tudo e em tudo vale uma só coisa: “Aqui se trata da perseverança dos santos, os que *guardam fielmente* os mandamentos de Deus e *a fé em Jesus*.” “Guardei a fé”, isso é o alfa e o ômega, origem e alvo daquele que por ocasião do primeiro aprisionamento confessou: Cristo é minha vida e morrer para mim é lucro. Poder crer até o fim, ser sustentado na fé em Jesus, receber constantemente essa fé renovada e aprofundada: essa é a graça máxima, dádiva imerecida, exaltação da fidelidade de Deus.

O soldado, o corredor, o administrador (agricultor) – todas as três metáforas que Paulo lançou a Timóteo para encorajá-lo, todas direcionadas para o fim dos tempos, cumpriram-se em Paulo. Essas declarações não são marcadas pelo enaltecimento próprio, mas pela gratidão e adoração àquele que o tornou forte na luta, que o conduziu à perfeição, que o presenteou com a fé e o preservou.

- 8 **Agora está preparada para mim a coroa da justiça, a qual o Senhor, reto juiz, me concederá naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos aguardam sua manifestação com amor.** Paulo testemunha para si mesmo o que anunciou a todas as igrejas: a certeza escatológica da fé, que não se alicerça sobre o que cada um conseguiu pelo esforço, mas sobre a preservação fiel de Deus e seu recompensar imerecido: o cumprimento da esperança agora já (!) está preparada para vós nos céus. Por isso alegrem-se (desde já) pelo fato de que os nomes de vocês estão registrados nos céus, e não tanto pelo fato de os demônios se submeterem a vocês. Agora, pois irrompe a alegria de Paulo! O prêmio da luta está preparado. Foi esse alvo que ele perseguiu. Teria ele almejado a sua coroa da glória, a sua recompensa no céu, de forma egoísta? A resposta é dada pelo próprio versículo. Quem recebe a coroa da vitória? Aquele que passou a amar a manifestação de seu Senhor. A recompensa do amor está nele mesmo, por isso não precisa buscar o que é seu, porque, esquecido de si e sem esperar, recebe o que é seu, vive no que é seu: no amor. “Meu prêmio é ter o privilégio de agir” (W. Löhe).

A coroa da justiça. Na Antigüidade a coroa era sinal da honra, da valorização, da recompensa do vencedor no esporte e na guerra, e também para os mortos, cujos túmulos eram enfeitados com coroas. No NT a coroa designa a justiça presenteada por Deus, a vida eterna. Como, porém, pode-se

evitar nesse contexto a idéia de honraria e recompensa? Como devemos traduzir o genitivo? Será que a justiça é a coroa, ou será que a coroa é o prêmio pela justiça? Presente imerecido e recompensa imerecida – ambas as afirmativas valem. Deus coroa todas as suas dádivas em nós com a coroa da justiça! Os juízes deste mundo (também os que condenaram o apóstolo) freqüentemente são injustos. Igualmente é sabido que os árbitros olímpicos não decidiram sempre com justiça, mas se deixaram subornar. Jesus, porém, é o **Juiz justo** que distribui corretamente a recompensa. Não é apenas nas past que Paulo designa e enfatiza as obras da fé como frutos, e que cada um receberá sua recompensa, *de acordo com o modo como agiu*. Também já explicitou antes nitidamente os parâmetros para o juízo de Deus. Contudo de forma igualmente decidida ele se pronunciou contra as obras da lei, realizadas para merecer a salvação. Na coroa de louros da justiça está entrelaçada a dádiva imerecida da justificação e da vida eterna com a recompensa imerecida *de acordo com* as obras da fé e do amor. Não nos enganemos: a virtude aparentemente superior que alega fazer o bem por causa do bem sem visar recompensa é uma concepção teórica de professores de virtudes. O ser humano que ama desinteressadamente a Deus e ao próximo, assim como ama a si mesmo, da mesma forma dará reconhecimento a Deus e ao próximo, da mesma maneira como reconhece a si mesmo e recebe reconhecimento de outros. O amor, que na verdade não busca a si mesmo e apesar disso recebe sua parte, experimenta o reconhecimento, ou seja, a recompensa por amor. “Quem é nossa esperança ou nossa alegria? Ou nossa coroa de glória? Não o sois também vós perante nosso Senhor Jesus por ocasião de sua volta? Sim, vós sois nossa glória, nossa alegria” (1Ts 2.19s). Essa é a melhor explicação do presente texto. Mas Paulo não olha para sua obra com a visão calculista da recompensa, ele escreve sobre a obra em vista do Juiz justo, na expectativa amorosa de sua vinda. Toda a recompensa é coroada e cumprida no fato de que Deus declara: “Eu sou tua grandíssima recompensa.” Paulo não pensa na singularidade de sua atuação, mas na solidariedade com todos os demais que como ele receberão a coroa. Escreve agora olhando para eles, para Timóteo em particular. O v. 7 não é a finalização, mas aponta para além de si até o retorno, esperado com amor, daquele que diz: “Eis que venho sem demora e comigo está o galardão.”

Nos primeiros cristãos ardia um forte anseio, uma poderosa saudade pela volta de seu Senhor. Sofriam com o fato de que ele era desonrado e desprezado em um mundo pelo qual sacrificou a vida. Ele lhes havia ensinado a orar, assim como pelo pão diário, assim em primeiríssimo lugar pela vinda de seu reino, a ter fome e sede por ele: “Venha o teu reino.” É justamente o que fazem agora exclamando: “*Maranatha!*” = “Nosso Senhor, venha”.

O pensamento da manifestação sem demora do Senhor faz a transição para a seção final, v. 9-22.

2. Timóteo deve vir com urgência – 2Tm 4.9-13

9 – Procura vir ter comigo depressa.

10 – Porque Demas, tendo amado o presente século, me abandonou e se foi para Tessalônica; Crescente foi para a Galácia, Tito, para a Dalmácia.

11 – Somente Lucas está comigo. Toma contigo Marcos e traze-o, pois me é útil para o ministério.

12 – Quanto a Tíquico, mandei-o até Éfeso.

13 – Quando vieres, traze a capa que deixei em Trôade, em casa de Carpo, bem como os livros, especialmente os pergaminhos.

9 **Apressa-te, para vir a mim em breve!** No aspecto humano, foi essa a finalidade da carta. Timóteo deve ser fortalecido para sua penosa viagem até onde Paulo está. Nada deve retardar sua vinda. Apressa-te, vem ainda antes da chegada do inverno (v. 21)! A carta começou com a expressão de um anseio ardente: quero rever-te. Chega ao fim com o insistente e reiterado pedido: Vem em breve, apressa-te, vem antes do inverno. Paulo acaba de proferir palavras de certeza de vitória para si, para Timóteo, para o evangelho, para a vinda do Senhor e de seu reino. Agora ele pede por comunhão com o filho amado. Sofre com sua solidão. Em Paulo júbilo e dor muitas vezes parecem atuar lado a lado, sem mediação. A verdadeira humanidade desse homem se expressa de forma comovente no insistente pedido: Vem o quanto antes até mim! As observações subseqüentes de Paulo visam sublinhar a premência do pedido:

10 **Porque Demas me deixou por ter amado o presente século e viajou para Tessalônica.** Como Lucas, Demas era um colaborador mais próximo de Paulo. Não pertencia aos que amaram a

manifestação de seu Senhor e do mundo vindouro. Pelo contrário, amou o curso do tempo presente (ambas as vezes o verbo *agapan!*). Em vez de perseverar na comunhão com o apóstolo prisioneiro, correndo perigo de vida, valorizou e preferiu a vida no presente período de tempo. **Ele me deixou** indica basicamente esta decisão, e não uma apostasia da fé. **Viajou para Tessalônica** permite várias interpretações: era sua terra natal e ele se estabeleceu ali, retirando-se do serviço ao evangelho, ou ele retornou para a igreja de lá, muito ligada a Paulo. Se ela o recebesse como “pessoa do mundo”, isso lançaria uma luz muito duvidosa sobre sua situação atual. À solidão do apóstolo associa-se seu lamento a respeito de um colaborador que abandona o amor pelo Senhor que retornará e dessa forma também se distancia de sofrer com Paulo. – Tu, Timóteo, não te portes como ele e como Figelo e Hermógenes, mas como Onesíforo e Lucas, o único que ainda está comigo.

Crescente viajou para a Galácia. Em nenhuma outra passagem do NT temos notícia dele. A tradição eclesiástica relaciona-o com as primeiras congregações cristãs na atual França (Lyon, Mayence).

Tito para a Dalmácia. Disso podemos concluir apenas que ele já não se encontra mais na ilha de Creta. Por isso a carta a Tito situa-se cronologicamente antes de 2Tm. Crescente e Tito são mensageiros do evangelho que Paulo tornou a enviar para viagens a partir de Roma (a palavra de Deus não está algemada). “Como são formosos os pés dos que anunciam a boa nova”.

- 11 Somente Lucas está comigo.** Lucas acompanhou a primeira viagem do prisioneiro para Roma. Ele relata a viagem como testemunha ocular. Será que ajudou o apóstolo em Roma, como secretário ou médico? Não sabemos. Lucas foi e continuou sendo “o médico amado”. Isso é atestado por sua permanência junto de Paulo na pior das circunstâncias. Será que ele bastava para Paulo? Por que a insistente solicitação a Timóteo: “Vem logo”? Afinal, Lucas dificilmente terá atuado como evangelista itinerante. O evangelista mais jovem, Timóteo, é responsável pelas igrejas na Ásia. Paulo deseja confirmar-lhe pessoalmente o que lhe escreveu, e acima de tudo: Timóteo continua sendo seu filho na fé predileto, o colaborador mais íntimo, que nem mesmo Lucas poderá substituir. Também isso deve ter sido um consolo para Timóteo: embora Lucas esteja com Paulo, ele pede que eu o encontre com urgência. Anseia por mim: tão precioso sou para ele. A frase seguinte poderia sugerir esta correlação: por um lado Lucas está comigo, mas vem o quanto antes, e **chama Marcos como companheiro de viagem e traze-o contigo, pois me é útil para o serviço.** Marcos era parente próximo de Barnabé. Era filho espiritual do apóstolo Pedro.

O mesmo Marcos que Paulo rejeitou no começo de sua segunda viagem missionária, e por causa do qual discutiu intensamente com o amigo Barnabé, a ponto de separar-se deste naquela época, é agora elogiado por Paulo! No ínterim havia se produzido em Marcos uma mudança de pensamento, e os dois se reconciliaram. – No presente caso, serviço (*diakonia*) dificilmente significa assistência pessoal, para isso Paulo não chamaria um missionário do campo de trabalho. Serviço é obra missionária. Marcos deve ter-se tornado um personagem absolutamente autônomo, porque era capaz de colaborar tanto com Pedro quanto com Barnabé e com Paulo, não deixando, porém, de executar seu serviço independente. A exortação de trazer Marcos como companheiro de viagem, o elogio de sua aprovação no ministério convida à reflexão. Tanto naquele tempo quanto hoje é decisivo que os conflitos sejam superados e pessoas que discordam se reconciliem. Marcos não continuou sendo para Paulo uma recordação amarga, mas motivo de elogio e de expectativa por seus bons serviços como colaborador e mediador.

- 12 Tíquico, porém, enviei-o a Éfeso.** Tíquico é “um amado irmão e fiel servo no Senhor”. É assim que Paulo o menciona como portador de suas cartas a Éfeso e Colossos. O colaborador confiável e capaz era cogitado como substituto de Tito quando saiu da ilha para se encontrar com Paulo. Em decorrência, Paulo o envia agora para Éfeso em lugar de Timóteo, que deve vir para Roma. Como no caso de Timóteo, Paulo era ligado a Tíquico não apenas pela incumbência comum no evangelho (conservo e ministro), mas também por um amor e uma consideração pessoais e afetuosos: ele é “um irmão amado”. Por breves que sejam as menções nas saudações, elas não deixam de ser elucidativas para compreendermos o apóstolo e seus relacionamentos com seus semelhantes. Pois ele era tudo, menos uma celebridade solitária e inacessível. Não era um “príncipe apostólico” elevado acima dos demais. Di-versos de seus colaboradores haviam se tornado seus amigos pessoais. Timóteo havia passado de jovem a parceiro, ao qual podiam ser confiadas as maiores e mais difíceis tarefas, e a quem Paulo tinha grande desejo de rever.

13 Quando vieres, traze a capa que deixei em Trôade, em casa de Carpo, bem como os livros, especialmente os pergaminhos! Paulo esteve várias vezes em Trôade. Não sabemos em que ocasião deixou para trás a capa. A capa é um manto de tecido grosso, como uma pelerine ou um poncho comum nos Andes sul-americanos. A prisão é úmida e fria, o inverno está para chegar, e Paulo pensa na capa que o aquecerá, deixada em Trôade na esperança de usá-la novamente quando passasse pela cidade.

Os livros: o termo se refere a folhas de papiro para anotações e para copiar livros. **Folhas de pergaminho** são muito caras e são usadas somente para documentos de valor. Provavelmente se trata aqui de cópias de livros do AT e talvez até mesmo de uma coleção de ditos do Senhor. Como será que esse pedido, que na realidade pressupõe que Paulo ainda pensa em ler, estudar e escrever, combina com o tom anterior e subsequente, que expressa a certeza do chamado iminente para comparecer diante de Deus?

Paulo havia advertido os cristãos em Tessalônica de que não deveriam se deixar afastar do trabalho em vista da expectativa da volta imediata do Senhor. Acaso ele mesmo agiria de outra maneira? De Lutero foi transmitida uma afirmação que revela uma mentalidade idêntica: se o dia final estivesse previsto para começar amanhã, hoje ele ainda plantaria uma macieira.

De qualquer forma era possível que entre sentença e execução trans-corresse um período mais longo. Paulo conta com essa possibilidade para ainda rever Timóteo. Talvez haja também cartas urgentes a ser escritas. Não sabemos as razões. Está claro que Paulo pensa sem cessar na vinda de Timóteo. Qual é a melhor forma para sua viagem? Quem deve acompanhá-lo? O que ele deverá trazer consigo? De que necessito com maior urgência? O pedido pela capa revela que nesse aspecto não se podia esperar ajuda dos cristãos em Roma. Ele estava na prisão, e sentia frio. Como Paulo não escrevia em função de terceiros e ele próprio era o autor, não havia necessidade de prestar maiores explicações: afinal, Timóteo estava informado. Esses detalhes da vida cotidiana do apóstolo não tinham maior relevância para seus contemporâneos e para Timóteo. Para nós, porém, a quem 19 séculos separam da vida desse homem, justamente essas “questões secundárias” possuem um valor muito especial. Permitem que sintamos a pessoa de Paulo por um instante e constatemos: suas lutas e expectativas, sua dor e saudade, sua afeição carinhosa, sua carência de comunhão, de calor, de literatura e trabalho, preso em cadeias, solitário, abandonado, como prisioneiro desonrado... E tudo isso para que se torne manifesto que o poder transbordante em meio a tal impotência não vem do próprio Paulo, e sim de Deus.

3. É preciso contar com oposição – 2Tm 4.14-16

14 – Alexandre, o latoeiro, causou-me muitos males; o Senhor lhe dará a paga segundo as suas obras.

15 – Tu, guarda-te também dele, porque resistiu fortemente às nossas pa-lavras.

16 – Na minha primeira defesa, ninguém foi a meu favor; antes, todos me abandonaram. Que isto não lhes seja posto em conta!

14 Alexandre, o ferreiro, me causou muitos males: pode-se imaginar que se trata do mesmo Alexandre de 1Tm 1.20, mencionado ali ao lado de Himeneu. Nesse caso aquela disciplina não teria levado à reabilitação, pelo contrário, Alexandre teria se endurecido e afligido Paulo com mais maldades ainda: teria falado e atuado contra ele nas igrejas, quando não na própria cidade de Roma. No entanto, é provável que se trate de outro Alexandre: prova disso é a menção de sua profissão, que o diferencia dos demais portadores desse nome, também conhecidos, caracterizando-o de modo inequívoco. Se não, por que a profissão seria acrescentada agora se ele fosse o mesmo colaborador que Paulo já mencionara na primeira carta? Uma vez que a argüição e disciplina humanas não conseguiram reconquistá-lo, ele prestará contas diante de seu Senhor, do qual não poderá escapar.

O Senhor lhe retribuirá segundo suas obras: não que Paulo peça isso para ele, mas ele o entrega nas mãos do justo Juiz. Paulo não está acusando, como pensa um comentarista. Visa advertir Timóteo, razão pela qual descreve a ação nefasta do homem. Ambos, Paulo e Alexandre, receberão retribuição do Senhor segundo suas obras.

15 E também tu cuida-te dele, porque resistiu com veemência às nossas palavras. **Nossas palavras** pode significar: nossa mensagem, nosso evangelho ou a defesa de Paulo (O plural em lugar do singular é típico para Paulo.) O nexa permite pensar antes na oposição *direta* contra Paulo no

interrogatório (veja o v. 16!): neste segundo processo ele até mesmo se apresentou como testemunha contra mim. Nesse caso as declarações de Alexandre teriam atacado fortemente o apóstolo no interrogatório. Na época do NT não era impossível que cristãos traíssem seus irmãos, e assim como hoje isto tampouco é impossível. De acordo com o v. 14 ele causou mal, conforme o v. 15 apresentou resistência verbal às palavras do apóstolo, voltou-se contra Paulo com palavras e ações. Ainda que não saibamos as circunstâncias exatas, essas breves frases nos fornecem um comentário constrangedoramente claro sobre a constelação interior e exterior do apóstolo.

16 Que é o “**primeiro processo**” a que Paulo está se referindo? Há explicações nebulosas:

1) Não é possível que se trate do interrogatório romano e da prisão em Cesaréia (At 24). O sumo sacerdote Ananias, junto com alguns anciãos e um advogado romano de nome Tértulo, vem e acusa Paulo perante o procurador. Na seqüência Paulo apresenta seu discurso de defesa, assim como está previsto no direito romano. O capitão da guarda da prisão recebe a ordem de “que Paulo deve ser mantido preso e obtenha atenuantes (i. é, não seria obrigado a andar algemado), e que ninguém dos seus deveria ser impedido de lhe prestar serviços”. Mas o processo judicial se arrastou por mais de dez anos!

Contudo Cesaréia não pode ser cogitado como local da “primeira defesa” pelo simples fato de que as circunstâncias são demasiado favoráveis em com-paração com 2Tm, e as autoridades romanas até chegam a ser simpáticas com o apóstolo.

2) Porventura esse processo aconteceu durante a primeira detenção em Roma? Urgência e perigo, que repercutem em 2Tm 4, dificilmente combinam com a situação de At 28.30s: “Por dois anos, permaneceu Paulo em sua própria casa, que alugara, onde recebia todos que o procuravam, pregando o reino de Deus, e, com toda a intrepidez, sem impedimento algum, ensinava as coisas referentes ao Senhor Jesus Cristo.” Aqui Paulo está em custódia, ainda mais facilitada que na Cesaréia, de modo que pode residir em uma casa alugada com recursos próprios. Não está metido em um cárcere governamental, e pode anunciar a Jesus com alegria sem que as autoridades interfiram; e os cristãos podem visitá-lo sem impedimento, aliviando-lhe a estadia. Por meio de sua proclamação até mesmo judeus aceitaram a fé em Jesus como seu Messias. A imagem que nos é trazida no fim de Atos dos Apóstolos de forma alguma combina com a situação grave, ameaçadoramente aflitiva e triste, do último capítulo da última carta de Paulo. Tampouco combinam as condições mencionadas por Paulo na carta aos Filipenses. Lá sua prisão serviu ao avanço do evangelho, a maioria dos irmãos ganhou confiança e anuncia a palavra sem temor e com crescente ousadia. Fazem-no por amor a Paulo, sabendo que está preso por causa do evangelho. Outros, porém, o in-vejam e anunciam Cristo por razões questionáveis, para dificultar a vida do apóstolo. Ele, porém, se alegra, desde que Cristo seja pregado. A igreja dos filipenses enviou-lhe um donativo por meio de um colaborador amado. Paulo não está sozinho, tem colaboradores em torno dele. “Saúdam-vos os irmãos que estão comigo!” (Saúdam-vos todos os santos, especialmente os da casa de César).

3) O processo durante a primeira detenção em Roma, contudo em um estágio posterior ao descrito em At 28. Já se especulou muito sobre o final súbito de Atos dos Apóstolos. Certo é que não se fala de um processo judicial, que ainda está por acontecer. Como mostra a experiência na Cesaréia, era bem possível que tais processos se arrastassem por dois anos.

No decorrer de dois anos as condições podem ter piorado bastante. Agora se tornava perigoso visitar Paulo. Aqueles evangelistas que já não simpatizavam com Paulo antes dessa época passaram a advertir a igreja sobre ele. Também colaboradores mais próximos se retraíram quando ocorreu a primeira audiência principal no tribunal de César, de modo que ele não tinha apoio. Porém o Senhor o fortaleceu de tal forma que conseguiu fazer seu discurso de defesa com vigor persuasivo. A sentença o inocentou, estava “salvo das presas do leão”. Pôde realizar outra viagem e evangelizar, levar ao término a incumbência de proclamação. Seu antigo plano se concretizou: conseguiu ir à Espanha e depois ainda visitar igrejas na Ásia. Essa interpretação não parece inviável. O único argumento contrário é que se deve supor um tempo livre de viagem de pelo menos dois anos entre 2Tm 4.17 e 18, o que não pode ser comprovado nem desmentido a partir do texto. Por isso tentamos uma quarta alternativa de interpretação.

Vemos os fatos da seguinte maneira: trata-se provavelmente do primeiro interrogatório (*prima actio*) durante a *segunda* detenção em Roma. Agora a igreja em Roma já não o apóia, as igrejas e os colaboradores na Ásia também o abandonaram (2Tm 1.15), Demas o deixou, ninguém o defende no processo: até mesmo se apresentam contra ele testemunhas malévolas como Alexandre. A essa

explicação parece se opor o argumento de que o próprio Paulo fala de uma salvação da boca do leão, que dificilmente explica como ele depois teria sido conduzido de volta à prisão, e como depois se deve entender consumação do anúncio a todos os povos.

4. O Senhor salva em tudo – 2Tm 4.17s

17 – Mas o Senhor me assistiu e me revestiu de forças, para que, por meu intermédio, a pregação fosse plenamente cumprida, e todos os gentios a ouvissem; e fui libertado da boca do leão.

18 – O Senhor me livrará também de toda obra maligna e me levará salvo para o seu reino celestial. A ele, glória pelos séculos dos séculos. Amém!

17 Mas o Senhor me assistiu e me revestiu de forças: como em Rm 16.2; fortalecer, energizar; cf. Fp 4.13. Assim fala o homem preso em Roma. Jesus promete a seus discípulos o apoio do Espírito Santo, seu poder e sua presença no momento em que estiverem diante do tribunal.

Para que, por meu intermédio, a pregação fosse plenamente cumprida. Pode-se entender essas palavras como se Paulo ainda não “terminou seus préstimos”. Não esteve ainda no extremo Oeste, e por isso ainda pretendia dirigir-se para lá. No entanto, igualmente pode significar que, perante o tribunal imperial” “na presença de todos os povos” Paulo proclamou o evangelho pela última vez ou até o fim, até o pleno cumprimento em seu discurso de defesa, assim como fizera perante o rei Agripa. O testemunho em juízo era uma das melhores maneiras de anunciar o evangelho. Já em 1Co 4.9 ele se entende como condenado à morte: o menor dos apóstolos no mundo, transformado em espetáculo para anjos e humanos. Nesse sentido, que abarca o mundo visível e invisível, ele também podia escrever que o evangelho já fora proclamado na *totalidade* da criação sob o céu. 1Tm 3.16: o evangelho *foi* anunciado entre os gentios, crido no mundo. Comparemos novamente 2Tm 4.5,7 e 17: três vezes Paulo escreve a respeito de “consumar”, usando três vezes a mesma palavra. Cumpri a corrida, cumpri agora cabalmente a proclamação a todos os povos, agora cumpre também tu, Timóteo, o teu serviço.

E fui salvo das fauces do leão. A forma passiva significa: o Senhor me redimiu, cf. o começo do versículo: “O Senhor me assistiu.” Também isso pode se referir a um episódio histórico no passado e ter o sentido de “fui salvo de grande perigo; fui solto do cárcere”. O “ser salvo”, porém, pode ter igualmente um significado escatológico, como acontece com o v. 18. “Ele nos salvou da esfera de poder das trevas.” O leão pode ser símbolo de Satanás, como também Lutero interpreta em seu comentário. Além do mais Paulo já escreveu em 2Tm 3.11 acerca de suas perseguições e sofrimentos do passado, dos quais todos o Senhor o redimiu.

Embora não tivesse defensores nem advogado, consegui testemunhar mais uma vez com poder, cabalmente e até o fim, o evangelho da graça de Deus, apesar do extremo perigo oferecido pela acusação, apesar de falsas testemunhas do reduto cristão, apesar de todos os poderes sombrios. Porque o Senhor o assistiu, o fortaleceu e o salvou de toda a tribulação e temor da morte. A primeira audiência (*actio prima*) na verdade acabou, mas ficou muito claro que já não se pode contar com uma absolvição.

18 O Senhor me protegerá de todo ataque do mal e me salvará para dentro de seu reino celestial. Ressoa a última prece da Oração do Senhor: livra-nos do mal, porque teu é o reino. Não o mal que os adversários lhe fizeram (v. 14) ou ainda pretendem lhe causar, mas Satanás, “o velho inimigo” (Lutero), foi derrotado e aniquilado pelo Senhor sobre pecado, morte e diabo.

Salvar para dentro de seu reino celestial. Mais um verbo para “salvar”: conduzir de pecado, morte e juízo para a salvação, conceder a salvação. O Senhor, que resgatou a ele, o pecador, convocando-o ao serviço, chama-o agora para entrar no reino celestial. Paulo está envolto pelo amor redentor de seu Senhor. Ficou completa a alegria da despedida. Agora ele estará com Cristo, o que é muito melhor. Agora seu espírito explode em louvor: **ele, a quem cabe honra para toda a eternidade. Amém.** Jesus, o Senhor exaltado, seja louvado! O NT traz ambas as dimensões: o louvor de exaltação para o Pai e para o Filho. O que soava de forma subjacente nos v. 6 a 8 agora foi expresso mais uma vez como louvor perante aquele que o amou e a si mesmo se entregou para redimi-lo. Com ele Paulo foi crucificado, com ele morreu. Assim também viverá e reinará agora com ele para todo o sempre. “Não a nós, ó Senhor, não a nós, mas ao teu nome dá glória!”

O FINAL DA CARTA – 2Tm 4.19-22

1. Saudações – 2Tm 4.19-21

19 – Saúda Prisca e Áqüila, e a casa de Onesíforo.

20 – Erasto ficou em Corinto. Quanto a Trófimo, deixei-o doente em Mileto.

21 – Apressa-te a vir antes do inverno. Êubulo te envia saudações; o mesmo fazem Prudente, Lino, Cláudia e os irmãos todos.

19 Saúda Prisca e Áqüila. Paulo esteve ligado de coração a esse casal durante muitos anos, sendo-lhes agradecido. Prisca é citada aqui antes do marido. Essa anteposição do nome da mulher é incomum e atesta no mínimo que Prisca foi uma importante discípula de Jesus e colaboradora, não apenas no trabalho que ambos puderam exercer em conjunto, mas também no serviço do evangelho: em Rm 16.3s ela, e também o casal, se encontra no começo da lista de saudações, como também em 2Tm. Em At 18.26 o casal (Prisca é novamente citada em primeiro lugar) convida Apolo, muito versado nas Escrituras e fogoso no Espírito, para ir à sua casa e “expuseram-lhe conjuntamente, com mais exatidão, o caminho de Deus”. Portanto *ambos* deviam estar bem familiarizados nas Escrituras. Devem ter detectado rapidamente as lacunas de Apolo e em vista disso agiram com autoridade espiritual. Quando se consideram autênticas as past e se leva a sério seu conteúdo, prevalece a regra exegética de que a Escritura precisa ser explicada com a Escritura, inclusive na questão da posição de Paulo perante a mulher. Como Paulo poderia ser inimigo das mulheres, como poderia menosprezar o valor e a contribuição da mulher na igreja, se era amigo de um casal tão ativo e não apenas estava consciente do serviço da mulher ao evangelho, mas também o cita com elogios? É a esse casal que ele *agora* envia saudações!

E a casa de Onesíforo. Duas casas, duas famílias, cuja saudação e recordação representava consolo e fortalecimento para o homem solitário. O próximo versículo deve ser entendido como adendo ao v. 10.

20 Erasto permaneceu em Corinto. Cabe pensar aqui no antigo companheiro de viagem de Timóteo, e não no tesoureiro de Corinto. Erasto e Timóteo foram enviados por Paulo como ajudantes à Macedônia, enquanto ele mesmo permaneceu na província da Ásia. A breve frase reforça a suposição de que antes da segunda detenção Paulo também esteve em Corinto – junto com Erasto, que foi deixado naquela cidade.

Quanto a Trófimo, deixei-o doente em Mileto. Trófimo era oriundo de Éfeso. É citado na terceira viagem missionária, igualmente ao lado de Timóteo e outros colaboradores. Acompanhou o apóstolo até Jerusalém e involuntariamente tornou-se motivo de sua prisão: os judeus alegavam que Paulo teria conduzido o gentio incircunciso para dentro do sagrado átrio do templo. Timóteo não entenderia se os colaboradores conhecidos dele não lhe enviassem saudações. Por isso Paulo lhe escreve: não estão comigo. Inicialmente pretendia levar Trófimo para Roma – é o que precisamos presumir – mas como adoeceu, não pôde seguir viagem. Paulo está ciente de ambas as coisas: que enfermos podem ser curados em nome de Jesus e que enfermos, até mesmo quando são cristãos, podem continuar enfermos pelo tempo que aprover a Deus. A menção dos bons colaboradores e amigos de Timóteo, que não estão em Roma, faz com que a solidão mais uma vez aflore nitidamente na consciência, pressionando para que Paulo repita o pedido:

21 Apressa-te em vir ainda antes do inverno! Durante os meses de inverno a navegação era interrompida, motivo pelo qual uma partida atrasada poderia ser tarde demais. Talvez você já não me encontre entre os vivos após o inverno. – A repetição, no entanto, também pode incluir o pensamento: não retardes, não hesites, não te deixes deter por timidez e insegurança ou quaisquer circunstâncias! Vem realmente sem demora pelo caminho mais rápido. Ninguém deve largar o trabalho depressa demais, mas quando se trata de me ver mais uma vez, põe-te *rapidamente* a caminho!

Uma vez que durante o primeiro cativeiro do apóstolo Timóteo estivera com ele em Roma (não sabemos por quanto tempo), encontrou ali amigos na fé: **saúdam-te Êubulo e Prudente, Lino, Cláudia e os irmãos todos.** Todos são desconhecidos no restante do NT. De acordo com a tradição um tal de Lino teria sido primeiro bispo de Roma. Quem são “os irmãos todos”? Pelo que se depreende os fiéis, ainda que não a igreja toda, enviam votos a Timóteo. Porém, isso não conflita

com o v. 16: no interrogatório ninguém me apoiou? Essa afirmação não exclui que alguns mais próximos também se achegassem a Paulo.

2. Voto de bênção – 2Tm 4.22

22 – O Senhor seja com o teu espírito. A graça seja convosco.

O Senhor seja com teu espírito! A saudação é formulada de maneira mais direta que em geral. Não “a graça” do Senhor, mas o próprio “Senhor” seja com teu espírito.

A graça seja convosco! Tanto em 1Tm quanto em Tt, isto é uma confirmação de que as past não possuem um caráter exclusivamente particular. São ao mesmo tempo cartas de relevância geral para a igreja. Hoje se falaria de uma “carta aberta”. Sem dúvida ela foi escrita e enviada a uma pessoa real, mas ao mesmo tempo é publicada (no jornal ou de qualquer outro modo), porque se pode contar com um interesse geral correspondente.

A última palavra que lemos de Paulo é uma palavra de oração, um voto de bênção: o Senhor, a graça seja contigo, convosco, conosco!

BIBLIOGRAFIA SOBRE AS CARTAS A TIMÓTEO, TITO E FILEMOM

BENGEL, Johann A. Gnomon, Auslegung des Neuen Testaments in fortlaufenden Anmerkungen, vol. II, Stuttgart 7ª ed. 1960

BRANDT, Wilhelm. Das anvertraute Gut, Eine Einführung in die Briefe an Timoteus und Titus. Hamburgo 2ª ed. 1959

DIBELIUS, Martin. Die Pastoralbriefe, 3ª ed. revista por Hans Conzelmann, Tübingen 1955

FRIEDRICH, Gerhard. Der Brief an Filemon, in: Das Neue Testament Deutsch vol. 8, 13ª ed. Göttingen 1972

GUTHRIE, Donald. The Pastoral Epistles, An Introduction and Commentary, Londres 1957

HOLTZ, Gottfried. Die Pastoralbriefe, in: Theologischer Handkommentar zum Neuen Testament, vol. XIII, Berlin.

JEREMIAS, Joachim. Die Briefe an Timoteus und Titus, NTD 4, Göttingen 4ª ed. 1947

LOHSE, Eduard. Die Briefe an die Kolosser und an Filemon, Meyers Kritisch-Exegetischer Kommentar IX/2, 14ª ed. Göttingen 1968

MICHEL, Otto. Grundfragen der Pastoralbriefe, in: Auf dem Grunde der Apostel und Propheten, FS T. Wurm, ed. Loser, Stuttgart 1948

SCHLATTER, Adolf. Die Kirche der Griechen im Urteil des Paulus. Eine Auslegung seiner Briefe an Timoteus und Titus, Stuttgart 2ª ed. 1958

SIMPSON, E. K. The Pastoral Epistles, The Greek Text with Introduction and Commentary, Londres 1954

SPICQ, P. C. Les Epîtres Pastorales, Librairie Lecoffre, Paris 3ª ed. 1947

WOHLENBERG, D. G. Die Pastoralbriefe, in: Kommentar zum Neuen Testament, ed. Theodor Zahn, Leipzig.

1

¹Bürki, H. (2007; 2008). *Comentário Esperança, Segunda Carta a Timóteo; Comentário Esperança, 2Timóteo* (4). Editora Evangélica Esperança; Curitiba.